



**ANA FLÁVIA PEREIRA DE MIRANDA**

**A MATERIALIZAÇÃO POLÍTICA DOS SENTIDOS: UMA ABORDAGEM  
SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DAS FORMAÇÕES NOMINAIS DIA E NOITE**

**PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS  
TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA**

**São João del-Rei  
2024**



ANA FLÁVIA PEREIRA DE MIRANDA

**A MATERIALIZAÇÃO POLÍTICA DOS SENTIDOS: UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DAS FORMAÇÕES NOMINAIS DIA E NOITE**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Área de concentração:** Teoria Literária e Crítica da Cultura

**Linha de pesquisa:** Discurso e Representação Social

**Orientadora:** Profa. Dra. Luciani Dalmaschio

**Julho de 2024**

Ana Flávia Pereira de Miranda


A materialização política dos sentidos: uma abordagem  
semântico-enunciativa das formações nominais dia e noite

**Banca Examinadora**

 Documento assinado digitalmente  
**LUCIANI DALMASCHIO**  
Data: 11/07/2024 09:48:11-0000  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Profa. Dra. Luciani Dalmaschio – UFSJ  
(Presidente/Orientador)

 Documento assinado digitalmente  
**LUIZ FRANCISCO DIAS**  
Data: 04/07/2024 14:44:35-0000  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Prof. Dr. Luiz Francisco Dias - UFMG  
(Titular Externo)

 Documento assinado digitalmente  
**NÁDIA DOLORES FERNANDES BIAVATI**  
Data: 16/07/2024 09:41:21-0000  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Prof. Dra. Nádia Dolores Fernandes Biavati - UFSJ  
(Titular Interna)

---

Profa. Dra. Miriam de Paiva Vieira  
Coordenadora do PPG em Letras

**Julho de 2024**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO,  
ADMINISTRAÇÃO E CONTRATOS

FOLHA DE ASSINATURAS

---

*Emitido em 17/07/2024*

**HOMOLOGAÇÃO Nº 57/2024 - PROMEL (13.20)**

**(Nº do Protocolo: 23122.020066/2024-11)**

*(Assinado digitalmente em 17/07/2024 11:30)*

MIRIAM DE PAIVA VIEIRA

COORDENADOR DE CURSO

PROMEL (13.20)

Matrícula: ###080#0

Visualize o documento original em <https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/> informando seu número: 57, ano: 2024, tipo: **HOMOLOGAÇÃO**, data de emissão: 17/07/2024 e o código de verificação: 2f6f4a32b4

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)  
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M672m Miranda, Ana Flávia Pereira de.  
A materialização política dos sentidos : uma  
abordagem semântico-enunciativa das formações nominais  
dia e noite / Ana Flávia Pereira de Miranda ;  
orientadora Luciani Dalmaschio. -- São João del-Rei,  
2024.  
107 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em  
Letras) -- Universidade Federal de São João del-Rei,  
2024.

1. Semântica da Enunciação. 2. Formação nominal. 3.  
Referencial histórico. 4. Redes enunciativas. 5.  
Mitologia judaico-cristã. I. Dalmaschio, Luciani,  
orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

A escrita me guiou pelas mãos dos sentidos durante os últimos dois anos e meio. Escrever foi e tem sido uma esperança de não me esquecer da grandiosidade da educação, da arte e, sem dúvidas, da própria vida. Sem as palavras e os sentidos de que somos constituídos, o abismo pandêmico — no qual, em 2021, terminei minha monografia da licenciatura em Letras, no qual me formei no ensino superior, no qual iniciei este mestrado, no qual tanto e tantos perdemos — teria também feito de abismo essas conquistas e o devir pós-pandemia. O trabalho com a escrita me sustentou com suas mãos carinhosas e severas. O estudo, por meio da palavra e sobre ela, tem sido, assim, minha forma de ver o mundo acontecendo e, do mesmo modo, agir em relação a ele.

Agradeço, por isso, às possibilidades que o espaço acadêmico me permitiu enquanto estudante e pesquisadora. Um espaço que me presenteou com um vasto conhecimento intelectual, cultural e artístico. Um espaço que me presenteou, também, com amizades, memórias, saudades; um espaço no qual encontrei orientação e sentido.

Agradeço aos professores do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei. Agradeço pela capacidade que aprendi, com vocês, de admirar o ensino e o saber. Sou grata, sobretudo, à Profa. Dra. Luciani Dalmaschio pela orientação cuidadosa e pelo ensino em cada palavra; agradeço por ter me mostrado, desde 2019, como quero ser quando for grande.

Agradeço aos amigos do grupo Enunciar da UFMG e do grupo de estudos da Semântica da Enunciação da UFSJ. Inefável é a minha admiração pelo que produzimos juntos. Em especial, agradeço ao Prof. Dr. Luiz Francisco Dias pela construção teórica inestimável que produz com a Semântica da Enunciação, agradeço por dividir conosco outras maneiras de significar os caminhos da educação e da pesquisa. Agradeço, também, à profa. Dra. Nádia Biavati pela força de pesquisa com a qual me ajudou a estruturar a minha dissertação.

Agradeço à amiga e pesquisadora Vic Stussi Martins, cuja pesquisa me guiou teoricamente em diversos tópicos que aqui se encontram. Agradeço à querida e grandiosa Laura Dela-Sávia, com a qual dividi a minha primeira aula na graduação e pela qual possuo imenso respeito e estima.

Agradeço aos trabalhadores da UFSJ. Agradeço à ASSIN pela garantia do intercâmbio durante o mestrado, mesmo após a pandemia. Agradeço aos amigos que fiz na UFSJ, aos amigos que fiz na UPorto, às professoras da FLUP, aos amigos que fiz em São João del-Rei, aos amigos que fiz em Portugal.

Agradeço o apoio, os abraços e os festejos dos meus primos Will e Maryane; amo vocês. Agradeço à minha mãe e ao meu irmão pelo suporte pós-intercâmbio, o qual me ajudou na escrita para a qualificação. Agradeço, também, à minha vó e à Didi pelos cafés e carinho de sempre. Agradeço à Ana Catalarrana pelo amor e pelo suporte incontestável. Agradeço à dona Isabel pela preocupação afetuosa. Agradeço às amigas e aos amigos que estão longe, mas seguem sempre comigo.

Agradeço, por fim, aos possíveis leitores e pesquisadores que, de alguma maneira, chegaram até aqui.

A Oswald Ducrot,  
pelo que foi e continuará sendo dito.



*Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível que lhe deres:  
Trouxeste a chave?*

*Repara:  
ermas de melodia e conceito  
elas se refugiaram na noite, as palavras.  
Carlos Drummond de Andrade*

## RESUMO

Esta pesquisa se filia à teoria balizada pela Semântica da Enunciação e tem como reflexão os efeitos de sentido (des)regularizados pelas formações nominais (FN) que se apresentam organizadas em torno dos nomes-núcleo “dia”, “noite”, “luz”, “trevas/escuridão” e dos convergentes “diurno” e “noturno”. Estamos alicerçados pela noção de que a realidade ganha pertinência na enunciação; assim, de que não há objetos, com pertinência social, anteriores ao dizer. Postulamos, desse modo, que a proliferação da mitologia judaico-cristã no Ocidente atua na enunciação do dia e da noite. Embasados, então, nos conceitos de formação nominal, referencial histórico e pertinência enunciativa, desenvolvidos por Dias (2013, 2015, 2018), bem como nas noções de acontecimento, espaço de enunciação, cena enunciativa e político, apresentadas por Guimarães (2017 [2002], 2018), temos a hipótese de que a Bíblia Cristã, ainda hoje, rege, de forma predominante, os referenciais das FNs que tencionamos analisar. Isso posto, perpassa-nos o entendimento de que tanto o “Livro do Gênesis” como o “Evangelho de João”, ao designarem a luz, o claro e o bom como “dia”; e as trevas, a escuridão e o que não é bom como “noite”, constituem sócio-historicamente a memória enunciativa dessas FNs e, por conseguinte, ancoram-lhes a atualidade. Amparados metodologicamente pelo procedimento de análise denominado redes enunciativas (Dias, 2018, 2023), buscaremos, de forma geral, analisar em que medida os efeitos de sentido dessas formações nominais se sustentam nos referenciais históricos mobilizados enunciativamente pela mitologia judaico-cristã; de forma simultânea, procuraremos explicitar, especificamente, a participação do viés político nas divisões enunciativas que se configuram no dizer, detalhar as duas subcategorias de referencial histórico (Martins, 2021; Dalmaschio e Martins, 2022), bem como discorrer, brevemente, acerca de como podemos revisitar os conceitos de sinonímia e de antonímia por meio do olhar semântico-enunciativo. Acreditamos, por fim, que há uma soberania do político nos enunciados que, ancorados na mitologia, fazem emergir, por exemplo, a escuridão e a luz de forma tão diáfanas no Ocidente. Posto que o mito é um modo de significação (Barthes, 2001 [1957]), postulamos que somente por intermédio da linguagem — que é política —, e não de algo divino, relacionamo-nos com a história e, de modo delimitado, nesta pesquisa, com a mitologia judaico-cristã, dada histórica e enunciativamente.

**Palavras-chave:** Semântica da Enunciação. Formação nominal. Referencial histórico. Redes enunciativas. Mitologia judaico-cristã.

## ABSTRACT

This research aligns with the theory guided by the Semantics of Enunciation and reflects on the effects of meaning (ir)regularized by nominal formations (FNs) organized around the core nouns “day,” “night,” “light,” “darkness,” and the convergent terms “diurnal” and “nocturnal.” We are grounded in the notion that reality gains pertinence in enunciation; thus, there are no objects with social pertinence before the act of saying. We postulate, therefore, that the proliferation of Judeo-Christian mythology in the West influences the enunciation of day and night. Based on the concepts of nominal formation, historical referentiality, and enunciative pertinence developed by Dias (2013, 2015, 2018), as well as the notions of event, enunciative space, enunciative scene, and the political presented by Guimarães (2017 [2002], 2018), we hypothesize that the Christian Bible still predominantly governs the references of the NFs we intend to analyze. Consequently, we understand that both the “Livro do Gênesis” and the “Evangelho de João” by designating light, brightness, and goodness as “day,” and darkness, obscurity, and what is not good as “night,” socio-historically constitute the enunciative memory of these FNs and, therefore, anchor their current relevance. Methodologically supported by the analysis procedure called enunciative networks (Dias, 2018, 2023), we will generally seek to analyze the extent to which the effects of meaning of these nominal formations are sustained in the historical references mobilized enunciatively by Judeo-Christian mythology; simultaneously, we will specifically seek to clarify the participation of the political bias in the enunciative divisions configured in discourse, detail the two subcategories of historical referentiality (Martins, 2021; Dalmaschio e Martins, 2022), and briefly discuss how we can revisit the concepts of synonymy and antonymy through the semantic-enunciative perspective. Finally, we believe that there is a sovereignty of the political in statements that, anchored in mythology, bring forth, for instance, darkness and light in such transparent ways in the West. Since myth is a mode of signification (Barthes, 2001 [1957]), we postulate that only through language — which is political — and not through something divine, do we relate to history, and, specifically in this research, to Judeo-Christian mythology, historically and enunciatively given.

**Keywords:** Semantics of Enunciation. Nominal Formation. Historical Referentiality. Enunciative Networks. Judeo-Christian mythology.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b>	Escuridão é ódio, luz é amor	28
<b>FIGURA 2</b>	A mão que afaga a noite	37
<b>FIGURA 3</b>	A mão que apedreja a noite	37
<b>FIGURA 4</b>	Ocorrência de antônimos para “noite”	50
<b>FIGURA 5</b>	Ocorrência de antônimos para “dia”	50
<b>FIGURA 6</b>	Luz e trevas na política brasileira	57
<b>FIGURA 7</b>	Quadrinho sobre o dia e a noite	61
<b>FIGURA 8</b>	Mensagem para inspirar uma boa noite	61
<b>FIGURA 9</b>	Resultado da busca da primeira ocorrência de “noite” + “mulher”	64
<b>FIGURA 10</b>	Resultado da busca da primeira ocorrência de “noite” + “homem”	64
<b>FIGURA 11</b>	Resultado para “a primeira noite de uma mulher”	65
<b>FIGURA 12</b>	Resultado para “homem da noite”	65
<b>FIGURA 13</b>	Resultado quantitativo para “medo noturno”	82
<b>FIGURA 14</b>	Resultado quantitativo para “medo diurno”	82
<b>FIGURA 15</b>	Terror diurno	85
<b>FIGURA 16</b>	Dia Internacional das Mulheres	87
<b>FIGURA 17</b>	A onipotência do medo sentido por mulheres	87
<b>FIGURA 18</b>	Medo de homem	88
<b>FIGURA 19</b>	<i>La Thraison des Images</i>	90
<b>FIGURA 20</b>	Noite que é dia	93
<b>FIGURA 21</b>	Dia que é noite	93
<b>FIGURA 22</b>	Todo dia é noite	93
<b>FIGURA 23</b>	A rede do “dia”	97
<b>FIGURA 24</b>	A rede da “noite”	98

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b>	Rede enunciativa: FNs “luz” e “escuridão”	28
<b>QUADRO 2</b>	Rede enunciativa: os movimentos de sentido do “dia” e da “noite”	43
<b>QUADRO 3</b>	Articulação subnominal das FNs “dia” e “noite”	49
<b>QUADRO 4</b>	Resultado ( <i>Google</i> ) para ‘antônimos’ de “noite” e “dia”	50
<b>QUADRO 5</b>	Rede enunciativa: FNs “luz” e “trevas”	57
<b>QUADRO 6</b>	Rede enunciativa: movimento de condensação de “luz” e “trevas”	58
<b>QUADRO 7</b>	Rede enunciativa: FNs “dia” e “noite”	61
<b>QUADRO 8</b>	Rede enunciativa: ocorrências em destaque	64
<b>QUADRO 9</b>	Rede enunciativa: a noite dos papéis sociais	65
<b>QUADRO 10</b>	Rede enunciativa: a <b>noite</b> e a <i>noite</i>	66
<b>QUADRO 11</b>	Estrutura componencial sob o ponto de vista da formação nominal	68
<b>QUADRO 12</b>	Articulação das FNs sob o ponto de vista da força referencial	68
<b>QUADRO 13</b>	Rede enunciativa: o “dia” e a “noite” sob perspectivas referenciais	71
<b>QUADRO 14</b>	Rede enunciativa: o tic-tac do referencial histórico	72
<b>QUADRO 15</b>	Rede enunciativa: FNs “noite” e “escuridão”	80
<b>QUADRO 16</b>	Rede enunciativa: os ‘monstros’ dos sentidos	82
<b>QUADRO 17</b>	Rede enunciativa: o político do medo	84
<b>QUADRO 18</b>	Rede enunciativa: convergentes “diurno” e “noturno”	85
<b>QUADRO 19</b>	Rede enunciativa: ocorrências para “noite” + “mulher” + “medo”	87
<b>QUADRO 20</b>	Rede enunciativa: ocorrências para “noite” + “homem” + “medo”	88
<b>QUADRO 21</b>	Rede enunciativa: <i>Ceci n’est pas</i> só “dia” ou só “noite”	93
<b>QUADRO 22</b>	Sinonímia enunciativa das FNs “dia” e “noite”	96

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>1</b>	<b>O REFERENCIAL MITOLÓGICO CRISTÃO</b>	16
1.1	A pertinência do mito	17
1.2	Bíblia: documento-monumento	21
<b>2</b>	<b>PRESSUPOSTOS DA SEMÂNTICA HISTÓRICA DA ENUNCIÇÃO</b>	25
2.1	Enunciação, acontecimento e sentido	26
2.2	Formação nominal	31
2.3	Referencial histórico e pertinência enunciativa	34
2.3.1	Referencial temático e perspectiva referencial	35
2.4	Espaço de enunciação e cena enunciativa	38
<b>3</b>	<b>PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS</b>	41
<b>4</b>	<b>EM ANÁLISE: O DIA E A NOITE DOS SENTIDOS</b>	46
4.1	Os caminhos da formação nominal: um olhar para o referencial histórico cristão do “dia” e da “noite”	47
4.2	Referencial histórico e pontos de vista	63
4.3	Sobre o político da e na linguagem	74
4.4	Sinonímia, antonímia e a vida quimérica de um sentido	90
	<b>CONSIDERAÇÕES</b>	100
	<b>REFERÊNCIAS</b>	103

## INTRODUÇÃO

Filiamo-nos à teoria balizada pela Semântica da Enunciação, cujo pressuposto analítico se debruça à reflexão acerca da materialidade linguística constituída pela instância histórico-social e, em conjunto, instalada nessa instância. Trata-se de uma perspectiva na qual as dinâmicas histórico-sociais e a materialidade linguística, de forma interseccional, se nos recortam e se nos circundam. Propomo-nos, desse modo, a uma análise do âmbito no qual as palavras significam e, conseqüentemente, dividem, agrupam, operam e organizam o mundo. Portanto, adotar um olhar enunciativo para compreender a significação nos dá a oportunidade de entender como mundo e linguagem, intrinsecamente, se nos constituem. Buscamos, assim, a compreensão dos mecanismos pelos quais a linguagem significa.

Conforme Guimarães (2018, p. 23), “a língua não é algo abstrato, [mas] é algo histórico, se apresenta pela prática humana, por relações que fundamentam o funcionamento desta prática cuja característica é a de produzir significações: a linguagem”. À medida que nos colocamos frente à materialização linguística dos enunciados e das formações nominais (doravante, FN), vamos nos deparando com aquilo que, na materialidade, não está visível, isto é, com aquilo que reside no plano do enunciável. Na trama enunciativa, os planos internos e externos — orgânico e enunciável — estão na ordem do necessário para a nossa prática de linguagem.

Desse modo, podemos dizer, de acordo com Dias (2018), que a língua se desdobra na interface de dois planos distintos e complementares: o plano da organicidade e o plano do enunciável. De um lado, o primeiro — campo das formas — trata das “relações de pertinência na horizontalidade textual” (Dias, 2018, p. 46), ou seja, “situa-se no limite do material” (Dalmaschio, 2013); de outro lado, o segundo — campo do simbólico — trata dos “domínios sociais de mobilidade de sentidos” (Dias, 2018) e se dá “pelo uso efetivo da materialidade linguística em determinado acontecimento enunciativo” (Dalmaschio, 2013). Segundo Dalmaschio (2013, p. 63), orientada pelos pressupostos de Dias, essas “duas dimensões — orgânica (material) e simbólica (enunciativa) — sustentam o acontecimento do dizer”. A pertinência social de um enunciado é, então, o resultado do acontecimento da produção do sentido, nomeadamente, da **enunciação** (Dias, 2018).

Embasados, assim, nos conceitos de **formação nominal**, **referencial histórico**<sup>1</sup> e **pertinência enunciativa**, desenvolvidos por Dias (2013, 2015, 2018), bem como nas noções

---

<sup>1</sup> O conceito de referencial histórico é desenvolvido por Luiz Francisco Dias, com base no que apresentou o filósofo Michel Foucault, na obra *A Arqueologia do Saber* (2008 [1969]).

de **acontecimento**, **espaço de enunciação** e **político**<sup>2</sup>, apresentadas por Guimarães (2017 [2002], 2018), levantamos a **hipótese** de que a mitologia judaico-cristã ancora, de maneira predominante, os referenciais históricos das formações nominais que analisaremos em seguida, a saber, nosso **objeto de pesquisa**: as FNs de que participam os nomes-núcleo “dia”, “noite”, “luz”, “escuridão/trevas”<sup>3</sup> e os convergentes adjetivais “diurno” e “noturno”.

Como obra central na religião e na cultura do Ocidente, a Bíblia cristã exerce e ampara um papel inegável na construção da sociedade, das crenças, da história, dos símbolos, das leis, em síntese, na enunciação. Isso posto, perpassa-nos o entendimento de que tanto o “Livro do Gênesis” como o “Evangelho de João”, ao designarem a luz, o claro e o bom como “dia”; e as trevas, a escuridão e o que não é bom como “noite”, constituem, de maneira sócio-histórica, os referenciais históricos dessas formas linguísticas, sustentando, por conseguinte, a atualidade das FNs em questão.

É importante ressaltar que não nos delimitamos a uma leitura sagrada, exegética ou hermenêutica da Bíblia, isto é, não se trata de uma pesquisa interpretativa ou ontológica do texto bíblico. “Para a semântica linguística o que interessa é saber, no que diz respeito à relação da linguagem com as coisas, como ao dizer algo fala-se das coisas” (Guimarães, 2017, p. 12). O interesse é, em suma, o de tornar científico, pela abrangência e importância da análise semântico-enunciativa, o que existe em certo obscurantismo linguístico, isto é, dar luz aos efeitos de sentido da noite e do dia quando são enunciadas as FNs “noite” e “dia”, em outras palavras, quando somos mobilizados a significá-las.

De acordo com Guimarães (2017, p. 58), “o espaço do homem só é espaço enquanto historicamente determinado, e a linguagem o designa neste processo histórico”. A relação que existe entre certo sujeito e a noite, desse modo, é somente uma relação x ou y porque é historicamente constituída pela e na linguagem. Com efeito, o que estamos postulando é que a linguagem designa e, simultaneamente, constitui o que se manifesta de forma relacional entre o homem e a noite, entre o homem e o dia, entre o homem e os outros homens, entre o homem e o mundo.

A fim de realizar uma abordagem teórica do funcionamento enunciativo de certo maniqueísmo que se manifesta nas FNs “dia/noite”, “luz/trevas”, “bom/não-bom”, é preciso,

---

<sup>2</sup> A noção de político, em Guimarães (2017 [2002], 2018), instala-se como um debate entre a relação de político como conflito (Orlandi, 1990) e da política como dissenso (Rancière, 1996 [1995]).

<sup>3</sup> Tanto “escuridão” como “trevas” aparecem em traduções distintas da Bíblia cristã, essa é a razão dos pares apresentados. Nesta pesquisa, intentamos a análise, com base semântico-enunciativa, acerca da ‘sinonímia’ entre essas e outras formações nominais, especificamente na seção **4.4 Sinonímia, antonímia e a vida quimérica de um sentido**.



então, proceder metodologicamente tendo em vista as relações entre as FNs mobilizadas em **redes enunciativas** (Dias, 2018, 2023). Trata-se de um labor sobre a palavra e os seus efeitos, na tentativa de iluminar a materialização política dos sentidos, seus movimentos discursivos e implicações histórico-sociais subjacentes.

Desse modo, ao postularmos que o simbólico (plano do enunciável) e o material (plano da organicidade), em articulação, estão afetados proeminentemente pelos referenciais históricos licenciados pela mitologia judaico-cristã, entendemos que uma das principais **justificativas** desta pesquisa consiste na compreensão da soberania do político nos enunciados que, ancorados no referencial da religião e do mito, fazem emergir, por exemplo, as dicotomias entre trevas e luz de forma tão diáfana quando o falante é agenciado pelo acontecimento da enunciação (Guimarães, 2018).

Embasados, assim, majoritariamente, pela Semântica da Enunciação, bem como pelos estudos acerca do mito e da religião, estabelecemos o **objetivo geral** de pesquisa que consiste em: **analisar de que modo os referenciais históricos licenciam a constituição das formações nominais organizadas em torno dos nomes-núcleo “dia” e “noite”, “luz” e “trevas/escuridão”, e dos convergentes “diurno/noturno”, bem como os efeitos de sentidos que tais formas linguísticas evocam.** Para chegar ao objetivo macro da pesquisa, determinamos quatro **objetivos específicos**:

1. Examinar os efeitos de sentido das formações nominais estabelecidas e a ancoragem nos referenciais históricos delineados enunciativamente pela mitologia judaico-cristã.
2. Detalhar, a partir das formas linguísticas em análise, duas subcategorias de referencial histórico, quais sejam: referencial temático e perspectiva referencial.
3. Explicitar a participação do viés político nas divisões enunciativas que se configuram no dizer, por meio da observação das FNs aqui elencadas.
4. Revisitar os conceitos de sinonímia e antonímia para uma semântica de bases enunciativas, levando em conta os efeitos de sentidos balizados pelas FNs de que participam os nomes-núcleo “dia” e “noite”, “luz” e “trevas/escuridão” e os convergentes “diurno/noturno”.

A fim de atingir esses objetivos e delimitar estruturalmente o trabalho, nossa dissertação será elaborada com quatro capítulos, bem como com a introdução, as considerações finais e as referências que embasam o estudo.

No primeiro capítulo, intitulado **(1) O Referencial Mitológico Cristão**, abordaremos alguns dos estudos acerca do mito e da história — **(1.1) A pertinência do mito** —, a Bíblia cristã como um documento-monumento e a força do referencial histórico mitológico e religioso na forma como nos relacionamos com o mundo, bem como no modo como o significamos — **(1.2) Bíblia: documento-monumento**.

No segundo capítulo — **(2) Pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação** —, por sua vez, trataremos dos conceitos fundantes para uma semântica de bases enunciativas e, por conseguinte, para esta pesquisa. Discorreremos, nessa medida, acerca das categorias **Enunciação, acontecimento e sentido (2.1)**, bem como do nosso objeto de análise, a **Formação nominal (2.2)**, tendo em vista o **Referencial histórico e a pertinência enunciativa (2.3)**, desenvolvidos por Luiz Francisco Dias (2013, 2015, 2018); do mesmo modo, discorreremos acerca dos desdobramentos do referencial histórico, a saber: **Referencial temático e perspectiva referencial (2.3.1)**, conforme elaborado por Martins (2021) e Dalmaschio, Martins (2022). Além disso, apresentaremos as contribuições de Eduardo Guimarães (2017 [2002], 2018), majoritariamente, no que diz respeito ao **Espaço de enunciação, à cena enunciativa (2.4)** e, conseqüentemente, ao **político**.

Tendo em vista o valor necessário da metodologia para a produção acadêmica, será atribuído a ela o terceiro capítulo da dissertação, em nossos **Princípios metodológicos (3)**, para que possamos demonstrar o funcionamento do nosso procedimento analítico: redes enunciativas (Dias, 2018, 2023). Desse modo, neste capítulo, apresentaremos não só os recursos que utilizamos para a pesquisa, mas também o *corpus* selecionado.

No quarto capítulo, **Em análise: o dia e a noite dos sentidos (4)**, após as discussões de cunho teórico, os princípios metodológicos e a apresentação do *corpus*, analisaremos os enunciados do “Livro do Gênesis” e do “Evangelho de João”, assim como as FNs que estão delimitadas. O último capítulo, assim, está dividido em quatro seções que se organizam de modo a dialogar com os objetivos específicos, quais sejam: **Os caminhos da formação nominal: um olhar para o referencial histórico cristão do “dia” e da “noite” (4.1)**, **Referencial histórico e pontos de vista (4.2)**, **Sobre o político da e na linguagem (4.3)**, e **Sinonímia, antonímia e a vida quimérica de um sentido (4.4)**.

Finalmente, nas considerações finais, almejamos correlacionar as discussões e os resultados obtidos na análise aos objetivos propostos e à hipótese de pesquisa.

## 1 O REFERENCIAL MITOLÓGICO CRISTÃO

A discussão a respeito da religião e do mito percorre a história do ser humano e, simultaneamente, do mundo. A busca por uma espécie de ‘resposta divina’ é a busca do homem por si mesmo, trata-se de uma tentativa incessante de compreender o seu lugar no universo. Há, de forma inevitável, um desejo de entender por que estamos aqui, de onde viemos, para onde vamos. São perguntas antigas e, paradoxalmente, são também as perguntas mais recentes da humanidade. Questões a que tentaram e ainda tentam responder diversas áreas do conhecimento, desde os primórdios da filosofia, os estudos da física, a compreensão da história, as indagações da sociologia, até os incômodos da psicologia e da psicanálise; e, neste caso, quando pensamos na possibilidade de um referencial histórico de origem ou, ainda, no ‘porquê’ dizemos ‘o que’ dizemos e ‘como’ dizemos, a linguística se faz presente.

A pesquisa, certamente, é uma forma de buscar respostas que se pretende necessária e universal, especialmente quando se trata de questões que se relacionam com a própria natureza da realidade. Conforme observa Burkert (2001, p. 29), “a tradição mítica transcende as experiências individuais e por isso mesmo é para cada um, mais um desafio do que uma solução, no trato com a realidade”. Para Barthes (2001 [1957]), além disso, o mito é um modo de significação que se pretende natural, ainda que seja puramente histórico.

Os mitos, como nos conta a história, transcendem o tempo, oferecem-nos o atemporal, seja, por exemplo, nas sombras sensíveis da clássica caverna de Platão, seja no clássico filme das Irmãs Wachowski, *Matrix*<sup>4</sup>. São dois mil anos de repetição e diferença da história e, com isso, a história é redescoberta, atualizada e (re)significada.

A ciência, do mesmo modo, é um desafio, que, todavia, pretende ser solução fundamentada, ao menos de modo temporário. Além disso, os mitos e a religião fazem parte de uma memória coletiva. Segundo Le Goff (1990 [1988], p. 432), “a memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos”. Para o autor, é importante ressaltar, o que sobrevive na história não é resultado do que existiu, mas de uma escolha que, de um lado, ocorre no tempo e na humanidade, e, por outro lado, é feito pelos historiadores, uma vez que há a ilusão de que a história feita e analisada é ‘a’ história da humanidade.

---

<sup>4</sup> O filme trabalha com uma noção distópica entre sonho e realidade, no qual a personagem principal é convidada a descobrir o mundo real, o que significa descobrir, também, que vivia nas sombras de um mundo artificial. Essa mesma ideia dualista aparece no mito de Platão, em que o filósofo expõe o mundo sensível e o mundo das ideias.

Em função disso, o incômodo com a síntese simbólica da “luz” e das “trevas”, como se voltássemos à Bíblia, repetidamente, para buscar as definições estáticas do “dia” e da “noite”, não advém de uma análise isolada, mas é fortificado pela bagagem cultural, filosófica e religiosa dessas FNs. Além do aspecto físico do dia e da luz, ou seja, da duração cronológica da presença do sol em determinado hemisfério e da iluminação artificial, seja pelo fogo ou pela eletricidade, há também os aspectos de alegria, de conhecimento, de civilização; do mesmo modo, a noite e as trevas não só simbolizam a ausência do sol e da luz, mas também o desconhecido, o terror, a insanidade. Dessa maneira, podemos dizer que, no plano do enunciável, a noite não é somente a ausência do dia, e a luz não é apenas o que dissipa as trevas; “dia” e “noite” são o que dizemos sobre o dia e a noite, são o que a religião diz, o que o mito diz, são significados na trama enunciativa da história do mundo.

Neste capítulo, portanto, pretendemos investigar os estudos acerca do mito, a fim de demonstrar como estamos alicerçados, de maneira consciente ou não, no referencial mitológico cristão. Para tanto, desenvolveremos duas seções teóricas. Na primeira, **A pertinência do mito (1.1)**, faremos um breve percurso pelo que a literatura nos diz acerca do mito, embasados pelos estudos de Márcia Sá Cavalcante Schuback (1996), Michel Foucault (1999 [1971]), Mircea Eliade (2016 [1963]), Roland Barthes (2001 [1957]) e Walter Burkert (2001), a fim de situar a representação social da nossa escolha terminológica por ‘mitologia judaico-cristã’.

Na segunda seção, **Bíblia: documento-monumento (1.2)**, intentamos analisar como se dão os estudos acerca da história e da memória em relação aos documentos e monumentos históricos, especificamente sobre como isso se dá no que tange à Bíblia, isto é, pretendemos observar se se corresponde a um documento ou a um monumento, considerando a obra do historiador Jacques Le Goff (1990 [1988]).

Pretendemos, assim, fomentar uma discussão a respeito da representação social da mitologia e da religião, orientados pela noção de que a noite, o dia, a luz e as trevas estão ancorados, majoritariamente, no referencial histórico da mitologia judaico-cristã.

### **1.1 A pertinência do mito**

Nesta seção teórica, buscamos empreender um breve percurso acerca da mitologia como suporte institucional do dizer. Para tanto, valemo-nos dos estudos discursivos de Michel Foucault (1999 [1971]), da análise acerca do Ocidente, de Márcia Sá Cavalcante Schuback (1996), da pesquisa sobre mitologia, de Walter Burkert (2001), do trabalho acerca da atualidade

do mito, de Roland Barthes (2001 [1957]), bem como da obra voltada para o mito e a realidade, de Mircea Eliade (2016 [1963]).

Ao considerarmos a universalidade e a atemporalidade das narrativas mitológicas e religiosas que exploram a interação entre luz e trevas, entendemos que a história das enunciações se faz também na história da cultura, da religião e do mito. Essas histórias não apenas demarcam os anseios e as questões humanas, mas também oferecem sentidos sobre a natureza da existência e o papel da dualidade na nossa compreensão do mundo. Mais do que isso: essas histórias demonstram a força do movimento enunciativo em relação às coisas. Burkert nos diz que o

mito é narrativa aplicada [...], narrativa como verbalização de dados complexos, supra-individuais, colectivamente importantes. Neste sentido, o mito é fundamental [...] como **‘carta de fundação’ de instituições**, explicação de rituais, precedente para aforismos mágicos, esboço de reivindicações familiares ou étnicas, e, sobretudo, como orientação que mostra o caminho neste mundo ou no do além. O mito neste sentido nunca existe ‘puro’ em si, mas tem por alvo a realidade [...] (Burkert, 2001, p. 18, grifos nossos).

A noção de mito como “‘carta de fundação’ de instituições” (*ibidem*) se faz relevante, uma vez que a religião ou os textos religiosos, conforme Foucault (1999), são sistemas institucionais que perduram no correr da história e do tempo. Nas palavras do filósofo,

Suponho, mas sem ter muita certeza, que não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar; fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza. Em suma, pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que ‘se dizem’ no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que **os retomam, os transformam ou falam deles**, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, **são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer**. Nós os conhecemos em nosso sistema de cultura: são os **textos religiosos** ou jurídicos [...] (Foucault, 1999, p. 21-22, grifos nossos).

Precisamos, desse modo, entender a relação dos textos que continuam sendo ditos, ainda que isso ocorra em articulações materialmente distintas, cujos referenciais históricos abarcam o mitológico e o religioso. De acordo com o historiador e filósofo das religiões, Mircea Eliade (2016 [1963]), o mito é ‘verdadeiro’ — adiante trataremos da noção de verdade, para nós —, feito de uma narrativa sagrada — uma vez que o relato é feito diretamente por Deus aos homens,

bem como de deusas musas aos escritores de outras mitologias — e cumpre a função de fulgir modelos exemplares. Esses modelos recorrentes na sociedade são (re)tomados e (re)significados pela e na linguagem.

De antemão, é-nos necessário ressaltar que a verdade, para nós, é constituída da (re)significação das enunciações sobre a verdade (Guimarães, 2017). Assim, o mito é ‘verdadeiro’ para os sujeitos que o vivem de forma ‘viva’; o mito, sobretudo, atribui valor e normas para aqueles que nele acreditam, assim como para aqueles que são tomados, ainda que à revelia de, por ele. Dessa forma, é necessário compreender o poder do mito, perceber sua predominância no *continuum* de significações. Trata-se de uma tentativa de olhar para a mitologia judaico-cristã do mesmo modo como o fazemos com a mitologia greco-romana, por exemplo.

De acordo com Barthes (2001), por sua vez, uma das funções do mito é transformar uma contingência em eternidade. Trata-se de uma suspensão do acidental para buscar a essência, o eterno, quando a linguagem — e por que não a vida — não se dá de forma estática e linear, tampouco de forma que tenha origem e fim, mas é a todo instante diferença; acontecimento.

No segundo capítulo da obra “Mitologias” (2001 [1957]) — em que Barthes faz um percurso ensaístico acerca da lógica, da semântica e do mito —, existe a proposta de uma interrogação sobre o que é um mito, hoje. O teórico nos apresenta, de início, a noção do mito como uma fala, e discorre, ainda, sobre qual a sua função. Segundo o escritor (2001), ainda que o mito seja uma fala, não se trata de uma fala qualquer, tendo em vista que que é “uma fala petrificada: no momento em que me atinge, suspende-se, gira sobre si própria, e *recupera* uma generalidade: fica transida, pura, inocente” (Barthes, 2001, p. 146). Diríamos que essa fala mítica enuncia uma universalidade. Desse modo, o mito se apresenta como espontâneo, transparente, indiscutível, inocente (Barthes, 2001), em suma, propõe-se fora da história (Guimarães, 2017 [2002], 2018).

O que o mundo fornece ao mito é um real histórico, definido, por mais longe que se recue no tempo, pela maneira como os homens o produziram ou utilizaram; e o que o mito restitui é uma imagem *natural* deste real. [...] o mito é constituído pela eliminação da qualidade histórica das coisas: nele, as coisas perdem a lembrança da sua produção. O mundo penetra na linguagem como uma relação dialética de atividades, de atos humanos: sai do mito como um quadro harmonioso de essências (Barthes, 2001, p. 163).

No texto “Para que Língua se Traduz o Ocidente?” (1996), a filósofa heideggeriana Schuback discute como o Ocidente, muitas vezes, exerce na narrativa da história e, assim

salientamos, nos referenciais históricos e na linguagem, o papel de ponto universal e de partida. Conforme Schuback (1996, p. 61), “a linguagem do homem apresenta-se, fundamentalmente, como o lugar em que se concretiza a movimentação de seu começo”. A linguagem apresenta-se numa ordem dada pelas relações criadas pelos referenciais históricos que a linguagem mobiliza quando somos agenciados a dizer. De acordo com Foucault,

O desejo diz: ‘Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz’. E a **instituição** responde: ‘Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; **e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém**’ (Foucault, 1999, p. 7, grifos nossos).

O mito, em suma, “não é nada mais do que uma proposição política lealmente enunciada” (Barthes, 2001, p. 150), uma vez que seu princípio próprio é transformar o histórico em natureza; em nossos termos, universal. Ora, todo mito “é uma fala escolhida pela história: não poderia de modo algum surgir da ‘natureza’ das coisas”. (Barthes, 2001, p. 132). Trata-se de uma instituição na qual estão filiados nossos dizeres e nosso modo de significação do mundo. O mito, assim, funciona como um “uso social que se acrescenta à pura matéria” (Barthes, 2001, p. 132). Para uma semântica de bases enunciativas, propomos que o mito funciona como referencial histórico que baliza nossas relações com as coisas, que dá pertinência social às coisas.

É importante notar, como estabelece Barthes (2001, p. 131), de que se o mito “é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso”. Dessa maneira, a religião judaico-cristã e sua gênese do mundo pode se constituir como um mito, por isso falamos de ‘mitologia judaico-cristã’, porque é aquilo que age politicamente na enunciação, porque, conforme ressalta Barthes (2001), o mito não só designa, mas também notifica, não só faz compreender, mas, principalmente, impõe. O mito, portanto, notifica e impõe uma divisão do real (Guimarães, 2017 [2002], 2018). “É indubitável que, nesse sentido, a mitologia é uma *concordância* com o mundo, não tal como ele é, mas tal como pretende sê-lo.” (Barthes, 2001, p. 176).

Buscamos desenvolver um olhar para as teorias acerca do mito, principalmente no que tange ao Ocidente, tendo em vista que a pesquisa é um recorte. Na seção seguinte, tomaremos

a obra de Le Goff (1990 [1988]) com o intuito de demonstrar não só o mito como instituição, mas também a Bíblia como documento-monumento histórico em que nos filiamos institucionalmente.

## 1.2 Bíblia: documento-monumento

Nesta segunda seção acerca das representações sociais da religião e do mito, intentamos um estudo acerca da ligação entre os pares história e memória, documento e monumento, como desenvolvido por Jacques Le Goff em sua obra “História e Memória” (1990 [1988]). Especificamente para a pesquisa, trataremos da investigação sobre o documento e o monumento, tendo em vista a abordagem sobre a Bíblia cristã, da qual recortamos excertos de nosso *corpus*.

O livro de Le Goff desvela uma rede entrelaçada de valores e concepções que permeiam a trajetória dicotômica da humanidade. Os pares de valores, como antigo e moderno, assim como civilização e barbárie, emergem como termos-chave na compreensão das dinâmicas históricas, sociais e culturais. Le Goff contextualiza a origem da história no pensamento ocidental, remetendo-a aos gregos — assim como também pontua Schuback (1996) — cuja motivação étnica de distinção entre gregos e bárbaros está intrinsecamente ligada à concepção de história e civilização.

Essa concepção se estende à mentalidade histórica romana, norteadada pela cultura grega, que enaltece a civilização romana em contraposição aos denominados bárbaros. Assim, e isso nos interessa aqui, a história se revela como uma construção do historiador, cuja perspectiva não se vale da inocência ou da neutralidade, o que resulta em pontos de vista para os documentos históricos.

A história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta, na medida em que o seu sentido se mantém confuso, misturado... A história é essencialmente equívoca, no sentido de que é virtualmente *événementielle* e virtualmente estrutural. **A história é na verdade o reino do inexato.** Esta descoberta não é inútil; justifica o historiador. Justifica todas as suas incertezas. O método histórico só pode ser um método inexato... A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir. **Ela quer tomar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstituir a distância e a profundidade da lonjura histórica** (Ricoeur, 1961, p. 226 *apud* Le Goff, 1990, p. 21, grifos nossos).



Sob a égide do inexato, o tempo — fundamental na construção da história — é percebido como uma dimensão cultural, refletindo, por exemplo, a alternância entre “luz” e “trevas”, influenciada pela linguagem e não pela natureza. A história, portanto, não é apenas uma narrativa linear, como o acontecimento da enunciação também não o é, mas uma construção complexa que reflete a interação entre diferentes perspectivas e interpretações.

A distinção entre mito e história, desse modo, revela-se fundamental, assim como a influência do cristianismo na concepção do tempo e da historicidade. De acordo com Le Goff, a noção de um sentido da história pode se decompor, então, em três tipos de explicação: 1) a crença em grandes movimentos cíclicos — concepções astecas; 2) a ideia de um fim da história, consistindo na perfeição ou síntese deste mundo — marxismo; 3) e a teoria de um fim da história situado fora dela, ou seja, na transcendência — cristianismo.

Resta assinalar que a concepção do tempo é de grande importância para a história. O Cristianismo marcou uma viragem na história e na maneira de escrever história, porque combinou pelo menos três tempos: o tempo circular da liturgia, ligado às estações e recuperando o calendário pagão; o tempo cronológico linear, homogêneo e neutro, medido pelo relógio, e o tempo linear teleológico, o tempo escatológico (Le Goff, 1990, p. 57).

Para o historiador, tal como o passado não é a história, mas um de seus objetos, também a memória não é a história. Mais do que isso: toda história, para Le Goff, é contemporânea. Desse modo, a história da gênese cristã é, também, contemporânea, principalmente quando nos valemos do referencial religioso para construir nossas relações com o mundo, com a sociedade, com o dia e a noite.

Ao analisar o sentido de história para alguns teóricos, Le Goff nos conta acerca de Michel Foucault — o que nos interessa na medida em que o conceito de referencial histórico foi forjado, por Dias (2018), a partir da obra “A arqueologia do saber” (2008 [1969]). Para Foucault, segundo Le Goff, a história está mais para a filosofia, para uma genealogia nietzschiana. Trabalha-se a história por intermédio de uma ação arqueológica do saber.

A história-genealogia de Foucault preenche inteiramente o programa da história tradicional; não põe de lado a sociedade, a economia, etc., mas estrutura esta matéria de outro modo: não os séculos, os povos e as civilizações, mas as práticas; as intrigas que ela conta são a história das práticas em que os homens viram verdades e reconheceram as suas lutas em torno dessas verdades (Le Goff, 1990, p. 105).

A base da ciência histórica reside na sua íntima conexão com a história real que integra. “A memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: *os documentos e os monumentos*.” (Le Goff, 1990, p. 535). O primeiro como o que se herda da história, o segundo como o que o historiador escolhe.

O *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. [...] O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. [...] Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito (Le Goff, 1990, p. 536).

Apesar da noção de fato histórico, é possível e necessário, principalmente para o historiador, empenhar-se e batalhar para transformar a história, tendo em vista as práticas que funcionam como tripés para a crença nesta ou naquela história. Ainda segundo Le Goff,

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. **O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder.** Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (Le Goff, 1990, p. 545, grifos nossos).

O documento é “o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.” (Le Goff, 1990, p. 547). Assim, a passagem da compreensão de um documento como pura herança e do monumento como escolha do historiador para o documento-monumento como resultado das relações de poder auxilia-nos no entendimento da Bíblia como um documento-monumento que não é inócuo, primário, isto é, não se trata de um mito inocente, natural (Barthes, 2001).

Desse modo, analisar a Bíblia como um documento-monumento estabelecido politicamente é analisar o que regulariza, o que estabelece, no caso desta pesquisa, o referencial histórico majoritário do “dia” e da “noite”, porque, segundo Le Goff (p. 547-8, grifos nossos), “o documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento [...] que ele traz

devem ser em primeiro lugar analisados **desmistificando-lhe o seu significado aparente**". Trata-se, antes, de não ser inocente diante dos documentos-monumentos, diante, em suma, da enunciação.

Le Goff finaliza sua obra nos dizendo que não existe um documento-verdade, então "cabe ao historiador não fazer o papel do ingênuo" (1990, p. 548). Cabe, do mesmo modo, a nós, semanticistas. "É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem [do monumento], desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos" (*ibidem*). É preciso, para uma Semântica Histórica da Enunciação, realizar uma análise histórica em rede, a fim de entender o movimento dos sentidos estabilizados como documentos-monumentos nos quais nos filiamos para significar.

Vejamos, agora, em uma dinâmica de enredamento com esses pressupostos teóricos que acabamos de apresentar, as bases que fundamentam linguisticamente nosso percurso em torno da análise do "dia" e da "noite": a Semântica Histórica da Enunciação.

## 2 PRESSUPOSTOS DA SEMÂNTICA HISTÓRICA DA ENUNCIÇÃO

A Semântica do Acontecimento ou Semântica da Enunção, conforme delineada por Eduardo Guimarães e Luiz Francisco Dias, majoritariamente, coloca-se como uma abordagem fundamental no estudo da linguagem e da significação. O enfoque da teoria representa uma abordagem enunciativa da semântica. De acordo com Guimarães (2017, p. 9), a Semântica do Acontecimento, então, é “uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve se localizar no estudo da enunção, do acontecimento do dizer”. Trata-se de um estudo do funcionamento da língua em uso, que assume uma postura histórica da língua. Ainda segundo Guimarães,

o tratamento da enunção deve se dar num espaço em que seja possível considerar a **constituição histórica do sentido**, de modo a que a semântica se formule, claramente, como uma disciplina do campo das ciências humanas, fora de suas relações com a lógica ou a gramática pensadas ou como o matematizável ou como uma estrutura biologicamente determinada (Guimarães, 2017, p. 10, grifos nossos).

A semântica, assim, é uma disciplina que abrange os estudos do funcionamento da língua. Dito de outro modo, para nós, semanticistas, o elemento linguístico está atrelado à historicidade e ao componente enunciativo da linguagem. Por isso, estamos diante de um campo do saber que se volta para a constituição histórica do sentido na língua.

Desse modo, é importante destacar que a significação, de um ponto de vista semântico-enunciativo, não é estática, mas “produzida pela enunção, por alguém, de algum material de linguagem específico” (Guimarães, 2018, p. 14). Sendo assim, a significação, nesta abordagem, é dinâmica e pode ser (re)configurada pela enunção.

Nessa direção, fitamos dissertar, neste capítulo, acerca de conceitos fundamentais de uma semântica de bases enunciativas. É preciso dizer que a escolha realizada não caracteriza a totalidade dos conceitos mobilizados pela Semântica da Enunção, mas, antes, trata dos fundamentos para nossa análise, localizada no capítulo quatro do presente texto. Os conceitos selecionados para o tratamento teórico constituem, portanto, o fio-condutor desta pesquisa, ainda que tantos outros caminhos sejam possíveis nesse campo de estudo.

Para compor este capítulo elaboramos quatro seções, já situadas na introdução deste trabalho. A primeira tratará dos estudos acerca da enunção, do acontecimento e do sentido (**2.1 Enunção, acontecimento e sentido**). A segunda seção, por sua vez, abordará o conceito de formação nominal (**2.2 Formação nominal**). A terceira versará sobre o referencial histórico

e a pertinência enunciativa (**2.3 Referencial histórico e pertinência enunciativa**); ademais, na tentativa de discorrer acerca das duas subcategorias de referencial histórico, teremos, também, um subtópico nessa seção (**2.3.1 Referencial temático e perspectiva referencial**). A quarta fará um percurso pelos conceitos de espaço de enunciação e cena enunciativa, culminando no título desta pesquisa: a materialização política dos sentidos (**2.4 Espaço de enunciação e cena enunciativa**). Passemos, desse modo, ao detalhamento do que cerceia e possibilita este estudo.

## **2.1 Enunciação, acontecimento e sentido**

Neste capítulo, exploraremos os estudos semântico-enunciativos acerca da enunciação, do acontecimento e do sentido. De acordo com Dias (2018, p. 123), “a designação ancora-se em cenários de discursividades. Um nome designa algo na medida em que se associa a esse nome uma história de enunciações na qual ele está envolvido”. Com vistas para o pano de fundo religioso/mitológico, podemos dizer que a dicotomia “noite” e “dia”, assim como “luz” e “trevas”, se nos apresenta como um acontecimento enunciativo pelo qual somos atravessados e constituídos, e, por isso, permeia e enuncia nossa percepção e compreensão do mundo. Dito de outro modo, os enunciados da mitologia judaico-cristã dividem e organizam o que enunciamos. Estamos a todo momento em um constante processo de negociação e litígio de significados. Em suma, somos tomados pelo e no conflito, assim como o dizemos.

Ao nos alinharmos à perspectiva de que a enunciação é um acontecimento, é necessário entender o que compreendemos acerca disso. Ducrot, em 1984, nos apresenta a enunciação como acontecimento histórico. Para o linguista, o acontecimento histórico se dá pelo “facto de uma frase ter sido objecto de um enunciado (ou de um discurso)” (Ducrot, 1984, p. 369), a isso ele denomina, também, enunciação: uma “aparição momentânea” que se dá na “realização de um enunciado”. De acordo com Ducrot (1987, p. 168), a enunciação é um acontecimento histórico porque “é dada existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá mais depois”.

Eduardo Guimarães, leitor de Oswald Ducrot, realiza em sua obra “Semântica do Acontecimento” (2017) o que a própria FN-título já indica: o desenvolvimento do conceito de ‘acontecimento’. Para ele, a enunciação é um acontecimento de linguagem — conceito no qual nos embasamos.

Considero que algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem. E o que caracteriza a diferença é que o acontecimento não é um fato *no* tempo. Ou seja, não é um fato novo enquanto distinto de qualquer outro ocorrido antes *no* tempo. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua própria temporalidade: essa a sua diferença (Guimarães, 2017, p. 16).

Está posta, assim, uma distinção fundamental em relação ao acontecimento ducrotiano: não se trata de uma história linear, mas temporalizada no acontecimento, isto é, na enunciação. O acontecimento enunciativo, assim, é histórico porque orienta para diferentes efeitos de sentido a partir da constituição da própria língua, mas não se dá, como em um relógio, de maneira que tenha início e fim do tempo demarcados. É, antes, um acontecimento no qual emergem passado, presente e futuro de forma contínua e conjunta.

[...] do ponto de vista da enunciação, o enunciado é a unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma independência relativa. Estas características são consideradas em relação ao todo de que o enunciado faz parte num acontecimento de enunciação. Ou seja, a unidade de análise é uma unidade de linguagem encontrada (que está presente) em acontecimentos específicos (Guimarães, 2018, p. 15).

Dessa forma, a unidade de análise, isto é, o enunciado, só pode ser tomado na enunciação, no acontecimento. Tomemos, por exemplo, este enunciado do “Evangelho de João”:

(1) Então Jesus se dirigiu novamente a eles e disse: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue de modo algum andar na escuridão, mas terá a luz da vida”.

(Evangelho de João 8:12)

Esse enunciado apresenta uma consistência interna, visto que há uma regularidade de significação dada aos ‘antônimos’<sup>5</sup> “luz” e “escuridão”, ou seja, ao andar na luz, não é possível estar na escuridão, pois há uma oposição necessária. No entanto, o mesmo enunciado apresenta uma independência relativa, posto que a configuração desse dizer só tem pertinência quando vinculamos à unidade uma interface histórica de sentidos. Essa interface é produzida pela circulação desse enunciado em textos que o significam e, de maneira integrativa, são

<sup>5</sup> Como dissemos na introdução, um dos objetivos específicos desta pesquisa consiste em revisitar os conceitos de sinonímia e antonímia para uma semântica de bases enunciativas. Por essa razão, acreditamos ser importante sinalizar o uso do termo com aspas simples.

significados por ele. Há, dessa maneira, um domínio de mobilização que sustenta e situa os efeitos de sentido de “luz” e “trevas” para além de simples ‘antônimos’.

A significação de um enunciado é afetada por domínios de mobilização na medida em que ele se constitui arregimentado em um campo de enunciação, permitindo a ele adquirir uma identidade social. Tendo em vista essa identidade histórica dos enunciados, eles se submetem a uma identificação, também de ordem social, em que efetivamente travam uma relação de pertinência com outros no campo de enunciação. (Dias, 2018, p. 111).

Cabe dizer, desse modo, que é somente porque há esse domínio de mobilização que há possibilidade dos enunciados, a seguir, produzirem sentido dentro dessa rede histórica na qual o enunciado (1) ancora sua independência relativa. Vejamos a seguinte rede enunciativa acerca das ocorrências de “luz” e “escuridão”:

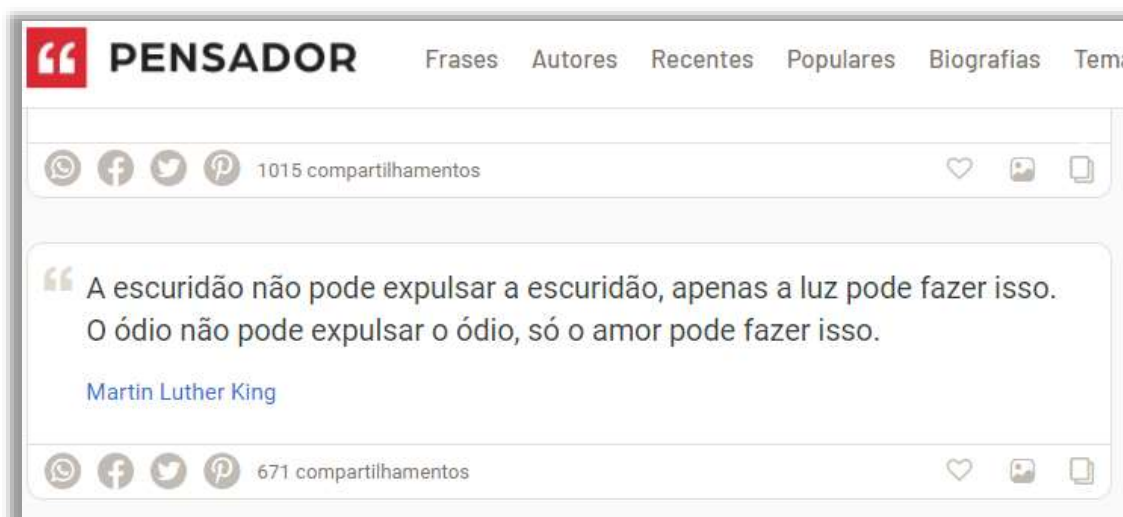
#### QUADRO 1 - Rede enunciativa: FNs “luz” e “escuridão”

##### (2) Trecho de uma astróloga acerca da luz e da escuridão

De nada adianta qualquer palavra senão para trazer luz. O verbo, que nos distingue dos animais, deveria ter outra função senão essa? Que sejamos luz a despeito de qualquer escuridão, vinda de onde quer que seja.

Fonte: A astróloga<sup>6</sup>

##### (3) **FIGURA 1** – Escuridão é ódio, luz é amor



Fonte: Pensador<sup>7</sup>

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.aastrologa.com.br/2018/10/sobre-luz-e-escuridao.html>. Acesso em: 14 mar. 2023.

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.pensador.com/luz\\_escuridao/](https://www.pensador.com/luz_escuridao/). Acesso: 14 mar. 2023.

Os enunciados presentes em (2) e (3) significam enquanto acontecimentos enunciativos justamente porque fazem parte de um entrecruzamento de outras enunciações. Essas enunciações que se entrecruzam fazem-no sempre em rede e, conseqüentemente, em um processo contínuo de significação.

Em função disso, percebemos que os enunciados presentes em (2) e (3) também colocam em oposição, assim como faz o (1), as formações nominais “luz” e “escuridão”. Isto é, onde a palavra traz luz, não é possível que exista escuridão (2). Do mesmo modo, é interessante notar que o enunciado (3) estabelece uma noção de substituição de “escuridão” por “ódio”, bem como de “luz” por “amor”. Podemos, dessa forma, realizar a seguinte paráfrase:

(3a) Assim como a escuridão não pode expulsar a escuridão, o ódio também não pode expulsar o ódio, apenas a luz pode fazer isso, e, igualmente, o amor.

De forma semelhante, o enunciado (1) pode ser reescriturado<sup>8</sup> como:

(1a) Então Jesus se dirigiu novamente a eles e disse: “Eu sou o amor do mundo. Quem me segue de modo algum andarás no ódio, mas terá o amor da vida”.

Esses enunciados, portanto, apresentam novos ditos, mas não inteiramente, posto que enunciam a partir do que já fora dito em outro lugar e em outro tempo, instalado por eles mesmos na enunciação.

[...] não se trata de pensar as palavras em si mesmas, em estado ideal, de dicionário, de exemplo gramatical, ou algo parecido. Trata-se de considerar o que se diz, ou seja, algo que se caracteriza por ter ocorrido e ocorrido porque alguém disse (falou, escreveu, etc). [...] a significação é produzida pela enunciação, por alguém, de algum material de linguagem específico (Guimarães, 2018, p. 14).

Desse modo, acontecimentos enunciativos surgem para além do sentido dicionarizado dos signos, pois a significação, insistimos, é tomada de outros lugares e de outros tempos que não aqueles dados por um viés referencialista, porque, conforme Guimarães, “as coisas existentes são referidas enquanto significadas, e não simplesmente enquanto existentes. [...] a linguagem significa o mundo de tal modo que *identifica* os seres em virtude de significá-los.”

---

<sup>8</sup> Neste estudo, não recorreremos a Guimarães (2017 [2002]) para abordar a reescrituração. Desse modo, trata-se de um uso fortuito da palavra.



(Guimarães, 2017, p. 13). Em outras palavras, a coisa não pode ser indicada, porque ‘o que a coisa é’ ‘só é’ enquanto significada; e isso dá possibilidade para que a coisa seja muitas coisas.

Há, dessa maneira, um agenciamento do sujeito, de modo que ele não age de forma individual no acontecimento enunciativo, mas age sempre de forma coletiva, ou seja, o sujeito é agenciado dentro de uma rede histórica de sentidos. Além disso, é preciso dizer que quem temporaliza é o próprio acontecimento, não o locutor. Melhor dizendo, à medida que instaura sua temporalidade, o acontecimento agencia esse locutor.

[...] a temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre lugar dos sentidos e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como latência de futuro. É nesta medida que o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação (Guimarães, 2017, p. 17).

A temporalidade, com efeito, comporta um futuro latente, uma memória enunciativa e uma demanda do presente. A origem do tempo da linguagem, nessa medida, não é o sujeito. Como numa mudança de foco, percebemos que a temporalidade do acontecimento toma o sujeito, o agencia (Guimarães, 2017). Como será abordado ulteriormente, o acontecimento enunciativo “agencia o falante a dizer enquanto um lugar de enunciação, como lugar que enuncia” (Guimarães, 2018, p. 41). O acontecimento, em suma, toma o sujeito e o faz significar em um entrecruzamento de enunciações que vão se desdobrar em outras enunciações.

Além disso, segundo Dias (2023, p. 157), “o enunciado é um espaço de integração, mas ao mesmo tempo um espaço de diferenças e dissensões. O sentido não nasce da atualidade do dizer de um falante empírico, e assim a significação no acontecimento se estabelece em uma dinâmica de relações histórico-sociais”. Há, então, uma “tensão, própria da dinâmica da ordem histórica”, na qual o sentido se configura (*ibidem*). Em função disso, não concebemos a significação tendo em vista a referência ou a referenciação, mas, para a Semântica da Enunciação, “a significação se assenta no referencial” (*ibidem*).

[...] o referencial recobre a concepção de memorável para designar a instância da significação em que as unidades significadas se filiam a temáticas e perspectivas sócio-históricas. As unidades linguísticas significam porque se filiam a referenciais históricos preexistentes ao seu uso efetivo. Na dinâmica social, estabilizam-se e regularizam-se pontos de vista e temas sob os quais indivíduos, objetos, estados de coisas e relações adquirem sentido no acontecimento enunciativo (Dias, 2023, p. 158).

Portanto, algo não significa por si próprio, “mas pelas relações que adquirem, dadas as suas filiações aos recortes de apreensão de sentidos na dinâmica histórica” (Dias, 2023, p.158-159). Além do mais, “os referenciais balizam historicamente a significação a partir de uma instância que não é a da exterioridade da linguagem, e que também não é a da atividade cognitiva, mas a partir de uma instância do próprio memorável de enunciações que constituem o acontecimento enunciativo.” (DIAS, 2023, p. 159).

De acordo com Guimarães (2018, p. 44), “o sentido se constitui exatamente pelos modos de agenciamento do acontecimento de linguagem”. Sendo assim, o falante agenciado como aquele que enuncia “é obrigado a nomear segundo o lugar social e político que o constitui enquanto aquele que fala” (*ibidem*). Assim, aquele que nomeia, isto é, que significa, que atribui sentido, não o faz intencionalmente, mas por um agenciamento político do enunciar.

Podemos dizer, nessa medida, que a definição de um nome é uma definição própria de um litígio enunciativo que instala uma tensão entre a regularização de um sentido e possibilidade de sentidos em potência. Afinal, “o acontecimento da enunciação divide o real entre os que podem nomear, [...] e os que não podem” (Guimarães, 2018, p. 52).

Esperamos ter apontado, nessa seção, alguns estudos realizados acerca da enunciação, do acontecimento e do sentido. Passaremos agora a uma breve discussão acerca de um dos conceitos desenvolvidos por Dias (2018), denominado formação nominal.

## 2.2 Formação nominal

Na seção anterior, versamos a respeito do sentido, do acontecimento e da enunciação. Nesta seção, tendo em vista a importância do conceito de formação nominal — numa ruptura com a Semântica Formal, nomeadamente com o sintagma nominal —, empreenderemos um breve olhar para esse termo forjado pela Semântica da Enunciação, especificamente por Dias. Cabe dizer que apesar das diversas e valorosas pesquisas já realizadas sobre a formação nominal, acreditamos que haja uma relevância intransponível para a nossa análise a discussão a respeito disso, posto que se trata de nosso objeto de estudo. Mais do que isso, trata-se de um novo olhar para as possibilidades de compreender a linguagem e o mundo. Como situa Dias,

[...] o conceito de SN se assenta em razões estruturais, a começar da recepção e da referência, diferente do conceito de FN. Trata-se de um novo olhar sobre as construções nominais. Segundo os termos de Benveniste sobre o emprego da língua, uma semântica que privilegia a enunciação produz uma ‘outra maneira de ver as mesmas coisas’ (Benveniste, 1989). Sendo assim, **a FN é uma outra maneira de ver o sintagma nominal**, e não um novo recorte

gramatical. A participação de uma explicação de ordem semântica nesse caso não seria subsidiária, mas fundamental, no sentido mais restrito da palavra. Trata-se de levantar os delineamentos da significação desde a análise da arquitetura da construção nominal, na esfera da qual as regularidades estruturais se constituem (Dias, 2017, p. 125, grifos nossos).

Trabalhar com a formação nominal, por essa razão, é uma forma de atravessar, de modo distinto, a ponte da nominalidade, deixando a descrição para chegar à explicação (Dias, 2018). Ao contrário de uma visão composicional da articulação, a formação nominal sugere a ideia de uma articulação enunciativa que se vale das relações internas e externas do linguístico, isto é, da materialidade linguística e dos referenciais históricos. Parte do plano de organicidade da língua, as relações internas são as características articulatórias da FN: “um segmento sintático contrai articulação interna na medida em que os seus constituintes já participaram de outras unidades em domínios de enunciação da língua” (Dias, 2018, p. 85). As relações externas, por sua vez, fazem parte do plano do enunciável, no qual “a exterioridade tem um caráter de memória (de ordem social e histórica)” (*idem*, p. 90). Vale ressaltar que tais relações, internas e externas, se manifestam em interface, posto que não se trata de um fora agregado, mas, sim, de um externo constitutivo.

Nessa medida, a formação nominal, segundo Dias (2018, p. 12), “designa o processo de constituição dos nomes e seus articuladores do ponto de vista da enunciação”. Sustém-se, à vista disso, como ponto central na circunferência de um enunciado. Segundo Igor Guimarães (2011, p. 23), em leitura a Dias, “a formação nominal [...] não sendo classe, função ou sintagma, representa uma apreensão da unidade linguística do ponto de vista de enunciativo, com um potencial temático”. Por isso, diferentemente da ideia de produto — sintagma —, falamos de processo — formação —, pois o que assegura a formação do nome é da ordem da enunciação.

Conforme Guimarães (2011, p. 28), “a formação nominal, por constituir uma unidade enunciável, remonta ao virtual da língua, dentro de uma memória de usos, ao possibilitar a mobilização de sentidos que a identifiquem entre os sujeitos interlocutores”. A língua, sobretudo, funciona num entrelaçamento do social e do simbólico. A memória enunciativa, instanciada pela atualidade, potencializa a diferença. É importante ressaltar, todavia, que não tratamos a diferença como algo que anula o antes posto, mas como o que tem em si a presença da igualdade.

De acordo com Dias (2018, p. 117), então, a unidade nominal possui três dimensões, “as quais participam da formação da unidade nominal dadas as suas especificidades

enunciativas e formais”. Interessa-nos saber, principalmente, que a articulação exerce um papel essencial em cada uma dessas dimensões. Segundo o linguista,

Na primeira dimensão da unidade nominal, exploramos a hipótese de que enunciados articulados determinam a existência dos nomes na língua. Não se trata de uma análise etimológica do nome, mas das razões enunciativas para a sua estabilização como unidade temática. Denominamos *articulações subnominais* essas relações que motivam a constituição de um nome, produzindo conseqüentemente o fundamento para a sua entrada no léxico de uma língua (Dias, 2018, p. 117).

Essas articulações envolvem, podemos dizer, um processo complexo de condensação pelo qual uma unidade nominal ganha pertinência socialmente significativa. Conforme Guimarães (2017, p. 12), ademais, a nomeação “é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome”, ou seja, a nomeação se dá em uma trama semântica na qual a atribuição de um nome confere não só identidade, mas existência material e enunciável, ao que é nomeado.

Assim, a formação nominal, de acordo com Dias (2018, p. 9), tem como motivação a “inserção do que se diz na atualidade do dizer”. A articulação subnominal, isto é, a condensação de “dia” e “noite” a “luz” e “trevas” é construída, portanto, na enunciação, tendo em vista a colonização e instituição da religião cristã, bem como a instituição da própria língua portuguesa.

Acreditamos, por conseguinte, que as FNs de nosso estudo se agregam a outras FNs e, ao mesmo tempo, são significadas por elas em rede, como exemplo: “alegria” e “choro”, “razão” e “insanidade”, “fé” e “ausência de fé”. Conforme Dias (2018, p. 166), a forma linguística é “uma unidade de língua concebida do ponto de vista das suas condições de articulação com outras unidades segundo razões enunciativas”. Além disso, essas razões enunciativas que constituem uma formação nominal, segundo Dias (2017, p. 138), “não prescindem das regularidades estruturais, mas estão centradas numa ordem da materialidade do dizer cujo alcance é mais amplo e denso do que a horizontalidade das relações sintagmáticas”. Para o autor (2017, p. 138), “há algo de imaterial na materialidade da arquitetura” da FN. Por conseguinte, postulamos que tais FNs apresentam razões enunciativas para sua realização que são afetadas sócio-historicamente por um domínio de mobilização do discurso religioso/mitológico, como tentaremos mostrar na primeira seção do capítulo quatro.

Situamos, até então, alguns apontamentos referentes à formação nominal. Após essa explanação, passaremos a dois conceitos de extrema importância para esta pesquisa, quais sejam: o referencial histórico e a pertinência enunciativa.

### 2.3 Referencial histórico e pertinência enunciativa

Na seção anterior, desenvolvemos uma discussão acerca do que denominamos formação nominal. Nesta seção, trataremos do referencial histórico e da pertinência enunciativa, ambos elaborados por Dias (2013, 2015, 2018). Buscamos salientar, sobretudo, o que apontamos sobre as relações externas da FN, isto é, o que está no plano da enunciação.

Segundo Igor Guimarães (2011, p. 33), “a designação da referência do acontecimento, à medida que este vai se reiterando, é condensada, ou encapsulada, em um nome, o que permite que a língua sintetize as informações pertinentes ao enunciado”. Além do mais, as formas linguísticas significam no acontecimento enunciativo, no cruzamento entre memória e atualidade, como dissemos. “Os enunciados se recriam a todo instante. A recriação, como atualização, é um processo de alimentação da memória interdiscursiva, constitutiva de uma instância virtual da língua” (Guimarães, 2011, p. 27).

Filiamo-nos, do mesmo modo, à noção de que “a relação com o que está fora da linguagem é uma construção de linguagem. Ou seja, só é possível pensar na relação entre uma palavra e o que ocorre em virtude da relação de uma palavra a outra palavra” (Guimarães, 2007, p. 77). De acordo com Dias (2018, p. 143, grifos nossos), “as formações, articulatoriamente configuradas, sustentam materialmente o *referencial histórico*, a memória das significações dos seus termos e a *pertinência* do nome nas cenas enunciativas em que contrai relação de pertencimento”. Isso posto, podemos dizer que os referenciais históricos são constituídos pela enunciação e não pela relação direta entre linguagem e mundo, palavra e coisa.

Faz-se relevante ressaltar que o conceito de referencial histórico é desenvolvido por Dias, com base no que apresentou o filósofo Michel Foucault, na obra “A arqueologia do saber” (2008 [1969]). Segundo Foucault (2008, p. 104), o referencial “forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado”. Um referencial, nessa medida, é feito de possibilidades, não de coisas ou realidades. Sustentado por essa leitura, Dias (2018, p. 142) define o referencial histórico “como o domínio de ancoragem da significação na língua, a partir do funcionamento das relações sociais. Trata-se da filiação institucional dos nossos dizeres, quando a enunciação adquire suporte na constituição histórica da sociedade”.

Mais do que isso, tendo em vista as possibilidades do referencial, podemos dizer que “é o próprio enunciado, e não as propriedades inerentes aos seres, estados e relações, que constitui o referencial a partir do qual eles se individualizam na referência” (Dias, 2018, p. 101). Por isso, ao adquirir relação com referenciais, um enunciado adquire relação com seu

acontecimento do presente da enunciação, “daí nasce o conceito de *pertinência enunciativa*, definida como a relação que um enunciado mantém com as cenas que nos acionam a dizer algo na instância do presente do enunciar” (Dias, 2018, p. 143).

As construções nominais abrigam a base desse referencial, isto é, desse campo de emergência das entidades extralinguísticas. Na medida em que ganham identidade nesse referencial, a ordem de objeto extralinguístico não se sustenta, pois essas entidades passam a ser constituídas por uma ordem do próprio enunciado, daquilo que se constitui pertinente na enunciação. Assim, uma construção nominal é uma formação das condições em que essa construção baliza um domínio referencial (Dias, 2018, p. 100).

De forma semelhante, Guimarães (2017, p. 12) nos diz que “o acontecimento tem como seu um depois incontornável e próprio do dizer. Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro”. Se o acontecimento, de um lado, projeta um futuro, por outro lado, recorta um passado, a isso denominamos *pertinência enunciativa* e referencial histórico.

Além dos referenciais históricos, o acontecimento enunciativo é constituído pelo que temos denominado de *pertinência enunciativa* (DIAS, 2018). Na nossa abordagem, esse conceito recobre a constituição de uma atualidade do enunciar, e nela, a construção de uma interpretabilidade do enunciado, isto é, a preparação desse enunciado para a adesão às demandas motivadoras do exercício da linguagem. A tomada da palavra, oral ou escrita, é afetada por demandas que se desdobram em perguntas do tipo: porque algo é dito ou por que é dito de determinadas maneiras? Perguntas desse tipo se situam na relação entre a injunção para dizer o necessário, regras para balizar o permitido e sanções para frear o inconveniente (Dias, 2023, p. 159).

Em suma, a *pertinência enunciativa* é a “constituição das condições de adesão do enunciado a um ordenamento textual capaz de atender expectativas, produzir direções e fornecer interpretabilidade ao que se diz e se escreve.” (Dias, 2023, p. 159). Por essa razão, dizemos que um nome tem aderência social porque tem *pertinência enunciativa*.

Esperamos ter apresentado uma discussão a respeito desses dois conceitos essenciais para a nossa pesquisa, retomando, também, o que apresentamos sobre acontecimento, enunciação e sentido, na seção 2.1. O recorte, como sabemos, é sempre à título de explicação. Discorreremos, abaixo, na subseção 2.3.1, acerca do referencial temático e das perspectivas referenciais (Martins, 2021).

### ***2.3.1 Referencial temático e perspectiva referencial***

De acordo com Martins (2021, p. 58), “a construção do referencial é essencial [...] para o estabelecimento de um conjunto de possibilidades de significação da realidade por meio do dizer, tendo em vista que o referencial não se define como algo fixo e estático”. Segundo a formulação arqueológica de Foucault (2008), o referencial faz com que as diferenças apareçam, quando analisadas as relações entre os espaços de diferenciação e o enunciado.

Martins (2021) estabelece um viés atento para o referencial histórico, o que produz uma dicotomia teórico-metodológica, a saber, o referencial temático e a perspectiva referencial. Para a autora, aquele “investe-se de uma amplitude referencial ancorada em manifestações sociais do cotidiano que, ao se relacionar com expressões linguísticas regularizadas discursivamente e materializadas em enunciados, apresenta-se em perspectivas” (Martins, 2021, p. 59). Estas, por sua vez, movem-se — como os sentidos também se movimentam —, dependentes dos distintos olhares para o referencial temático.

Assim, perspectivas referenciais estão sempre sustentadas por um referencial temático, pois os efeitos de sentido não são efeitos que acontecem de modo inapreensível, ou seja, não estamos postulando que o mundo pode ser significado de toda e qualquer maneira em determinada enunciação, mas os pontos de vista são assegurados pelo que embasa tematicamente esta ou aquela perspectiva sobre o plano homogeneizado do material e o plano heterogêneo do enunciável.

Por isso, conforme Martins (2021), as perspectivas referenciais se articulam linguisticamente e se assentam no referencial temático. Uma perspectiva referencial, designa a autora, é “um gesto de construção social” (Martins, 2021, p. 59). Especificamente nesta pesquisa, podemos dizer que um gesto — sob um ponto de vista positivo — pode afagar a noite,

(4) **FIGURA 2:** A mão que afaga a noite

Fonte: Pensador.<sup>9</sup>

como pode, também — sob um ponto de vista negativo — apedrejá-la<sup>10</sup>.

(5) **FIGURA 3:** A mão que apedreja a noite

Fonte: Instagram.<sup>11</sup>

A FN “noite”, nos enunciados (4) e (5), se ancora no referencial temático do medo, materializado em (4) “chuvas tempestivas”, “grandes ventanias soltas”, (5) “Golpe de Estado” e “ataques racistas”. Contudo, nos dois acontecimentos, podemos perceber que há movimentos enunciativos distintos para a significação da “noite”.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NjQ0/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

<sup>10</sup> Referência ao poema *Versos Íntimos*, de Augusto dos Anjos. O poema foi escolhido com base nas perspectivas que são acionadas diante de um mesmo objeto. À título de ilustração: “[...] O beijo, amigo, é a véspera do escarro, / A mão que afaga é a mesma que apedreja. / Se alguém causa inda pena a tua chaga, / Apedreja essa mão vil que te afaga, / Escarra nessa boca que te beija!” (Anjos, 1998, n. p.).

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/manueladavila>. Acesso em: 18 dez. 2023.



Notemos que no segundo enunciado (5), a noite é perspectivada de maneira negativa, como um Golpe que pode “cair sobre a América Latina”. É preciso, por essa razão, ter atenção para que isso não ocorra, para que a noite não caia sobre nós. Por sua vez, no enunciado (4), a noite está relacionada à amizade, com a qual podemos contar sempre, porque também somos a tempestade que a noite guarda; parafraseando, uma vez mais, Augusto dos Anjos (1998): somente a Noite — esta pantera — foi nossa companheira inseparável, no quarto enunciado.

Esses movimentos de perspectivação, que não são apenas dicotômicos, demonstram que a noite, assim como o dia, não existe, mas acontece pelo dizer (Guimarães, 2007). Desse modo, de acordo com Martins,

o referencial histórico se configura como um leque que abrange o referencial temático e as perspectivas referenciais, levando em consideração aspectos sociais e materiais da linguagem, que traz ao enunciado [...] a possibilidade de produzir diferentes efeitos de sentido, por meio de um espaço de correlações fundamentais ao processo de pertinência, ou de aderência, ao que está sendo dito (Martins, 2021, p. 61-62).

Em suma, a divisão do referencial histórico em referencial temático e perspectiva referencial, produzida por Martins (2021), nos apresenta ganhos teórico-metodológicos para a análise da constituição histórica do dizer. Neste estudo, essa abordagem é engrandecedora para investigar a materialização política dos sentidos, em suas faces orgânica e enunciável, visto que as perspectivas referenciais são “acionadas na enunciação”, mobilizando sentidos, o que agrega “significações ao referencial temático [...], dependendo do olhar, do ponto de vista que se oferece ao enunciado” (Martins, 2021, p. 131).

Esperamos ter apresentado um breve panorama dos estudos elaborados por Martins (2021) acerca do referencial histórico. No quarto capítulo deste trabalho, isto é, no capítulo de análise, especificamente na seção **4.2 Referencial histórico e pontos de vista**, voltaremos nossa investigação para os referenciais temáticos do “dia” e da “noite”, explorando, conseqüentemente, as perspectivas referenciais acionadas nos movimentos da enunciação.

No próximo tópico, empreenderemos um percurso sobre dois conceitos primordiais para a Semântica do acontecimento, quais sejam: o espaço de enunciação e a cena enunciativa, ambos elaborados por Guimarães (2017 [2002], 2018).

## 2.4 Espaço de enunciação e cena enunciativa

Na seção passada, apresentamos alguns apontamentos a respeito do referencial histórico e da pertinência enunciativa. Além disso, apontamos a discussão acerca das duas subcategorias de referencial histórico, elaboradas por Martins (2021), a saber: referencial temático e perspectiva referencial. A presente seção, e última do capítulo, concerne às duas categorias de igual importância para o estudo aqui posto: o espaço de enunciação e a cena enunciativa, propostas por Guimarães (2017, 2018).

De acordo com Guimarães (2018), o espaço de enunciação é um espaço político no qual funcionam línguas e falantes, sempre em litígio. De início, podemos situar o falante como uma figura da enunciação, agenciado pela língua. É importante notar que o acontecimento da enunciação instaura a divisão do real, posto que produz uma partilha desse espaço. Ao mesmo tempo, esse acontecimento constitui a cena enunciativa, por um agenciamento político e enunciativo. Ainda para Guimarães, o político

se caracteriza pela oposição entre a afirmação da igualdade em conflito com uma divisão desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que o organizam: organizam o (*sic*) lugares sociais e suas relações, identificando-os (ou seja, atribuindo-lhes sentido), e recortam o mundo das coisas, significando-as. Por este conflito o real se divide e redivide, se refaz incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos (Guimarães, 2018, p. 50).

Nessa medida, compreendemos o espaço de enunciação como lugar de disputas no qual se constituem a língua e o falante — determinado pela língua que fala. Esse espaço (re)divide necessariamente o sensível e os papéis sociais. Por essa razão, como veremos, a oposição e o binarismo entre as formações nominais analisadas se dão de forma histórica e enunciativa. Notaremos, ademais, que nosso viés não pergunta o porquê de ser denominado dia ou noite. Trata-se, antes, “de saber que há um cenário de constituição de sentidos (domínio de mobilização) que precede e motiva um nome. (...) Essa percepção das entidades e situações advém da constituição do seu sentido na história” (Dias, 2018, p. 120).

Na cena enunciativa, “o falante se divide em *lugar que diz* [Locutor] e *lugar social de dizer* [alocutor-x]” (Guimarães, 2018, p. 44, grifos nossos), através do agenciamento. Essa divisão resulta numa disparidade constitutiva desses lugares e, por conseguinte, numa enunciação politópica. Por isso, falamos em um dissenso próprio da enunciação. Ademais,

as relações dos lugares da cena enunciativa estabelecem ainda a relação entre o lugar de dizer (o enunciador) àquilo que diz em virtude do modo como se diz. Assim a relação que envolve o enunciador é com a *designação*, com a *referência* e não com os lugares que constituem a alocação (Guimarães, 2018, p. 72, grifos nossos).

Diríamos, ainda — à título terminológico —, que a relação que abrange o enunciador é com a formação nominal e o referencial histórico (Dias, 2018). A primeira nos dá sustentação para pensar as razões enunciativas dos processos de constituição de um nome; o segundo — superação do viés referencialista —, sustenta a qualificação enunciativa do material. Dessa maneira, a relação que envolve o lugar de dizer não se dá com o Locutor, tampouco com o alocutor-x, mas com o processo designativo e suas filiações históricas.

Ensejamos ter apresentado, até aqui, nossos estudos no tocante ao espaço de enunciação, à cena enunciativa, bem como ao referencial histórico e à pertinência enunciativa, e, por fim, à formação nominal, à enunciação, ao sentido e ao acontecimento. Desse modo, seguimos para nossos princípios metodológicos, no capítulo três, como anunciado na introdução. Em seguida, no quarto capítulo da dissertação, será feita a análise balizada pelo aporte teórico-metodológico.

### 3 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Na presente dissertação, valemo-nos de estudos teórico-metodológicos que se ancoram em pressupostos da Semântica da Enunciação. Realizamos, de início, um caminho teórico pelo aporte semântico-enunciativo e, de modo simultâneo, efetuamos o recorte do *corpus* que contém as formações nominais que tencionamos analisar.

Dessa maneira, para o desenvolvimento de nosso estudo, atuamos, primeiro, na seleção de ocorrências do “Livro do Gênesis” e do “Evangelho de João”, uma vez que, em tais textos bíblicos, aparecem enunciados nos quais “dia” e “noite”, “luz” e “trevas/escuridão” se articulam. Doravante, trabalhamos com a coleta de dados por meio do site de pesquisas *Google*, de início com as entradas “dia” e “noite”, construindo domínios de mobilização dos sentidos, depois “luz” e “trevas/escuridão”. Em seguida, coletamos ocorrências com as entradas “diurno” e “noturno”. As coletas aconteceram dos seguintes modos: i) ocorrências das dez primeiras páginas do *Google*<sup>12</sup>; ii) busca quantitativa, ou seja, número de ocorrências informadas pelo site de buscas; iii) destaque da primeira ocorrência, isto é, do que está mais demarcado.

Lembre-mo-nos de que o procedimento de análise também é um processo de elaboração de *corpus*. Tendo em vista a significativa importância de uma metodologia no tocante ao objeto a ser não somente construído, mas analisado, voltamos nossos esforços, principalmente, ao que Dias (2018, 2023) empreende na elaboração de **redes enunciativas**, “um modelo de análise da enunciação fundamentado nas teses de Guimarães (2002; 2018) relativas ao caráter histórico-social da significação” (Dias, 2023, p. 156).

Para o linguista, “observar a enunciação envolve conceber as dinâmicas das dimensões do sentido, por meio da qualificação das formas de expressão (formas significantes) como passíveis de receber a determinação de domínios de mobilidade capazes de qualificá-las enunciativamente” (Dias, 2018, p. 31). Todavia, como observar a enunciação? Assim podemos nos questionar. Nosso telescópio para o universo enunciativo é aquele que produz um trabalho acerca dos sentidos, isto é, realiza a elaboração das redes enunciativas: “procedimento para desenvolvermos o conhecimento do funcionamento da língua na produção do sentido” (*ibidem*).

---

<sup>12</sup> Vale destacar que não elegemos um critério objetivo para a seleção de 10 páginas do *Google*. A quantidade foi delimitada em função de considerarmos que tal quantidade de enunciados seria suficiente para nossos objetivos de análise. Vale ressaltar, também, que, embora esse não seja nosso interesse direto de pesquisa, sabemos que os primeiros resultados do *Google* contêm textos que acabam por se configurar com maior circulação social. “o Google utiliza um algoritmo complexo para classificar os sites em ordem de relevância para os usuários. Acredita-se que esse algoritmo seja composto por mais de 200 fatores de ranqueamento, que são analisados em questão de milissegundos a cada busca.” Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/fatores-de-rankeamento-do-google/>. Acesso em: 11 mar. 2023.

A constituição de uma rede enunciativa envolve a formação de contrastes entre a construção linguística em estudo e outras construções com estruturas semelhantes e palavras iguais, no sentido de permitir a percepção dos domínios de mobilização que a enunciação sustenta. Essas construções outras, trazidas para a rede enunciativa, são construídas pelo próprio pesquisador e/ou podem também ser buscadas em usos efetivos, **como no Google** e nos bancos de dados que abrigam usos orais e escritos da nossa língua. (Dias, 2018, p. 35, grifos nossos).

Isso posto, faz-se necessário que busquemos, então, as relações entre as FNs que são mobilizadas em enunciados, ou seja, a relação entre o plano da organicidade e o plano do enunciável. Trata-se de uma busca, sobretudo, pelo que não está visível numa materialidade e que, à parte isso, não é invisível para o sentido. A rede enunciativa, nosso procedimento metodológico, pode captar a mobilidade da relação entre referencial histórico e pertinência enunciativa. Tomemos, como exemplo de análise, a seguinte rede enunciativa:

**QUADRO 2 - Rede enunciativa: os movimentos de sentido do “dia” e da “noite”**

<p>(6) Trecho do “Livro do Gênesis”</p> <p>Depois disso Deus viu que <b>a luz era boa</b>, e Deus começou a <b>separar a luz da escuridão</b>. Deus chamou <b>a luz de “dia”</b>, mas <b>a escuridão chamou de “noite”</b>.</p> <p>(Gênesis 1:4-5)</p>
<p>(7) Noite do Brasil</p> <p>Milton Nascimento é <b>“manhã”<sup>13</sup></b> plena de sol e luz” a clarear <b>a noite do Brasil</b> no show “Clube da Esquina”</p> <p>Fonte: G1<sup>14</sup></p>
<p>(8) Casas noturnas</p> <p><b>Mercado do sexo: casas noturnas</b> continuam a funcionar em plena pandemia</p> <p>Fonte: R7<sup>15</sup></p>
<p>(9) Filme de terror diurno</p> <p>Ontem vi Midsommar, um filme de <b>terror diurno</b>, como mto sol em uma paisagem bucólica na Suécia (...).</p> <p>Fonte: <i>Twitter</i><sup>16</sup></p>
<p>(10) Mensagem de boa noite</p> <p>O <b>choro</b> pode durar uma <b>noite</b>, mas a <b>alegria</b> vem pela <b>manhã</b>.</p> <p>Fonte: Mensagens com amor<sup>17</sup></p>
<p>(11) Excerto do “Evangelho de João”</p> <p>Então, esta é a base para o julgamento: a luz veio ao mundo, mas <b>os homens amaram a escuridão em vez da luz</b>, porque as obras deles eram <b>más</b>.</p> <p>(Evangelho de João 3:19)</p>

Fonte: Elaborado pela autora (grifos nossos).

Quando Deus nomeia a “luz” de “dia”, a partir da cisão com seu ‘antônimo’, bem como quando Deus adjetiva a “luz” de boa, somos tomados, de maneira regularizada, pela

<sup>13</sup> Durante a pesquisa, foi possível perceber que a FN “dia” pode significar tanto manhã e tarde, como também o dia em suas 24h. Do mesmo modo, “noite” abarca madrugada. Por isso, notaremos ambas as ocorrências.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2019/05/19/milton-nascimento-e-no-show-clubes-da-esquina-uma-manha-plena-de-sol-e-luz-que-clareia-a-noite-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 20 fev. 2023.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://recordtv.r7.com/camera-record/videos/mercado-do-sexo-casas-noturnas-continuam-a-funcionar-em-plena-pandemia-15022021>. Acesso em: 20 fev. 2023.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://twitter.com/boliviazica/status/1180183030520061954>. Acesso em: 20 fev. 2023

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.mensagenscomamor.com/mensagem/106542>. Acesso em: 20 fev. 2023.

significação da “noite” enquanto algo que não é bom. No quadro 2, que se deu a partir da seleção de ocorrências das dez primeiras páginas do *Google*, é possível perceber que os enunciados da Bíblia (6) e (11) são constitutivos da memória enunciativa dos demais enunciados. Ora, (7) Milton Nascimento e Clube da Esquina, banda de cunho político — formada em meio à ditadura militar —, vêm presentificar um novo e esperançoso dia para o Brasil, em meio ao governo de 2019; do mesmo modo, em (10) podemos notar que o referencial já está demarcado nas designações “choro” e “alegria”, ambas podendo ser encapsuladas por “noite” e “dia”, respectivamente. Em (8), mesmo “em plena pandemia” — “os homens amaram a escuridão em vez da luz” (11) —, há que se ressaltar o sexo como referencial da “noite” por meio da articulação internominal (Dias, 2018) que ocorre em “casas noturnas” — posta como ‘sinônimo’ de “mercado do sexo”. Finalmente, em (9), o nome “terror” necessariamente precisa do convergente “diurno”, visto que “a perspectivação não ocorre internamente à cena, pois é projetada pela enunciação de modo a conceber o referente” (Dias, 2018, p. 180); ao contrário, “terror noturno” — quando abordamos o gênero terror — não depende do convergente, uma vez que “terror”, nesse caso, abriga o convergente “noturno”, ou seja, trata-se tão somente de um “filme de terror”. Dito de outra forma, a FN “filme de terror” está tomada pelos referenciais da escuridão, da noite, do sombrio. O presente do enunciado, assim, projeta um futuro em que o terror também pode ser diurno; por isso, falamos de pertinência (atualidade) e diferença, da memória e do porvir.

Essa perspectiva de análise torna válida a reflexão de que um signo tem relação com o outro na medida em que apresenta também relação com a história das enunciações das quais já participou. Não se tratando, portanto, nem da ideia de “sistema” apontada por Saussure (sic), que concebe os signos apenas em suas relações estritamente linguísticas; tampouco da concepção de micro ato do acontecer, posta em cena por Ducrot, que é apenas uma parte do acontecimento enunciativo porque não leva em conta a repercussão de sentenças e enunciados anteriores na efetivação dos dizeres em acontecimento, não leva em conta que enunciados anteriores deram suporte às relações dos signos que estão em ato (Dalmaschio, 2013, p. 59).

De acordo com Dias (2018, p. 34), “nós vivemos em sociedade e assim somos afetados pelo discurso (...) [que] é constituído com o passar do tempo, e vai se tornando histórico, repetitivo”. O que proporciona, dessa forma, essa relação de sentidos? O referencial histórico, em nossa perspectiva. Não há relação direta entre palavra e coisa, mas relação entre palavra e palavra, relações em rede que se formam no que está dito na palavra dita. As redes realizam o trabalho de exposição, como um guia o faz no museu, daquilo que não aparece no enunciado,

visto que, como pontuamos anteriormente, “as relações visíveis do enunciado são dependentes de outras relações que não estão visíveis” (Dias, 2018, p. 35).

Não se trata, por fim, de emoldurar o sentido em um contexto ou objeto do mundo, mas de entendê-lo como efeitos de sentido historicamente e ideologicamente posicionados. Por essa razão, entendemos que não existe ‘o’ sentido, mas efeitos de sentido, uma vez que “não é algo que advém do enunciado em si, mas da relação de pertencimento que ele mantém com sentidos já produzidos” (Dias, 2014, p. 96), frente às condições sócio-históricas de sua produção.

Dessa maneira, quando trabalhamos com enunciados pautados no uso, empreendendo a aproximação e o distanciamento desses para comprovar uma hipótese, demonstramos, também, como a significação se efetiva. Nosso procedimento de análise, as redes enunciativas, nos revela no que esses exemplos são parecidos ou dessemelhantes; sua criação é cerceada pela regularidade de uso. Nossa proposta busca, então, a elaboração do sentido, seu lugar de mobilidade, no que está ancorado.



#### 4 EM ANÁLISE: O DIA E A NOITE DOS SENTIDOS

Neste capítulo, procederemos à análise do *corpus* selecionado para nossa pesquisa, que consiste nas formações nominais que se apresentam organizadas em torno dos nomes-núcleo “dia”, “noite”, “luz”, “trevas/escuridão”, assim como dos convergentes adjetivais “diurno” e “noturno”. Estruturamos este capítulo em quatro tópicos complementares, alinhados com os objetivos delineados nesta pesquisa.

O primeiro tópico, intitulado **Os caminhos da formação nominal: um olhar para o referencial histórico cristão do “dia” e da “noite” (4.1)**, tem como propósito investigar em que medida os efeitos de sentido dessas FNs se ancoram nos referenciais históricos mobilizados enunciativamente pela mitologia cristã. Buscamos, ainda, examinar as representações sociais da religião e do mito, explorando como os traços histórico-sociais, desde a disseminação da mitologia cristã no Ocidente até a contemporaneidade, atuam na enunciação dessas formas enquanto unidades condensadoras de acontecimentos de linguagem. Com isso, esperamos alcançar nosso objetivo específico de abertura, qual seja: **examinar os efeitos de sentido das formações nominais estabelecidas e a ancoragem nos referenciais históricos delineados enunciativamente pela mitologia cristã.**

No segundo tópico, **Referencial histórico e pontos de vista (4.2)**, visamos **trabalhar, a partir das formas linguísticas analisadas, com as duas subcategorias de referencial histórico**, propostas por Martins (2021), quais sejam: referencial temático e perspectiva referencial. Nosso intuito aqui é demonstrar o tensionamento presente nas perspectivas sobre o referencial do mito e da religião, o que pode evidenciar um *continuum* da significação.

Já no terceiro tópico, **Sobre o político da e na linguagem (4.3)**, intentamos **explicitar a participação do viés político nas divisões enunciativas que se configuram no cerne do dizer** — como projetado no terceiro objetivo específico deste trabalho. É preciso ressaltar, diante disso, que o político é tão inerente à língua que se faz necessário um recorte teórico-metodológico para seu tratamento; para tanto, definimos uma seção separada para sua observação.

Por fim, no quarto tópico, **Sinonímia, antonímia e a vida quimérica de um sentido (4.4)**, revisitaremos as noções de sinonímia e de antonímia à luz de uma semântica de bases enunciativas, levando em conta os efeitos de sentidos balizados pelas formações nominais recortadas para a pesquisa. Neste ponto, pretendemos elucidar como esses conceitos linguísticos precisam de um olhar atento, tendo em vista sua configuração política, isto é, tendo

em vista o conflito — em alguns casos latente ao plano da organicidade — dos efeitos de sentido.

Ao nos debruçarmos sobre esses quatro tópicos e objetivos, almejamos demonstrar a materialização política do sentido que ocorre no acontecimento enunciativo. Para isso, é preciso fazer o caminho das articulações das formações nominais, posto que a materialidade presta ao movimento analítico a capacidade de estudar a rede complexa de sentidos forjada pela história das enunciações.

#### **4.1 Os caminhos da formação nominal: um olhar para o referencial histórico cristão do “dia” e da “noite”**

Neste tópico, procuraremos analisar como ocorre o processo de circulação social das formações nominais, tendo em vista que o nome é, em suma, um recorte enunciativo (Dias, 2018). Em outras palavras, o nome não é posterior às entidades nomeadas ou, ainda, não se trata apenas de uma categorização formal, mas o nome é, sobretudo, o que significa as entidades, o que dá existência e pertinência social às coisas. Especificamente, então, procuraremos observar as relações entre as razões enunciativas que motivam e constituem as FNs “dia”, “noite”, “luz” e “trevas”, tal como enquadradas não só no *“Livro do Gênesis”* e no *“Evangelho de João”*, mas também na contemporaneidade.

O compromisso de um nome não é com a entidade em si, mesmo porque ele não existiria nessa condição, mas o campo de emergência de entidades recortado na exterioridade. Trata-se de **um recorte enunciativo, porque essas entidades não se encontram discriminadas e delimitadas na natureza. A enunciação irá torná-las pertinentes aos acontecimentos de linguagem**, tendo em vista as possibilidades históricas que as fazem emergir. As construções nominais abrigam a base desse referencial, isto é, desse campo de emergência das entidades extralinguísticas (Dias, 2018, p. 100, grifos nossos).

Os enunciados descritivos, assim, passam por um movimento de condensação até que a unidade nominal adquira, socialmente, potencial para ser enunciada. Ao examinarmos os enunciados do *“Livro do Gênesis”* e do *“Evangelho de João”*, podemos observar, então, um movimento de articulação que dá pertinência às entidades linguísticas “dia” e “noite”, “luz” e “trevas”.

No livro de início da Bíblia, por exemplo, encontramos o processo de criação do mundo, que se dá a partir de um corte entre trevas-luz e noite-dia. Da mesma forma, no *“Evangelho de*

João”, a luz é associada à vida, enquanto as trevas são vinculadas à ausência de luz, por conseguinte, à ausência de vida. Entendemos que essa separação só é possível porque há uma associação de enunciados descritivos. À medida que os enunciados são significados em rede, repetidos e reiterados, há a condensação dos nomes, “resultando em potencial temático” (Dias, 2018, p. 118). Portanto, “advém da concentração de enunciados descritivos” o estatuto significativo que se dá na maneira como compreendemos a luz e a escuridão. Esses enunciados, além disso, “passam por uma estabilização de sentidos, tendo em conta as pertinências enunciativas que os nomes contraem nas discursividades constituídas na língua” (*ibidem*).

Dito isso, no enunciado que analisaremos a seguir (10), no qual Deus nomeia a luz de “dia”, marcando uma ruptura tanto material como simbólica — posto que enunciativa — com as trevas, as quais, por sua vez, Deus designa de “noite”, percebemos, de início, uma significação da noite e das trevas como algo pertencente a uma ordem que não está associada semanticamente ao que é bom, o que vamos sintetizar nominalmente como ‘não-bom’.

Vejamos, desse modo, os cinco versículos que abrem o *Livro do Gênesis*:

(12) Versículos do “Livro do Gênesis”

No princípio criou Deus o céu e a terra.

E a terra era sem forma e vazia; e **havia trevas** sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

E disse Deus: Haja luz; e **houve luz**.

E **viu Deus que era boa a luz**; e **fez Deus separação entre a luz e as trevas**.

E Deus **chamou à luz Dia**; e às **trevas** chamou **Noite**. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.

(Gênesis 1:1-5, grifos nossos)

É importante ressaltar que essa separação anunciada entre luz e trevas, antes da nomeação do “dia” e da “noite”, respectivamente, não é obra primária do cristianismo, mas pode ser rastreada historicamente em mitos anteriores. Podemos observar, por exemplo, a influência irremovível da mitologia greco-romana na Bíblia cristã. De acordo com aquela mitologia clássica, a noite era concebida como a mãe do dia e da discórdia, além de ter sido gerada pelo Caos primordial. Na mitologia judaico-cristã, de modo semelhante, as trevas são primordiais e anteriores, isto é, “havia trevas” e, depois, “houve luz” (12). Do mesmo modo, os povos polinésios empregavam palavras em seus rituais com objetivo de criar a luz em um mundo tomado, inicialmente, pelas trevas (Commelin, 2017; Eliade, 2016). Por isso, esse

movimento dicotômico, característico do pensamento ocidental, é encontrado em diferentes tradições mitológicas, destacando-se como um recorte, como dissemos, enunciativo.

De antemão, podemos dizer que no enunciado (12) há uma articulação subnominal (Dias, 2018) das FNs demarcadas, posto que há uma condensação de efeitos de sentido.

### QUADRO 3 - Articulação subnominal das FNs “dia” e “noite”

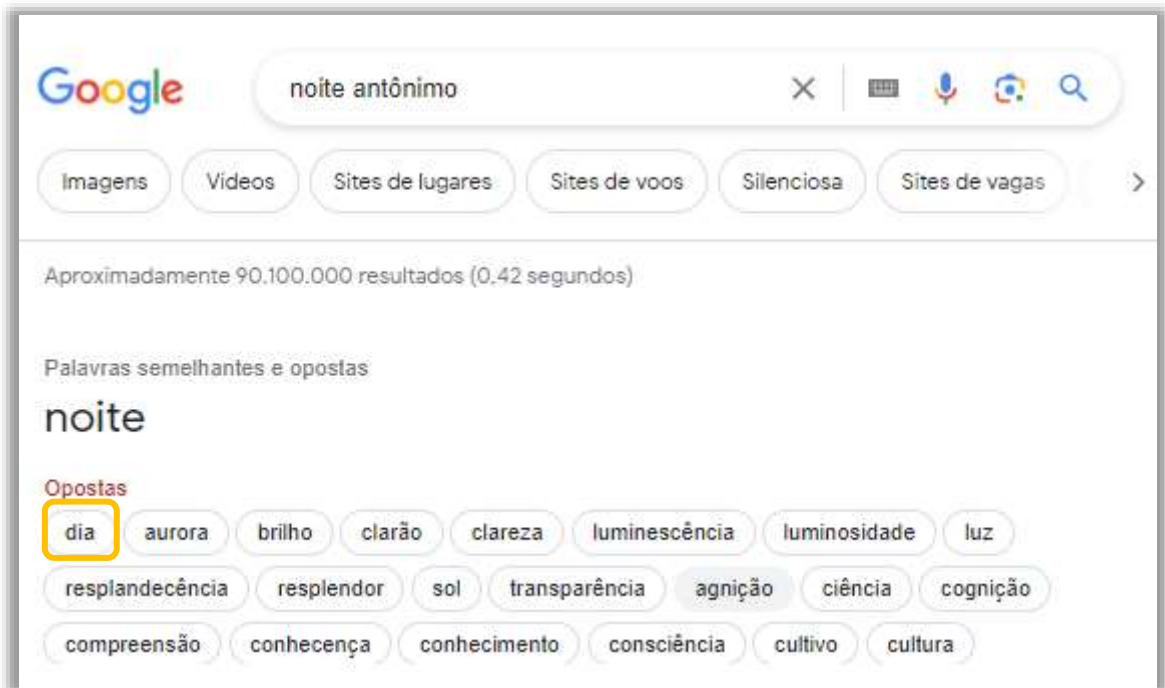
<b>Enunciados descritivos</b>	(12a) “havia trevas” (12d) [logo, as trevas não eram boas]	(12b) “houve luz” (12c) “viu Deus que era boa a luz”
	(12e) “fez Deus separação entre a luz e as trevas”	
<b>Condensação</b>	↓	↓
<b>Unidade nominal em posição temática</b>	noite	dia

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Dias (2018).

A associação da vida e do bem à luz e ao dia, assim como a compreensão da noite e das trevas como a morte e a ausência do bem, é uma dualidade recorrente na tradição cultural e religiosa do mundo. Mais do que uma dualidade, no entanto, “dia” e “noite” são significados em oposição ou como ‘antônimos’, como podemos ver nesta busca que fizemos no *Google*, à título de ilustração:

**QUADRO 4 - Resultado (Google) para ‘antônimos’ de “noite” e “dia”**

(13) **FIGURA 4:** Ocorrência de antônimos para “noite”



Fonte: Google, 16 dez. 2023.

(14) **FIGURA 5:** Ocorrência de antônimos para “dia”



Fonte: Google, 16 dez. 2023.

Fonte: Elaborado pela autora.

Tomando emprestada a história das enunciações, a mitologia judaico-cristã também se realiza em grande medida pela ideia de que há uma cisão entre o dia e a noite, a luz e a escuridão, o sagrado e o terreno, o corpo e a alma, o bom e o não-bom. Esse maniqueísmo, dessa forma, se presentifica na constituição da língua, na sua historicidade. Conforme Schuback,

[...] é a partir de um movimento de tendência para a noite, de um movimento de ocaso que o Ocidente é o mestre das distinções, separações e cisões. Pois somente o que está à beira da noite, o que se precipita no indiferenciado precisa distinguir, **separar para** ver com clareza (Schuback, p. 59-60, 1996, grifos nossos).

Trata-se, assim, de uma separação com o intuito de algo, uma cisão para compreender, para significar. Separamos para que seja possível entender o modo de articulação de uma rede labiríntica de sentidos. No entanto, o diferente do “dia”, o outro da “noite”, nada mais nos conta do que: o outro é constitutivo. Afinal, questiona Schuback (1996, p. 60), “o que seria da noite sem o dia, e vice-versa?”. Além do mais, quando relacionamos o movimento de distinção ao movimento da própria língua, estamos falando de um litígio que ocorre no acontecimento enunciativo.

Desse modo, porque

(12a) “havia trevas” (noite)

foi necessário separar, ou recortar; por isso,

(12b) “houve luz” (dia)

para que se pudesse ver de outra forma, para nomear, para, enfim, significar a partir da linguagem. Portanto, a distinção predominante entre a luz e as trevas se dá num recorte enunciativo para significar mais do que o dia ou a noite, trata-se de um recorte exponencial, porque é um recorte de referenciais históricos, o que significa fazer uma separação, também, entre o ‘bom’ e o ‘não-bom’, devido a um exercício de diferenciação e apreciação da mitologia judaico-cristã.

É crucial frisar, contudo, que não estamos buscando estabelecer um lugar de origem, uma localização definitiva, tampouco de permanência, dos efeitos de sentido do “dia” e da “noite”, mas um ‘surgimento’ predominante, isto é, uma regularidade. Entendemos esse surgimento, tal qual entendemos a regularidade, de modo distinto do que é evidente, fixo ou

originário, “porque, em lugar de um fato, apresenta um fazer-se, um verbo, e, com isso, sempre apresenta consigo um tanto de não-surgimento e, por conseguinte, de não evidência. O surgimento é uma luz que comporta uma sombra, uma obscuridade” (Schuback, 1996, p. 72). Em nossa perspectiva, correspondemos o ‘surgimento’ a um movimento linguístico no qual enunciados descritivos — “Deus viu que a luz era boa” (12c), “Deus fez a separação entre a luz e as trevas” (12e), por exemplo — produzem, em um processo de condensação, materializado por uma articulação subnominal, o aparecimento da nominalidade.

Subsidiariamente a essa reflexão que acabamos de realizar, ao fazer uma análise da formação nominal “Cruzeiro do Sul”, Dias (2018) relata que há um referencial do cristianismo na associação com a palavra ‘cruz’. Essa articulação com ‘cruz’ “produziu uma pertinência dessa constelação [Cruzeiro do Sul] para o homem ocidental que aportou nas terras do hemisfério sul. Houve a necessidade de um referencial cristão para que logo houvesse a visibilidade dessa constelação para os colonizadores” (Dias, 2018, p. 29). Dessa maneira, a perspectiva enunciativa cristã criou a regularidade com a qual colonizadores e colonizados relacionam a constelação vista do ponto ‘sul’ do planeta — que, aliás, também é significado a partir de uma perspectiva enunciativa. Como observa Dias (2018, p. 15), “significar é relacionar”. Por essa razão, também, não é possível falar de um sentido primeiro, pois todo efeito de sentido surge de uma relação.

Podemos dizer, assim, que há um *continuum* de significação no qual as FNs não são significadas como entidades estáticas e isoladas, mas como unidades articuladas e passíveis de serem qualificadas enunciativamente. Melhor dizendo, “ao enunciar, direcionamos e mobilizamos formas no sentido de torná-las qualificadas na enunciação” (Dias, 2018, p. 42). Desse modo, considerando os estudos elaborados por Dias (*ibidem*), afirmamos que o “dia”, a “noite”, a “luz” e as “trevas” “circulam socialmente com um potencial historicamente definido para significar”.

Portanto, a configuração da cena enunciativa, no livro que inaugura a Bíblia, pode ser estabelecida do seguinte modo: aquele que se significa como o que diz, o Locutor-tradutor, nessa alocação, tem um Locutário como correlato, ambos constituídos no acontecimento de linguagem. Do mesmo modo, o falante ainda é dividido em alocutor-cristão, que também fala a um tu, o alocutário. A partir dessa divisão, coloquemos em foco, novamente, o que apresentamos no Quadro 3:

**QUADRO 3** - Articulação subnominal das FNs “dia” e “noite”

<b>Enunciados descritivos</b>	(12a) “havia trevas” (12d) [logo, as trevas não eram boas]	(12b) “houve luz” (12c) “viu Deus que era boa a luz”
	(12e) “fez Deus separação entre a luz e as trevas”	
<b>Condensação</b>	↓	↓
<b>Unidade nominal em posição temática</b>	noite	dia

Fonte: Elaborada pela autora, com base em Dias (2018).

Posto isso, de forma regularizada enunciativa e historicamente, podemos elaborar os enunciados a seguir:

(12f) Era bom o dia.

(12g) Não era boa a noite.

Temos, assim, uma enunciação, em língua portuguesa, de um Locutor-tradutor, visto que a Bíblia não foi escrita, originalmente, nessa língua em que se enuncia. Entretanto, “para se estar no lugar de L é necessário estar afetado pelos lugares sociais autorizados a falar, e de que modo, e em que língua (enquanto falantes)” (Guimarães, 2017, p. 32). Além do mais, é preciso que L não seja ele mesmo, mas um alocutor, isto é, um lugar social de dizer. Nesse caso, podemos denominar a variável de alocutor-cristão, aquele que atribui sentido à “luz” por meio de uma cisão com as “trevas”, e só o faz, pois é Deus quem enuncia por meio dele. Desse modo, a sequência faz significar um enunciador-universal em (12), que pode ser parafraseado como

(12h) Todos sabem que a luz é melhor do que as trevas.

(12i) O dia é melhor do que a noite.

Isso se dá pois o “enunciador-universal é um lugar que significa o Locutor como submetido ao regime do verdadeiro e do falso” (Guimarães, 2017, p. 35), porque Deus “é o caminho, a verdade e a vida” (Evangelho de João, 14:6), porque a linguagem de Deus é



universal, porque, no mito, “a história evapora-se” (Barthes, 2001, p. 171). Dito em outras palavras, o enunciador-universal não está na ordem do contingente, mas do necessário, do que é ‘evidente’ e ‘verdadeiro’ para todos.

Passando da história à natureza, o mito faz uma economia: abole a complexidade dos atos humanos, confere-lhes a simplicidade das essências, suprime toda e qualquer dialética, qualquer elevação para lá do visível imediato, organiza um mundo sem contradições, porque sem profundidade, um mundo plano que se ostenta em sua evidência, cria uma clareza feliz: **as coisas parecem significar sozinhas, por elas próprias** (Barthes, 2001, p. 164, grifos nossos).

Trata-se de um referencial histórico universal, portanto. Ainda que não seja um discurso científico, o discurso religioso também enuncia um mundo que dá condições de existência para mundos posteriores, com os quais não há discussão, visto que são tomados de forma naturalizada. Isso ocorre pois “o olhar para o mundo é um olhar necessariamente compartilhado porque se trata de um olhar descortinado pela linguagem” (Dalmaschio, 2013, p. 69). Ou ainda,

o homem é homem porque possui linguagem, segundo a definição ocidental da essência humana. Ao definir a linguagem como a terra do homem, o Ocidente define a linguagem como a sua própria terra. A linguagem é a terra do Ocidente, porque nela o homem se mostra como o ser que está diante de seu fim, como um ser finito (mortal). [...] Isso quer dizer: em tudo o que diz, a linguagem do homem guarda a memória da sua finitude. Isso quer dizer: em tudo o que diz, a linguagem do homem é referência a um sentido que passou e a um sentido porvir (Schuback, 1996, p. 61).

Em função disso, não acreditamos que a gênese do mundo seja divina, mas linguística. Ainda, a gênese do mundo não é Deus, mas é uma linguagem de Deus e sobre Deus. Tendo isso em vista, podemos dizer que, apesar de apresentar um enunciador-universal, o enunciado (12) não está fora da história, mas divide-a, por intermédio de uma perspectiva universal partilhada enunciativamente, porque se trata de uma perspectiva predominante, uma vez que o Ocidente é muito mais do que localização geográfica na Terra (Schuback, 1996), porque é um domínio político da cultura que funciona como horizonte de possibilidade de significação.

Como sustenta Guimarães (2018, p. 44), na cena enunciativa o falante é agenciado a falar enquanto lugar de enunciação. Nas palavras do linguista,

Ele [o falante] fala numa história de outras enunciações que ‘dirigem’ sua ‘escolha’. O falante agenciado como aquele que fala, como aquele que diz, não só é obrigado a nomear, como modo de tomar posse, como é obrigado a

nomear segundo o lugar social e político que o constitui enquanto aquele que fala. (Guimarães, 2018, p. 15).

Desse modo, ao considerarmos a distinção entre dia e noite, somos levados a refletir não apenas sobre as particularidades naturais e físicas do universo, mas, principalmente, sobre as dinâmicas enunciativas subjacentes a uma unidade nominal. É um convite para conhecer o que está aquém e além do que é visível, das coisas tangíveis, trata-se de uma manifestação do invisível da noite, uma interrogação à clareza do dia.

Dito isso, podemos pontuar que o nome diz pela história de seus ditos e pela história de suas articulações como centro de referência em um enunciado. No entanto, a hipérbole onipotente do nome não pode ser assegurada, pois dar o ponto final de que tudo já foi dito é, em suma, calar a potência significativa do nome. Dessa maneira, a relação entre o que se diz e o modo como os nomes “dia” e “noite” são ditos, por exemplo, parte de um enunciador-universal, como vimos anteriormente, o que não abre espaço para o litígio, isto é, que encerra uma discussão latente na história sobre os efeitos de sentido do dia e da noite. Isso posto, não se trata de um enunciado de origem, mas que, dentro da história, significa a si como necessário e, por conseguinte, toma o invólucro do nascimento e da resistência para si. Por isso, falamos de uma perspectiva universal partilhada enunciativamente.

Essas considerações acerca da ocorrência (10) são importantes, de um lado, para mostrar como somos agenciados a dizer o que dizemos e a forma como dizemos o que dizemos, por outro lado, demonstram que somos tomados pela necessidade de um enunciado de origem, ainda que ilusório, para nossos dizeres. Postulamos, como já dissemos, que não há origem, mas regularidades. “Quando estamos no acontecimento enunciativo nos encontramos no virtual, no mundo da indeterminação dos sentidos [...] mas, ao mesmo tempo, nos valem das distinções históricas [...]. Por isso, ao atualizarmos o virtual, somos afetados pela repetição e pela diferença.” (Dalmaschio, 2013, p. 68).

Não há uma ‘verdade’, portanto, sobre o que seja o dia e a noite, a luz e as trevas, mas enunciações que significam essas entidades. Percebemos, no limite, que a oposição entre dia e noite se fundamenta em uma vontade de verdade que, tal qual “os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional” (Foucault, 1999, p. 17), em um mito, em uma religião ou mesmo em uma língua. A linguagem, conforme Guimarães (2017), é contornada politicamente, isto é, o espaço de enunciação é político. Acreditamos, em função disso, que existe uma materialização política dos sentidos quando somos agenciados enunciativamente a dizer, quando somos levados à temporalização no acontecimento. Dito isso, demonstramos que

a abordagem desses nomes como formações nominais em redes enunciativas nos possibilita uma análise no nível da explicação, não da definição.

Para avançarmos nesta rede articulada pelos sentidos, faremos uma análise das FNs, atualmente, por meio da pesquisa no *Google*, tal qual anunciado nos procedimentos metodológicos do estudo. Pretendemos demonstrar que à medida que uma unidade nominal adquire pertinência enunciativa, a sua capacidade temática é desenvolvida em outras enunciações; além disso, poderemos analisar se o referencial histórico da mitologia judaico-cristã, ainda hoje, atua predominantemente na enunciação dessas FNs.

## QUADRO 5 - Rede enunciativa: FNs “luz” e “trevas”

### (15) FIGURA 6: Luz e trevas na política brasileira



Fonte: Veja, 30 set. 2022.<sup>18</sup>

### (16) Luz e trevas na política dos EUA

Biden diz ser ‘aliado da **luz**’ e que é hora dos EUA ‘saírem das **trevas**’

[...]

Biden disse que a seu lado estão **a ciência, a democracia, a fraternidade e o respeito**. Já seu adversário [Donald Trump], continuou, é acompanhado pelos **privilégios do 1% mais ricos e das grandes corporações, pela mentira e pelo egoísmo**.

Fonte: Poder 360, 21 ago. 2020, grifos nossos.<sup>19</sup>

### (17) “Evangelho de João”

**Eu vim como luz** ao mundo, para que todo aquele que deposita **fé** em mim não permaneça na **escuridão**.

(Evangelho de João 11: 46, grifos nossos.)

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/jose-vicente/o-embate-entre-a-luz-e-as-trevas-nas-eleicoes>. Acesso em: 16 dez. 2023.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/biden-diz-ser-aliado-da-luz-e-que-e-hora-dos-eua-sairem-das-trevas/>. Acesso em: 16 dez. 2023.

Vimos anteriormente que “viu Deus que era boa a luz” (12c), o que torna a escuridão ou as trevas como não-boas. Na rede enunciativa exposta no quadro 5, podemos observar como esse caráter opositivo, tomado proeminentemente pelo referencial cristão, significa o que é o bom na luz e o que é o não-bom nas trevas, de modo que não estamos falando mais do que está iluminado na ordem da natureza e do que não está. Podemos construir o seguinte quadro:

**QUADRO 6** – Rede enunciativa: movimento de condensação de “luz” e “trevas”

FN	Efeitos de sentido
Luz	Razão possível Fotografia do Lula Ciência Democracia Fraternidade Respeito Fé
Trevas/escuridão	Insanidade Fotografia do Bolsonaro Privilégios dos ricos Mentira Egoísmo Ausência de fé

Fonte: Elaborado pela autora.

Como observa Dias (2018), o enunciado que nos aparece materialmente tem sentido na relação com outros que não estão visíveis. O referencial histórico é o que permite essas relações de sentido nos enunciados. Como vimos em (12), as trevas são orientadas enunciativamente para o que entendemos como sendo da instância negativa, porque não são boas como a luz. Da mesma forma, a insanidade é aquilo que deve ser vencida pela razão possível (15); a ausência de fé, então, não só mantém as pessoas nas trevas, na insanidade, mas, ao longo da história das enunciações, mantém as pessoas na mentira, no egoísmo, subjulgadas pelos privilégios dos mais ricos (16), enquanto o voto naquele que é “aliado da luz” (16), ou, ainda, a fé naquele que veio como luz (17), pode fortalecer a ciência, a fraternidade, o respeito, pode fazer com que o mundo, afinal, não permaneça no não-bom (17).

Isso ressalta, mais uma vez, que essas relações não estão dadas no mundo. Não há como apontar para a escuridão ou para a mentira e dizer “são iguais”; mas há como questionar qual a natureza semântica e enunciativa da relação que essas FNs constituem. Isso se dá de tal modo que podemos nos perguntar: estamos diante de palavras que são sinônimas? Poderíamos considerar que a sinonímia faz parte do processo de referenciação de “escuridão” e ‘mentira’? Se sim, em que medida esses nomes são sinônimos? Em que medida, mais ainda, luz-democracia, trevas-privilégios dos mais ricos, escuridão-egoísmo possuem sinonímia?

Ora, já vivenciamos essas relações no século XVII, na passagem da “Idade das Trevas” para o “Iluminismo”. Assim como Jesus Cristo renasceu e trouxe a luz para o mundo, segundo o cristianismo, o Renascimento veio trazer a ciência ao período de “trevas” no conhecimento, significado negativamente pelos humanistas da época<sup>20</sup>. Do mesmo modo, o advento da luz elétrica, há 145 anos, em 1879, e, mais atualmente, das tecnologias digitais (computador, celular, *kindle*, entre outras) não apagam as filiações históricas que constituem a nominalidade, mas a atravessam. Hoje em dia, a luz pode estar na tela de um celular que é ligado em um quarto escuro — assim como uma vela já iluminou qualquer sala —, contudo os enunciados ainda fazem emergir os pontos de vista de outros tempos e de outros lugares, do que é temporalizado no acontecimento.

a língua é um produto de natureza sócio-histórica, e os fenômenos de linguagem devem ser explicados com base na consideração de que a sociedade produz demandas diversas de significação que se refletem na língua, demandas estas sujeitas a se alterarem no decorrer do tempo (Guimarães, 2011, p. 20).

Notemos que o acontecimento enunciativo revelado nos dizeres supramencionados só pode ser captado de modo material, funcionando na língua em uso. À medida que nos colocamos frente à materialização linguística dos enunciados e das FNs de modo interdependente, vamos nos deparando com aquilo que não está visível, o que está no plano do enunciável. É preciso reconhecer, sobretudo, que “o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é

---

<sup>20</sup> “O Renascimento é a grande época da mentalidade histórica. É assinalado pela idéia de uma história nova, global, a história perfeita, e por progressos importantes de métodos e de crítica histórica. Das suas relações ambíguas com a Antiguidade (ao mesmo tempo modelo paralisante e pretexto inspirador), a história humanista e renascentista assume uma atitude dupla e contraditória perante a história. Por um lado, o sentido das diferenças e do passado, da relatividade das civilizações, mas também da procura do homem, de um humanismo e de uma ética em que a história, paradoxalmente, se torna *magistra vitae*, negando-se a si própria, fornecendo exemplos e lições atemporalmente válidos.” (Le Goff, 1990, p. 68).

efeito” (Foucault, 1999, p. 57). A língua, portanto, não está livre da história, mas materializa o que nela é incorporal. Assim, se é no nível da materialidade que acontecimento se efetiva, essa é a materialidade — “dia/noite”, “luz/trevas” — que se regularizou para efetivar o acontecimento do “bom” e “não-bom”, da “razão” e da “insanidade”, da “fé” e da “ausência de fé”.

Conforme Schuback (1996, p. 60), “o próprio dessa terra [do Ocidente] é lutar pela sua própria alteridade”. As articulações subnominais aqui, portanto, demonstram “uma terra sempre em luta por um outro dia”, por outra oportunidade, porque somente “no outro dia, o Ocidente reencontra aquilo que ele mesmo é: tendência para a noite, para o fim”. Realizaremos, agora, o mesmo empreendimento realizado no Quadro 6 para a análise das FNs “dia” e “noite”, na rede enunciativa seguinte:

**QUADRO 7**– Rede enunciativa: FNs “dia” e “noite”

## (18) Trecho do “Evangelho de João”

Jesus respondeu: “Não há 12 horas de luz no dia? Se alguém **anda na luz do dia, não tropeça**, porque vê a luz deste mundo. Mas, se alguém **anda de noite, tropeça**, porque nele não há luz.”

(Evangelho de João 11:9-10, grifos nossos)

(19) **FIGURA 7:** Quadrinho sobre o dia e a noite

Fonte: *Pinterest*<sup>21</sup>

## (20) A brisa suave do dia e o furacão da noite

Sempre há um dia claro depois de uma noite escura, ponto. Ele pode não ser sempre ensolarado, mas é mais claro que a noite escura. Isso é lei divina. Todo **furacão** termina em uma **brisa suave** e toda **noite escura** termina em um **dia claro**.

Fonte: *Facebook*, 9 out. 2020.<sup>22</sup>

(21) **FIGURA 8:** Mensagem para inspirar uma boa noite

Fonte: *Mensagens com amor*<sup>23</sup>

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://i.pinimg.com/474x/f3/48/41/f348415f322a10924e6612570015fc91.jpg>. Acesso em: 01 mar. 2021.

<sup>22</sup> Disponível em:

[https://www.facebook.com/comRicardoMelo/photos/a.952718361516361/3230004667121041/?type=3&eid=AR AqZL5Tgh6Ca6PFXdeGIGVMaYQhpH9jI7nYojCdD00vvfxQ\\_wTnnaEj7j0qv9U7kgRM7LDfRDuPqn\\_6](https://www.facebook.com/comRicardoMelo/photos/a.952718361516361/3230004667121041/?type=3&eid=AR AqZL5Tgh6Ca6PFXdeGIGVMaYQhpH9jI7nYojCdD00vvfxQ_wTnnaEj7j0qv9U7kgRM7LDfRDuPqn_6).

Acesso em: 01 mar. 2021.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.mensagenscomamor.com/mensagem/106542>. Acesso em: 03 mar. 2021.



Na rede enunciativa estabelecida no Quadro 7, parece-nos substancial o referencial da “noite” e o referencial do “dia” posicionados como contrários, isto é, um é o que o outro não é e, ao mesmo tempo, um só é porque o outro também é. Essa rede enunciativa, assim, tem relação com a rede enunciativa formada pelas FNs “trevas/luz” (Quadro 5), visto que recorta os referenciais históricos do “dia” e significa-os como a alegria após a tristeza (21), a calma depois de momentos difíceis (20), bem como o conhecimento do caminho (18) — ou o medo de não tropeçar (18) —, distintamente da preocupação (19) e do tropeço (18). Trata-se aqui de observar as duas redes e compreender que os enunciados do “Livro do Gênesis” e do “Evangelho de João” estão se atualizando de forma com que adquiram pertinência enunciativa na contemporaneidade.

Por essa razão, entendemos que não existe ‘o’ sentido, mas efeitos de sentido, uma vez que “não é algo que advém do enunciado em si, mas da relação de pertencimento que ele mantém com sentidos já produzidos” (Dias, 2014, p. 96), frente às condições sócio-históricas de sua produção.

Posto que o signo é o resultado incessante de uma luta estabelecida entre a resistência e a mudança, essas perspectivas referenciais vão sendo repetidas, diferenciadas e atualizadas nos demais enunciados. Há, sabemos, muito além do que apenas o referencial cristão na forma como percebemos e significamos a luz e as trevas, assim como há, também, muito entre o dia e a noite, porque se trata de um *continuum* de significação. Porém, nesta pesquisa, queremos ressaltar o papel influente que o mito judaico-cristão exerceu e exerce no Ocidente. O sentido, para nós, “nunca é algo pronto, definitivo, algo que as formas de expressão apenas reproduzem” (Dias, 2018, p. 21), mas é algo que se movimenta pela enunciação. Além do mais, por não ser estática, a significação é necessária ao movimento da história e do ser humano. Assim, “o homem precisa significar o tempo todo” (*ibidem*). Em função disso, “a origem nada mais é do que um discurso de início. O início é um discurso de origem” (Dalmaschio, 2020).<sup>24</sup>

Neste primeiro tópico de análise, buscamos demonstrar, a partir dos conceitos de formação nominal, referencial histórico e cena enunciativa, como podemos abordar a constituição histórica da unidade nominal. No próximo tópico, **4.2 Referencial histórico e pontos de vista**, pretendemos analisar novas redes enunciativas na tentativa de detalhar como se manifestam o referencial temático e as perspectivas referenciais das formações nominais analisadas.

---

<sup>24</sup> Fala da profa. Dra. Luciani Dalmaschio, em reunião do grupo de estudos da Semântica da Enunciação (UFSJ), realizada no dia 02 de setembro de 2020.

## 4.2 Referencial histórico e pontos de vista

Nesta seção, almejamos a análise dos movimentos enunciativos que constituem o referencial histórico das FNs “noite” e “dia”. Para tanto, valemo-nos do conceito de referencial histórico (Dias, 2013, 2018) em suas divisões categóricas — desenvolvidas por Martins (2021) —, quais sejam: o referencial temático e as perspectivas referenciais. Além disso, apoiamo-nos, também, nos conceitos de formação nominal e pertinência enunciativa.

Conforme Dalmaschio e Martins (2022), embasadas nos estudos de Dias (2013, 2018), podemos abordar o referencial histórico em uma divisão categórica, isto é, o referencial pode ser dividido em duas categorias: “a primeira intitula-se *referencial temático*, que, por sua vez, se desdobra na segunda, as *perspectivas referenciais*” (Dalmaschio; Martins, 2022, p. 36, grifos das autoras). De acordo com Martins,

[...] podemos conceber que o referencial histórico abrange os domínios de ancoragem do enunciado que são estabelecidos a partir do memorável, ou seja, dos dizeres já enunciados, e é atualizado por meio da pertinência enunciativa. Em outros termos, por não haver significação antes de se enunciar, os efeitos de sentido se estabelecem somente a partir do instante em que há a presentificação da virtualidade recortada pelo memorável, em observação a uma demanda de pertinência (Martins, 2021, p. 58).

A partir disso, é possível olhar para o referencial histórico de duas maneiras. O referencial temático, primeira categoria, engloba as “divisões histórico-sociais da significação em grandes domínios de sentido” (Martins, 2021, p. 58), desdobrando-se nas perspectivas referenciais, segunda categoria, que funcionam como pontos de vista sobre a primeira.

Sendo assim, segundo Martins (2021, p. 58), “o referencial temático investe-se de uma amplitude referencial ancorada em manifestações sociais do cotidiano que, ao se relacionar com expressões linguísticas regularizadas discursivamente e materializadas nos enunciados, apresenta-se em perspectivas”. Dito de outro modo, o referencial temático se constitui de redes de dizeres nas quais a relação orgânica das construções nominais é significada, necessariamente, tendo em vista as perspectivas sobre ‘este’ ou ‘aquele’ referencial, isto é, pontos de vista sobre o tema. Em interface, portanto, essas perspectivas “são acionadas pelos diferentes olhares e interpretações do referencial temático” (*ibidem*).

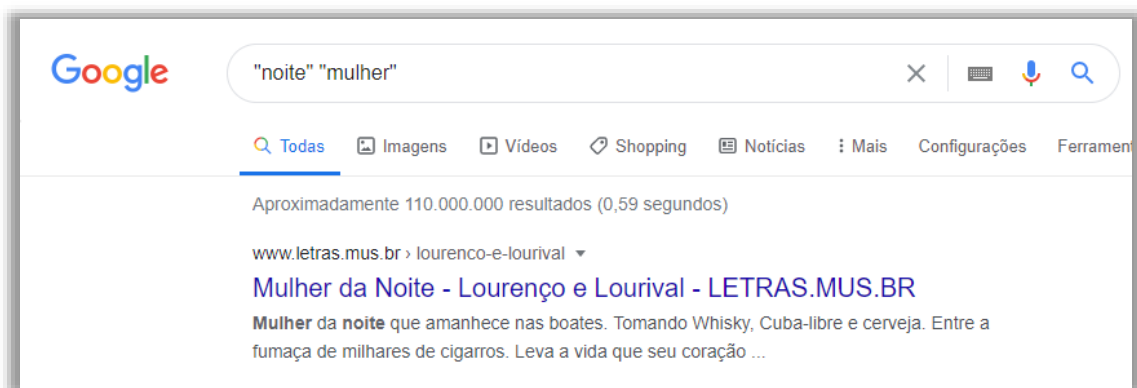
Assim, para que esse movimento de perspectivação aconteça, é necessário um olhar para o referencial temático em enunciação, mobilizado em um enunciado, uma vez que as perspectivas referenciais são constituídas pelas diversas experiências da percepção. Trata-se, portanto, de pontos de vistas que

se assentam e se articulam linguisticamente, como um gesto de construção social (Martins, 2021, p. 58).

Isso posto de início, faremos a análise das perspectivas referenciais que compõem e significam o referencial temático, grande domínio de sentidos, que a FN “noite” apresenta a partir das ocorrências delineadas nos quadros (8) e (9).

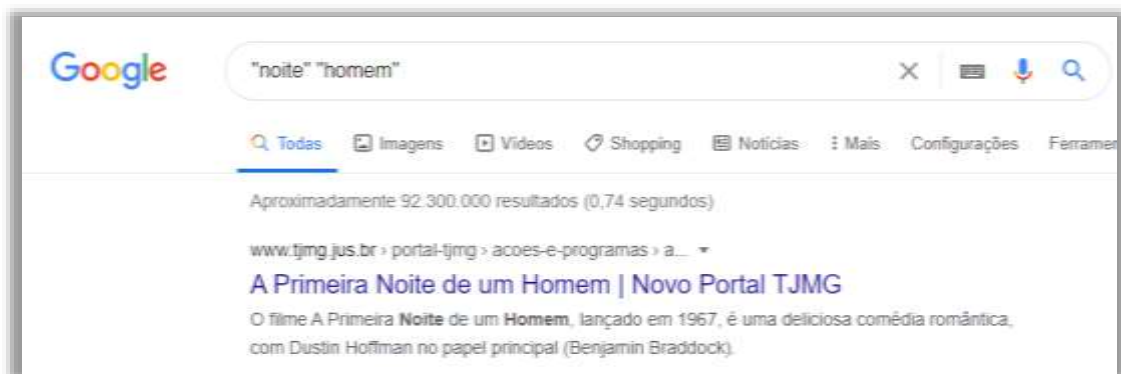
#### QUADRO 8 - Rede enunciativa: ocorrências em destaque

(22) **FIGURA 9:** Resultado da busca da primeira ocorrência de “noite” + “mulher”



Fonte: *Google*, 14 mar. 2023.

(23) **FIGURA 10:** Resultado da busca da primeira ocorrência de “noite” + “homem”



Fonte: *Google*, 14 mar. 2023.

Fonte: Elaborado pela autora.

**QUADRO 9** - Rede enunciativa: a noite dos papéis sociais

(24) **FIGURA 11:** Resultado para “a primeira noite de uma mulher”

Curto e grosso: não. Muitos hábitos que pertenciam apenas ao mundo masculino foram bem-vindos entre as mulheres, como o direito a voto, a entrada no mercado de trabalho, o direito de sair à noite com as amigas para tomar um chope e de ter vida sexual antes de subir o altar. Em troca, endurecemos, pero perder la ternura, *jamás*. **A primeira noite de uma mulher** pode nem ser de noite. Pode ser à tarde, ou pela manhã, mas será um desperdício se não houver uma razão mais forte do que a simples vontade de ver qual é.

Caretice minha, pode ser. Às vezes cansa ser moderna o tempo todo. Intimidade, por exemplo, é uma coisa que não muda através de

Fonte: *Google Books*, 01 abril 2024<sup>25</sup>.

(25) **FIGURA 12:** Resultado para “homem da noite”



Fonte: *Expresso*, 01 abril 2024<sup>26</sup>.

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com Dias (2018, p. 83), “um acontecimento adquire pertinência social, tornando-se um fato de linguagem, na medida em que a dimensão da memória entra em relação

<sup>25</sup> Disponível em: [https://www.google.pt/books/edition/Noite\\_em\\_claro\\_noite\\_adentro/Ev9GEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=a+primeira+noite+de+uma+mulher+martha+medeiros&printsec=frontcover](https://www.google.pt/books/edition/Noite_em_claro_noite_adentro/Ev9GEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=a+primeira+noite+de+uma+mulher+martha+medeiros&printsec=frontcover). Acesso em: 01 abr. 2024.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://expresso.pt/blitz/2022-07-16-Maluma-e-o-homem-da-noite-no-MEO-Mares-Vivas-perdeu-se-um-jogador-de-futebol-ganhou-se-uma-estrela-da-musica-latina-d4fad10d>. Acesso em: 01 abr. 2024.

com a atualidade do dizer, isto é, com o ato de enunciar”. Tendo em vista as redes enunciativas, presentes nos Quadros (8) e (9), podemos perceber que as FNs “mulher da noite”, “a primeira noite de um homem”, assim como “a primeira noite de uma mulher” e “homem da noite” significam em suas regularidades, diferenças, tensões e atualizações. Isso porque, entre outros motivos, “os dizeres são produzidos em função das necessidades demandadas pela enunciação, ou seja, pela língua em funcionamento. Os acontecimentos, ancorados em referenciais históricos, produzem uma atualização, tendo em vista a pertinência enunciativa desses dizeres” (Martins, 2021, p. 60).

Em outras palavras, então, o referencial temático das FNs é sempre mobilizado pelos pontos de vista sobre o objeto referenciado. Trata-se, assim, de um objeto recortado e (re)construído tendo como fio-condutor a memória enunciativa e a demanda do presente do enunciar, ou seja, o referencial histórico e a pertinência enunciativa.

Além do mais, a perspectiva referencial significa, neste caso, a “noite” não apenas de forma regularizada enunciativamente, mas também movimentada uma rede de sentidos para fazê-la significar de maneira atualizada. A fim de expor o que viemos dizendo, e, mais do que isso, para embasar nosso olhar teórico nas duas categorias de referencial apresentadas por Martins (2021), elaboramos uma nova rede enunciativa na qual categorizamos o referencial histórico das ocorrências dos Quadros (8) e (9).

**QUADRO 10** – Rede enunciativa: a **noite** e a *noite*

FNs coletadas	Referencial histórico	
	Perspectiva referencial	Referencial temático
(22a) Mulher da noite	Prostituição	Sexo
(23a) A primeira noite de um homem	Prazer	
(24a) A primeira noite de uma mulher	Direito	
(25a) Homem da noite	Poder	Sucesso

Fonte: Elaborado pela autora.

Com vistas à arqueologia foucaultiana (1969), Dias sustenta que

[...] indivíduos, objetos, estados de coisas e relações não são individuais absolutos, isto é, não são “dados” na natureza, mas entes, estados e relações que adquirem identidade a partir dos lugares de enunciados e das perspectivas

de enunciação. Sendo assim, é o próprio enunciado e não as propriedades inerentes aos seres, estados e relações, que constitui o referencial a partir do qual eles se individualizam na referência (Dias, 2018, p. 99-100).

Diríamos, ainda, que o referencial constituído por certo enunciado não só funciona como condutor da individualização da ‘coisa’, mas funciona na temporalidade do acontecimento, isto é, a ‘coisa’ é individualizada e temporalizada na enunciação. Assim, podemos dizer que a “noite” não é igual eternamente, não é somente o céu estrelado de Van Gogh, não é a mera ausência da luz divina, não começa quando o relógio marca, por exemplo, 18 horas; em suma, não é a noite enquanto puro objeto no mundo ou a “noite” enquanto formulação conceitual delimitada em dicionários, mas é a “noite” de uma história de significações, com latência de ser enunciada e, por isso, significada a partir do futuro, que compõe, juntamente com o passado e o presente, como dissemos, a temporalidade do acontecimento enunciativo. O referencial histórico, tendo isso em conta, é como uma orquestra enunciativa, na qual o referencial temático é o arranjo sinfônico e a perspectiva referencial é um dos instrumentos que participa da sinfonia e, por conseguinte, constitui o arranjo da enunciação.

Diante do exposto, ao observar as três primeiras ocorrências, notamos que o referencial temático, ou seja, o grande domínio de sentidos é o sexo; a última ocorrência, no entanto, já não se ancora na mobilização sexual, mas no sucesso. Mas, em ambas, as perspectivas referenciais das FNs apresentam outros contornos de sentido para o tema.

A partir dessa divisão, podemos analisar como os pontos de vista situam o núcleo do referencial. A fim de ilustrar essa mobilização dos sentidos, realizamos um esquema de apresentação.

**QUADRO 11** – Estrutura componencial sob o ponto de vista da formação nominal

	<b>Convergentes</b>	<b>Núcleo</b>	<b>Convergentes</b>
(22a)		mulher	da noite
(25a)		homem	da noite
(23a)	a primeira	noite	de um homem
(24a)	a primeira	noite	de uma mulher

Fonte: Elaborado pela autora.

**QUADRO 12** – Articulação das FNs sob o ponto de vista da força referencial

		<b>Força referencial</b>	
(22a)	mulher	da noite	
(25a)		homem	da noite
(23a)		a primeira noite	de um homem
(24a)	a primeira noite	de uma mulher	

Fonte: Elaborado pela autora.

Interessante notar que em (22a) a força referencial do convergente “da noite” parece orientar os efeitos de sentido do nome-núcleo “mulher” evocando a formação de uma FN que se põe a significar uma mulher envolvida pela “noite” e, conseqüentemente, por todos os seus sentidos. Entretanto, em (25a), parece ser o nome-núcleo “homem” que oferece, mais fortemente, seus efeitos de sentidos de modo a abraçar os efeitos de sentido do convergente “noite”. Assim, uma “mulher da noite” é tomada pelo escuro e pelo medo, já um “homem da noite” vence, como um ‘bom homem’ a escuridão e as trevas e segue rumo ao sucesso.

Se verificarmos o que ocorre em (23a) e (23b), embora sejam construídas por dois nomes-núcleos iguais (“noite”), perceberemos que também ocorre um deslocamento de força referencial, a fim de que sejam atendidas novas pertinências. Ou seja, (23a) poderia ser reescrita por exemplo por

(23a’) O primeiro sexo (prazer) de um homem.

Já (23b) não se configuraria de maneira tão regular como (23a'), correspondendo, conforme demonstramos na rede enunciativa, presente no Quadro 9, a uma reescritura mais próxima de

(23b') O primeiro sexo (direito) de uma mulher.

Assim, postulamos que o nome-núcleo “noite” (sexo/prazer), associado aos convergentes que o antecedem “a primeira”, reafirma, com força referencial, uma perspectiva própria do convergente “de um homem”: aquele é feito para o sexo (prazer). Todavia, entendemos que é o convergente “de uma mulher” que, investido pelo domínio de sentido da luta, da disputa pelo pertencimento, assume a força referencial sobre o nome-núcleo (e os convergentes que o antecedem) “noite”, em um processo articulatório que, enunciativamente, significa a própria mulher como: aquela que deve lutar pelo direito ao sexo (prazer).

A análise que realizamos demonstra, uma vez mais, o ganho teórico que obtemos ao analisar o nome sob um ponto de visto histórico e enunciativo.

O conceito de sintagma decorre dessa noção de forma e privilegia a efetividade do linguístico captado por traços em presença, os quais se consubstanciam em relações de sucessividade ou horizontalidade. Dessa maneira, um sintagma nominal, por exemplo, é um extrato de efetivação da língua, concebido como totalidade de um ou mais elementos, e que apresenta o comportamento estrutural do nome. Quando se estuda o sintagma nominal, o ponto de partida é componencial, tendo em vista os determinantes que se situam à esquerda e os que se situam à direita do nome (Dias, 2018, p. 36).

Além disso, é-nos importante analisar as condições de atualização de um acontecimento enunciativo, não apenas a sua realização. Em função dessa abordagem, o processo de constituição das FNs deve ser analisado minuciosa e rigorosamente, pois, para nós, “uma forma linguística constitui-se como tal na conformação de unidades às regularidades da língua, tendo em vista o seu acionamento enunciativo” (Dias, 2018, p. 37).

A participação de uma explicação de ordem semântica nesse caso não seria subsidiária, mas fundamental, no sentido mais restrito da palavra. Trata-se de levantar os delineamentos da significação a partir da análise da arquitetura da construção nominal, no âmbito da qual as regularidades estruturais se constituem (Dias, 2018, p. 171).

Podemos notar, então, que na primeira ocorrência, “mulher da noite” (22), o núcleo “da noite” age fortemente no convergente “mulher”, posto que o referencial do sexo não está demarcado no convergente, mas no núcleo. Assim, a perspectiva referencial da prostituição



qualifica enunciativamente “mulher”. Quando realizamos a busca “homem da noite”, todavia, o mesmo não ocorre.

Os papéis sociais que nos identificam na sociedade definem também o que enunciamos e como somos enunciados (Dias, 2018). No caso de “homem da noite” e “mulher da noite”, há dois papéis sociais sendo enunciados em um dissenso, a saber: “homem” e “mulher”. Se em “mulher da noite”, a perspectiva se volta para “noite” como prostituição e o referencial temático como sexo, em “homem da noite”, de outro modo, a perspectiva se volta para “homem” como poder e o referencial temático como sucesso. Assim, o núcleo, nesta ocorrência, não é mais “da noite”, tendo em vista o tema referencial, mas “homem”. O próprio enunciado “**Maluma é o homem da noite**” (Quadro 10, ocorrência 25, grifos nossos) aponta para o referencial do sucesso situado na FN “o” + “homem”, o que não apenas define ou determina, mas perspectiva e temporaliza uma espécie de poder singular. Assim, “da noite” só é significada a partir da convergência para “homem”, ou seja, “da noite” só tem pertinência, neste caso, se há “o homem”.

Em relação às ocorrências (23) e (24), percebemos que o domínio referencial continua sendo o sexo, pois ambas tratam da perda da virgindade da mulher e do homem. No entanto, em “a primeira noite de um homem” (23) o núcleo aparece como “a primeira noite”, visto que se trata da primeira noite de sexo de um homem. Não em vão, a regularidade enunciativa e histórica da primeira noite está associada ao sexo masculino.

Em contrapartida, portanto, na ocorrência (24) o núcleo é “de uma mulher”, pois nesse centro está demarcada a atualização da FN. Ora, “a primeira noite” para a mulher é um direito, assim como “o direito ao voto, a entrada no mercado de trabalho, o direito de sair à noite com as amigas para tomar um chope e de ter vida sexual antes de subir ao altar” (Quadro 10, ocorrência 24), trata-se do direito sexual que atualiza e dá condições para enunciarmos “a primeira noite de uma mulher” na instância da diferença. Em função disso, o que antes era “hábito masculino” (Quadro 10, ocorrência 24), perspectivado como prazer, agora é um direito da mulher.

Para finalizarmos a presente seção, analisamos também o “dia”, a “noite”, a “manhã”, a “tarde” e a “madrugada” sob o escopo teórico do referencial temático e das perspectivas referenciais. Para tanto, dividimos as ocorrências buscadas em duas redes enunciativas. A primeira (Quadro 13) tem a função de apresentar algumas ocorrências encontradas a respeito da delimitação do tempo do relógio; a segunda (Quadro 14), situa materialmente as duas categorias do referencial histórico com base na ampliação do olhar para a primeira rede.

**QUADRO 13 - Rede enunciativa: o “dia” e a “noite” sob perspectivas referenciais****(26) Trecho da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)**

Considera-se **noturno**, nas atividades urbanas, o trabalho realizado entre as 22:00 horas de um dia às 5:00 horas do dia seguinte.

Nas atividades rurais, é considerado noturno o trabalho executado na lavoura entre 21:00 horas de um dia às 5:00 horas do dia seguinte, e na pecuária, entre 20:00 horas às 4:00 horas do dia seguinte.

Fonte: Guia Trabalhista<sup>27</sup>

**(27) Hora do diabo**

Sabe por que **3 da manhã** é a “hora do diabo”?

[...] A opinião unânime é que o diabo seria mais poderoso durante a **escuridão da madrugada**. Os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas nos dizem que Jesus morreu durante a “nona hora”. No cálculo moderno, seria às 3 da tarde. Satanás, então, virou o simbolismo em sua cabeça, tomando para si o horário das **três da madrugada**, em zombaria direta de Deus. Outra razão para essa escolha é o fato de ser **no meio da noite**; o sol ainda vai demorar algumas horas para nascer.

Fonte: Aleteia, 23 out. 2017.<sup>28</sup>

**(28) Notícia veiculada pelo site ‘Terra’**

Com **escuridão atípica, dia vira noite** em São Paulo

Três da noite? **O relógio ainda marcava 15 horas** nesta segunda-feira, 15, em São Paulo quando o céu escureceu, o que causou a impressão de que a **tarde tivesse virado noite** na cidade.

Fonte: Terra, 19 ago. 2019.<sup>29</sup>

**(29) Versículo do Evangelho de João**

Temos de **fazer as obras** Daquele que me enviou **enquanto é dia**; está chegando a **noite**, **quando ninguém poderá trabalhar**.

(Evangelho de João, 9:4)

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>27</sup> Disponível em: [http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/trabalho\\_noturno.htm](http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/trabalho_noturno.htm). Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2017/10/23/sabe-por-que-3-da-manha-e-a-hora-do-diabo/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/clima/com-escuridao-atipica-dia-vira-noite-em-sao-paulo,bfeddf2710deb7fcfa2dda3906bf14fe28esxqpo.html>. Acesso em: 02 mar. 2021.

**QUADRO 14** - Rede enunciativa: o tic-tac do referencial histórico

Ocorrências	Referencial temático	Perspectiva referencial
(26a) CLT		
22h – 04h	Trabalho noturno	Noite
20h – 21h	<i>Urbano</i> : Trabalho	Dia
	<i>Rural</i> : Trabalho	Dia
	<i>Pecuária</i> : Trabalho noturno	Noite
21h – 22h	<i>Urbano</i> : Trabalho	Dia
	<i>Rural</i> : Trabalho noturno	Noite
	<i>Pecuária</i> : Trabalho noturno	Noite
4h – 5h	<i>Urbano</i> : Trabalho noturno	Noite
	<i>Rural</i> : Trabalho noturno	Noite
	<i>Pecuária</i> : Trabalho	Dia
5h - 20h	Trabalho	Dia
(27a) 3h	Escuridão	Manhã
		Madrugada
		Noite
(28a) 15h	Escuridão atípica	Dia
		Noite
		Tarde
(29a) dia e noite	Trabalho	Dia
	Descanso	Noite

Fonte: Elaborado pela autora.

Enfatizamos com as redes enunciativas, presentes nos Quadros (13) e (14), que a construção e a percepção do dia e da noite é dada pela e na linguagem. O tempo, assim, se nos mostra como perspectivas referenciais (des)regularizadas, em um *continuum* de significações, atendendo a demandas do presente, projetando um futuro e se atualizando a todo instante, posto que, como todas as coisas, o tempo é temporalizado no acontecimento enunciativo.

Em decorrência disso, a oposição entre “noite” e “dia” se dá de forma histórica, devido a interesses culturais, econômicos e sociais. Nosso viés semântico-enunciativo não pergunta o porquê de ser denominado “dia” ou “noite”. Trata-se, majoritariamente, “de saber que há um

cenário de constituição de sentidos (domínio de mobilização) que precede e motiva um nome. [...] Essa percepção das entidades e situações advém da constituição do seu sentido na história” (Dias, 2018, p. 120).

Dito isso, basta escurecer, de forma atípica, para que o dia vire noite, para que 15h da tarde passem a ser “três da noite” (27a), ou seja, não mais se trata de algo que podemos afirmar pelo relógio, estamos falando de percepção, isto é, de perspectiva referencial sobre as coisas, as quais, como já dissemos, só ganham pertinência social depois de ditas.

Da mesma maneira, o trabalho noturno (26a) depende da região, se urbana, rural ou pecuária, para ser considerado como jornada durante a noite. Nessa medida, podemos dizer, por exemplo, que entre 21h e 22h, como constatamos no Quadro 14, é, a um só tempo, dia e noite. Assim, o convergente “noturno” dá um novo contorno de sentido ao que está regularizado no núcleo “trabalho”, uma vez que, aqui, não importa mais se escure ou não, mas é algo que depende necessariamente do relógio.

Em (28a), às “três da manhã” temos a “hora do diabo”, que ocorre às 3h do relógio; essa seria a hora mais poderosa da ‘madrugada’, por isso Satanás seria o inquilino de “três da madrugada”, além de ser uma hora que ocorre “no meio da noite”. Por fim, no enunciado (29a), podemos postular a ideia de que o trabalho à noite precisa do convergente “noturno”, ou seja, não precisa da articulação internominal, porque foi uma atualização do trabalho ‘tradicional’, isto é, do trabalho “diurno”, tendo em vista que “as obras” ou os trabalhos só devem ser feitos durante o dia, pois à noite “ninguém pode trabalhar”.

Essas ocorrências salientam o que vimos dizendo até então: noite e dia são o que as enunciações dizem sobre noite e dia, não existe meio de estabelecer o limite de seus sentidos, uma vez que ambos continuam se atualizando em um devir dos discursos. Em decorrência disso, “os objetos que nos parecem ser naturalmente da realidade são objetos sociais, isto é, objetos enunciáveis” (Dias, 2018, p. 126).

As considerações deste estudo nascem do desejo de mostrar que, a partir da Semântica da Enunciação, valendo-nos, principalmente, do aporte teórico mobilizado pelas autoras Dalmaschio e Martins (2022), é possível explicar as perspectivas referenciais que se desdobram a partir do referencial temático. Apresentamos, com isso, um olhar atento e apurado para as formações nominais, a pertinência enunciativa e o referencial histórico, conceitos com os quais analisamos o mundo pela primeira vez de novo.

Na próxima seção, discutiremos **Sobre o político da e na linguagem (4.3)** — haja posto que a linguagem é contornada politicamente. Acreditamos ser de extrema relevância um tópico para a análise do político na configuração do dizer, ainda que o político funcione de maneira

intrínseca em todos os nossos dizeres. Dessa forma, como numa tentativa didática de fotografar o político, passemos à materialização política dos sentidos.

### 4.3 Sobre o político da e na linguagem

Ao explorarmos as relações linguísticas das formações nominais, o referencial temático e as perspectivas referenciais, acabamos, também, por lançar luz sobre a materialização política dos sentidos, revelando como as designações não são meras descrições da realidade ou apenas algo que acionamos para enunciar, mas também nos acionam e nos enunciam. Conforme Guimarães,

a enunciação se dá por agenciamentos específicos de língua. No acontecimento o que se dá é um **agenciamento político da enunciação**. Neste embate entre línguas e falantes, próprio dos espaços de enunciação, os falantes são tomados por agenciamentos enunciativos, configurados politicamente (Guimarães, 2017, p. 30, grifos nossos).

Como semanticistas da enunciação, cabe dizer, inicialmente, que, para nós, não há uma cisão entre forma e sentido, isto é, nossa análise compreende “as articulações formais determinadas pela significação tendo em vista o acontecimento da enunciação” (Dias, 2018, p. 66). Trata-se, assim, de uma interdependência entre material e orgânico. Segundo Dalmaschio,

não se pode prescindir das regularidades históricas que constituem organicamente a língua, entretanto, a língua não é capaz de significar apenas a partir de seus elementos estruturais. Somente quando as regras linguísticas ganham acontecimento a língua adquire *status* de dizer (Dalmaschio, 2013, p. 59).

Ao esmiuçar a dimensão orgânica e simbólica, apreendemos a materialização política dos sentidos. Percebemos que os referenciais históricos determinam nossa percepção do mundo, e nunca o fazem numa divisão igualitária, posto que a língua, sabemos, é dividida de forma desigual e hierarquizada. A FN, portanto, se constitui no conflito. “Ao condensar, ele [o substantivo] expõe as marcas dos referenciais que lhe são constitutivos, e assim abre-se para a absorção, como também para o dissenso. Portanto, quando o substantivo exerce seu papel de designar, ele o faz potencialmente afetado pelo dissenso” (Dias, 2018, p. 127).

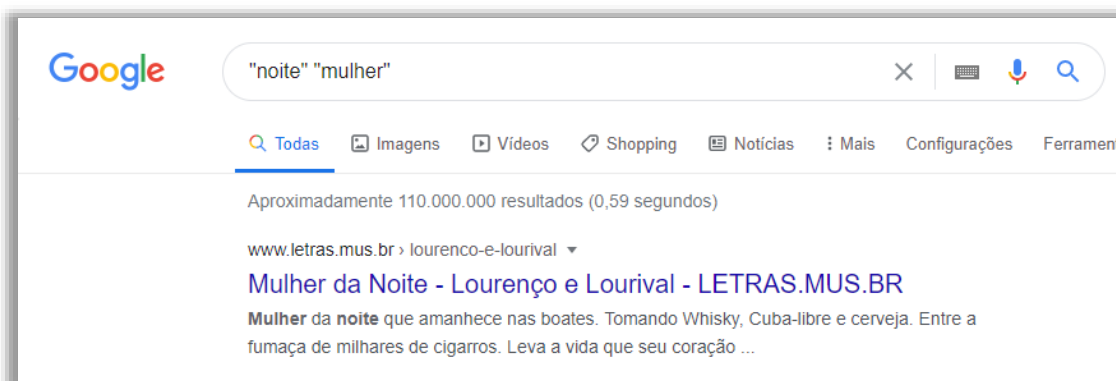
Segundo Guimarães (2017, p. 30), “no acontecimento o que se dá é um agenciamento político da enunciação”. Além disso, falamos de um acontecimento que não ocorre de forma consensual entre todos. Podemos postular, em suma, que “noite” e “dia” foram e continuam sendo (re)significados por um domínio de mobilização institucionalizado pela mitologia cristã.

o espaço da enunciação é concebido por Guimarães (2017) como um espaço de natureza política, tendo em vista que se diz a partir do alcance social do dizer, e o enunciado circula e é entendido segundo sentimentos, compromissos, alianças, tensões que permeiam os homens, dados os seus papéis sociais. O dizer, concebido na enunciação, é sempre pensado nesse lugar de diferenças, semelhanças, conflitos, associações, dissociações que caracteriza o espaço de enunciação (Dias, 2018, p. 64-65).

Na tentativa de ilustrar, então, essa materialização do político, retomamos as duas primeiras ocorrências para as entradas “noite” + “homem”, assim como “noite” + “mulher”. Realizamos a análise do referencial temático e das perspectivas referenciais dessas FNs na seção anterior. Nesta seção, nosso olhar se volta especificamente para o político. Essa escolha se deu diante do que a pesquisa nos foi solicitando, uma vez que percebemos, finalmente, que não só os enunciados estão em rede, mas os papéis sociais também estão. Retomemos, então, a seguinte rede enunciativa:

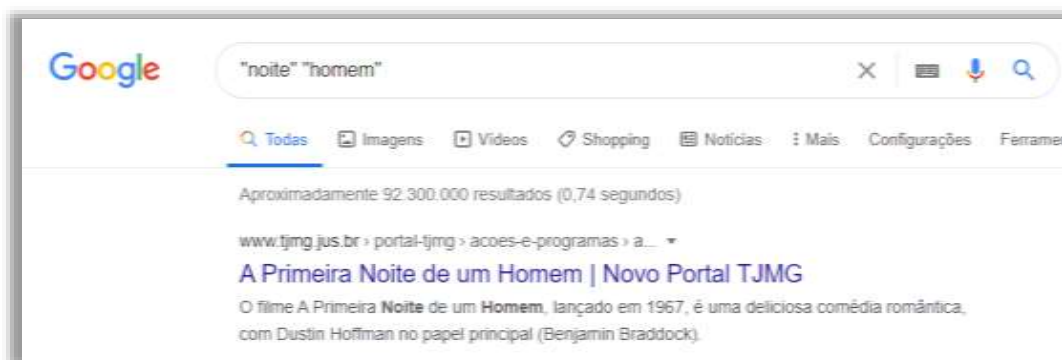
**QUADRO 8 - Rede enunciativa: ocorrências em destaque**

(22) **FIGURA 9:** Resultado da busca da primeira ocorrência de “noite” + “mulher”



Fonte: *Google*, 14 mar. 2023.

(23) **FIGURA 10:** Resultado da busca da primeira ocorrência de “noite” + “homem”



Fonte: *Google*, 14 mar. 2023.

Fonte: Elaborado pela autora.

A língua, como qualquer instituição, não está livre da fé, dos valores morais, da história, do social e, sem dúvidas, como viemos discutindo até aqui, do político. As regularidades linguísticas nos dizem, mas também nos denunciam, nos dão voz, mas também nos silenciam. Por isso, neste momento da pesquisa, percebemos que as relações sócio-históricas entre mulheres e homens com a noite são significadas de maneira desigual.

Segundo Foucault (1999, p. 8-9), “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”. Ao pesquisar no *Google* a

FN “noite” seguida, ora por “mulher”, ora por “homem”, o primeiro resultado é, respectivamente, “mulher da noite” (Figura 9) e “primeira noite de um homem” (Figura 10).

Iniciamos nossa análise retomando a obra de Guimarães (2017, p. 9), “Semântica do acontecimento”, na qual o linguista escreve que “a linguagem fala de algo”. O olhar enunciativo para a significação nos dá a oportunidade de entender como mundo e linguagem se nos constituem. Por essa razão, nas ocorrências (22) e (23), evidentemente, somos tomados pelo acontecimento que sustenta o que dissemos.

Nós somos historicamente afetados pela necessidade de decifrar o outro e tudo o que nos afeta, de buscar a compreensão, de participar da compreensão, de emitir nossa opinião, de definir o que é preciso dizer, em função dos nossos papéis sociais. São parte integrante dessa identidade social os papéis que nos identificam na sociedade (Dias, 2018, p. 97).

É indiscutível que vivemos em uma sociedade patriarcal, na qual somos mobilizados a dizer investidos de papéis sociais. Nós enunciamos esses papéis, bem como somos enunciados por eles. “Mulher da noite”, não em vão, condensa sexo e, como vimos, uma perspectiva referencial da prostituição. Além disso, um dos enunciados do Evangelho de João pode qualificar essa FN também a partir da perspectiva referencial do pecado.

(30) “Evangelho de João”

Então, esta é a base para o julgamento: a luz veio ao mundo, **mas os homens amaram a escuridão em vez da luz**, porque as obras deles eram más.

Pois **quem pratica coisas ruins odeia a luz** e não se chega à luz, para que as suas obras não sejam reprovadas.

Mas **quem faz o que é verdadeiro se chega à luz**, para que se veja claramente que as suas obras são feitas em harmonia com a vontade de Deus.

(Evangelho de João 3:19-21)

Há, então, uma rede de enunciados que sustenta a ideia de pecado e prazer como algo da noite, algo que é, sobretudo, do desejo do ser humano. A ‘mulher da noite’ condensa esse desejo.

Único entre todos os animais, o homem possui a palavra. Sem dúvida, a voz é o meio pelo qual se indica a dor e o prazer. Por isso pertence aos outros



animais. A natureza deles vai só até aí: possuem o sentimento da dor e do prazer e podem indicá-lo entre si. Mas a palavra está aí para indicar o útil e o nocivo e, por consequência, o justo e o injusto. É isso que é próprio dos homens, em comparação com os outros animais: o homem é o único que possui o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto (Rancière, 1996, p. 17).

Com efeito, “A primeira noite de um homem”, nome de um filme<sup>30</sup>, resgata o referencial de algo bom — prazer — no ambiente masculino, posto que “a primeira noite” pode ser reescriturada por ‘perder a virgindade’ — somente quando se trata de um homem essa perspectiva referencial funciona de maneira positiva, como vimos. Desse modo, como demonstrado na rede enunciativa do Quadro 9, o efeito de sentido não estabelece o mesmo efeito social para a ocorrência “a primeira noite de uma mulher”, que está perspectivado por direito.

Conforme nos diz Foucault (1996), o que está em jogo no discurso é o desejo e o poder. O domínio de mobilização cristão, assim, respalda o domínio de mobilização patriarcal para as FNs analisadas. Sustidos por Foucault (1999), postulamos que a religião judaico-cristã é, também, uma doutrina; e, conforme já citamos aqui, entendemos que “a doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; [...] se serve de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros” (Foucault, 1999, p. 43) — isso é puramente político. Mais do que isso, “a constituição dos lugares referenciais não é algo da relação entre a linguagem e o real, e nem algo relativo ao gesto singular do sujeito na locução. [...] o objeto é constituído no gesto de significação e é historicamente delimitado no acontecimento enunciativo” (Dias, 2018, p. 90).

Nesse sentido, ao esmiuçar essa articulação que ocorre entre “mulher/homem” e “noite”, percebemos que “noite” orienta sentidos extremamente distintos para os papéis sociais. Como nos diz Rancière,

um tipo determinado de situação de palavra: aquela em que um dos interlocutores ao mesmo tempo entende e não entende o que diz o outro. O desentendimento não é o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz preto. É o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz branco, mas não entende a mesma coisa (Rancière, 1996, p. 11).

---

<sup>30</sup> Trata-se de um filme norte-americano de 1967, dirigido por Mike Nichols. Sinopse: “Após se formar na faculdade, Benjamin Braddock retorna para casa. Indeciso quanto ao seu futuro, ele acaba sendo seduzido pela Sra. Robinson, uma amiga de seus pais. A relação se complica ainda mais quando o rapaz se apaixona pela filha dela, Elaine.”. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/a-primeira-noite-de-um-homem/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

Do mesmo modo, podemos argumentar que o conflito ocorre, nos enunciados (22) e (23), bem como nos enunciados (24) e (25), entre aquele que diz noite e aquele que diz noite, articulando-a a nomes distintos. Expliquemos melhor: a noite está para o homem de maneira diferente da forma como está para a mulher e isso não tem relação com o sentido de “noite”, o efeito não é imanente a essa forma linguística. O efeito de sentido se dá em uma dinâmica política de enunciar, que tensiona o ‘ser mulher’ e o ‘ser homem’ na sociedade atual. Assim, nos encontramos tomados pelo político que se manifesta na linguagem e pela linguagem. Estamos falando, então, sobre o político da e na linguagem. Percebemos, por isso, a materialização política dos sentidos, que só é possível devido ao plano da organicidade linguística, em interface com o plano do enunciável.

Passemos, agora, a uma análise das FN “noite” e “escuridão”, ancoradas nos referenciais do medo e do terror:

**QUADRO 15 - Rede enunciativa: FNs “noite” e “escuridão”****(31) Trecho do dicionário on-line de português**

Significado de Nictofobia: substantivo feminino. Medo mórbido da noite, da escuridão.

Fonte: Dicio<sup>31</sup>

**(32) Trecho de um texto de Clarice Lispector, presente no site Pensador**

Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite.

Fonte: Pensador<sup>32</sup>

**(33) Excerto da crítica feita ao filme *Midsommar***

Minha primeira reação quando **Midsommar: O Mal Não Espera a Noite** terminou foi de afastamento, eu não queria mais escrever a respeito. Não lembro de já ter sentido essa sensação de repulsa tão forte. (...) Se a premissa de **trazer o terror para a luz do sol é de algum modo original**, há uma condição de compensação em cada passo planejado pelo roteirista e diretor Ari Aster. É como uma tentativa de solidificar a natureza dualista do ser humano, onde a ausência de meios-terminos consome muito do que se pensa, do que se faz e do que se planeja. (...) Se na crítica sobre *Hereditário* citei Platão ao expor que “[p]odemos (sic) facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz” e, naquele texto, eu me referia à luz como a razão, aqui é tudo mais palpável, mais claro.

Fonte: Canaltech, 20 set. 2019.<sup>33</sup>

Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa rede enunciativa, parece-nos substancial o relato do medo como aliado do desconhecido, daquilo que não se vê, daquilo a que nomeamos noite e escuridão. A fobia da noite (31), condensada na articulação intranominal (Dias, 2018) “nictofobia” (noite + fobia),

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/nictofobia/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NjQ0/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://canaltech.com.br/cinema/critica-midsommar-o-mal-nao-espera-a-noite-150321/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

adquire pertinência quando assegurada, por exemplo, pelo referencial histórico que ocorre no *Gênesis*: “Depois disso Deus viu que a luz era boa, e Deus começou a separar a luz da escuridão. Deus chamou a luz de “dia”, mas a escuridão chamou de “noite”” (12). A arquitetura, constituidora dos efeitos de sentido que atravessam a “noite”, desde a mitologia de origem judaico-cristã, é constituída daquilo que não é bom, do que é pecaminoso, como vimos, e, portanto, do que deve ser evitado.

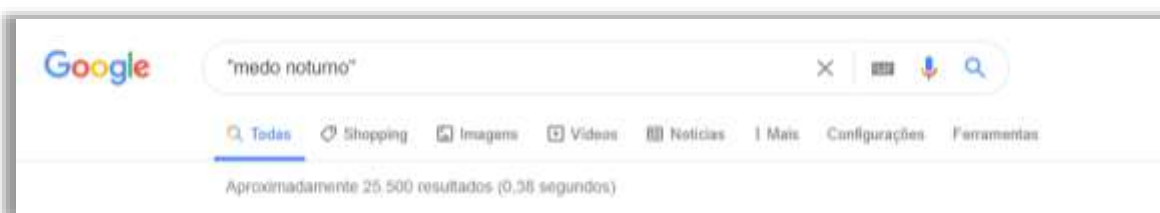
Podemos entender, assim, que Clarice Lispector (32), por ser o “escuro da noite”, isto é, por ser também o que é misterioso, instaura um embate a esse medo. É um reconhecer-se impalpável, lugar que ainda precisa conhecer, com seus temores e obstáculos, entendendo que não há como ser somente boa; no limite, que entre bem e mal há um imenso possível de acontecimentos.

Em (33), é interessante notar que ocorre a diferença que (re)significa dia, pois o mal, do mesmo modo como se dá à noite — o que é mais regularizado — pode se dar, originalmente, durante a manhã e à tarde. Ora, “o mal não espera a noite” situa o terror historicamente feito na escuridão durante o dia luminoso. Há, então, uma atualização na FN “dia”, ainda que não desvinculada da “noite”. É importante destacar que “os deslocamentos só são possíveis na língua porque apresentam um pano de fundo histórico de significação” (Dalmaschio, 2013, p. 60). Como nos diz um trecho da crítica do filme, existe uma originalidade em levar o terror para a luz, demonstrando, assim como Clarice o fez, que a dualidade política que os discursos sustentam é passível de multiplicidade no *continuum* de significação.

Como tentativa de ilustrar a sustentação referencial do medo e do terror regularizada majoritariamente no convergente “noturno”, fizemos a busca, no dia 14 de março de 2023, pelas FNs “medo noturno” e “medo diurno”, no site *Google*. Para tanto, utilizamos um dos passos metodológicos, qual seja: demarcar quantitativamente o número de ocorrências para cada entrada.

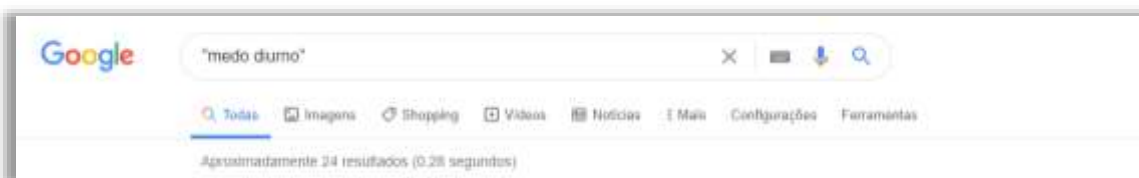
**QUADRO 16** – Rede enunciativa: os ‘monstros’ dos sentidos

(34) **FIGURA 13:** Resultado quantitativo para “medo noturno”



Fonte: *Google*, 14 mar. 2023.

(35) **FIGURA 14:** Resultado quantitativo para “medo diurno”



Fonte: *Google*, 14 mar. 2023.

Fonte: Elaborado pela autora.

Posto que “os lugares sintáticos dos enunciados contraem relações de apontamento, relacionando um campo de memória à atualização do enunciar” (Dias, 2018, p. 93), parece-nos relevante apontar a quantidade de resultados para ambas as pesquisas. Na primeira (Figura 9), temos 25.500 resultados, na segunda (Figura 10), 24. Esses números demonstram o quanto a articulação entre nome-núcleo e convergente adjetival é significativa na produção do enunciado. Nessa articulação internominal (Dias, 2018), “noturno” nos dá a possibilidade de entender “medo” como parte de si. Dito de outra forma, “noturno” perspectiva “medo” de forma muito produtiva. Ora, por não enxergarmos “uma separação entre a natureza formal e a natureza semântica”, visamos “compreender as articulações formais determinadas pela significação tendo em vista o acontecimento da enunciação” (*idem*, p. 66).

O convergente “diurno”, por sua vez, não produz quantidade expressiva, pois não tem regularidade histórica. O dia, dito de outro modo, apresenta baixa ancoragem no referencial do medo. Assim, o “medo” corresponde a um investimento enunciativo de sentido muito mais propenso a se manifestar à noite do que durante o dia. Ou, ainda, em nossa perspectiva, “medo” e “noite” articulam-se de forma mais marcada do que “medo” e “dia”. Sem dúvida, isso é visível quando analisamos a regularidade de uso das duas FNs.

Isso nos leva a postular que “o espaço do homem só é espaço enquanto historicamente determinado, e a linguagem o designa neste processo histórico” (Guimarães, 2017, p. 58). Para nós, as relações entre os seres humanos, outrossim, são historicamente determinadas. A relação que existe entre certo sujeito e a noite, *e. g.*, é somente relação de determinada maneira porque é, a um só tempo, historicamente constituída; a linguagem designa e, simultaneamente, constitui tal relação.

Percebemos que há uma divisão desigual do “medo noturno” e do “medo diurno”, o que instala uma tensão. Para ilustrar esse embate, tomemos duas ocorrências das FNs “medo noturno” e “medo diurno” como exemplo.

**QUADRO 17** – Rede enunciativa: o político do medo

(36) Ocorrência da busca ‘medo noturno’
<p>O medo de dormir, também conhecido como medo noturno, é um fenômeno comum em crianças. Pode ser desencadeado por diversos motivos, incluindo:</p> <p>Medo do escuro: Muitas crianças têm medo do escuro, imaginando monstros ou criaturas assustadoras.</p> <p>Fonte: Blog Dra. Eugenia Fialho<sup>34</sup>.</p>
(37) Ocorrência da busca ‘medo diurno’
<p>não venço o medo diurno Rafael Iotti</p> <p>não venço o medo diurno o qual carrego pelas avenidas em flores, pelas pontes silenciosas</p> <p>chamo as coisas que conheço pelos seus próprios nomes: cadeiras, tábuas, despedidas desespero</p> <p>as que não conheço, ou que estão para mim como o poente amarelo, crio fisionomias: alto, esguio, imponente miúdo</p> <p>à noite, não tenho medo bebo como um animal sadio pronto para sair e não</p> <p>voltar.</p> <p>Fonte: Blog Enfermaria<sup>35</sup>.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Na rede anterior, presente no quadro (16), podemos observar que há um delineamento regularizado para o medo de dormir, o qual também é conhecido como “medo noturno”. Trata-se de uma articulação internominal com substância significativa não só em termos quantitativos,

<sup>34</sup> Disponível em: <https://eugeniafialho.com/medo-de-dormir-em-criancas/#:~:text=O%20medo%20de%20dormir%2C%20tamb%C3%A9m,imaginando%20monstros%20ou%20criaturas%20assustadoras>. Acesso em: 01 abr. 2024.

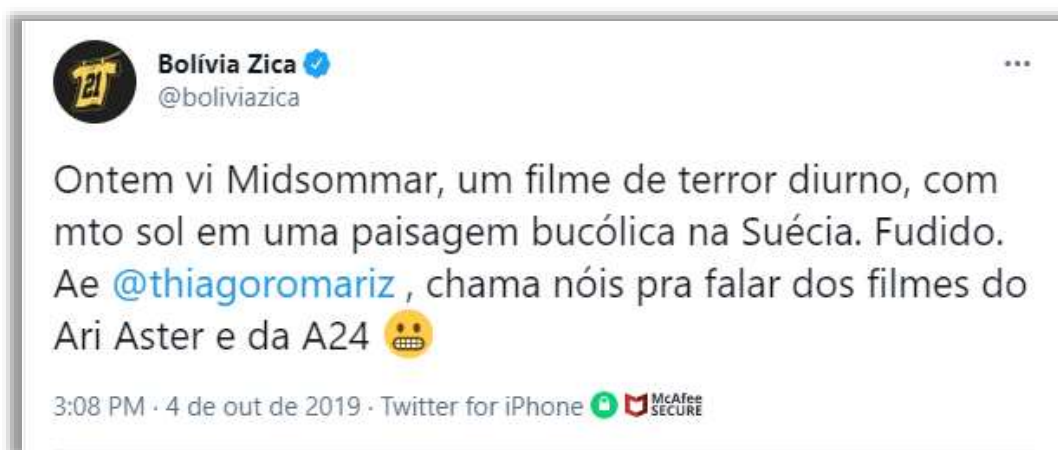
<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.enfermaria6.com/blog/2022/5/12/no-veno-o-medo-diurno>. Acesso em: 01 abr. 2024.

mas também de forma técnica, uma vez que estamos falando de um “fenômeno comum” (36). Em relação ao “medo diurno”, por sua vez, há dificuldade na busca de ocorrências. Além disso, a ocorrência (37) demonstra, uma vez mais, a regularidade do medo associado à noite e à escuridão. Afinal, o poema não vence o “medo diurno”, mas, em comparação, vence, na última estrofe, o “medo da noite”. Assim sendo, podemos falar de uma atualização do medo associado ao dia, ao cotidiano, às coisas que conhecemos (37).

Nesta próxima rede enunciativa, para enfatizar como o medo faz parte do domínio referencial da noite, analisamos as articulações internominais “terror diurno” e “terror noturno”:

#### QUADRO 18 - Rede enunciativa: convergentes “diurno” e “noturno”

##### (38) FIGURA 15: Terror diurno



Fonte: *Twitter*, 04 out. 2019.<sup>36</sup>

##### (39) Terror noturno

Terror noturno é uma parassonia (distúrbio do sono) que, assim como o sonambulismo, é mais comum em crianças mas pode acometer adultos.

Fonte: *Minha Vida*<sup>37</sup>

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>36</sup> Disponível em: <https://twitter.com/boliviazica/status/1180183030520061954>. Acesso em: 14 mar. 2023.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.minhavidacom.br/saude/temas/terror-noturno>. Acesso em: 14 mar. 2023.



A FN “terror diurno” pode aludir a uma novidade para os telespectadores de filmes de terror. A essa novidade denominamos atualização e, conseqüentemente, diferença. Em (38), fica explícita a surpresa de quem assistiu ao filme *Midsommar*, lançado em 2019. Trata-se de um terror com muito sol, isto é, um terror iluminado, que ocorre fora de uma hora regularizada enunciativamente e, por conseguinte, sócio-historicamente; trata-se de um terror que produz medo diurno. É interessante notar como seria redundante o anúncio de um “filme de terror noturno”.

Quando buscamos “terror noturno”, por isso, encontramos o distúrbio da parassonia (39), mas não algum filme, por exemplo. Por que isso ocorre? Ora, como vimos em (34), o medo já é parte dos referenciais de noite. O nome “terror”, finalmente, se abre ‘amigavelmente’ ao convergente “noturno”, de modo que não precisamos falar de um “filme de terror noturno”, pois já existe uma relação de dependência interna na enunciação; ou seja, a FN “filme de terror” está tomada pelos referenciais da escuridão, da noite, do sombrio, como vimos. Um “filme de terror diurno”, porém, precisa do convergente, visto que “a perspectivização não ocorre internamente à cena, pois é projetada pela enunciação de modo a conceber o referente” (Dias, 2018, p. 180). O presente do enunciado, assim, projeta um futuro em que o terror também pode ser diurno; por isso, falamos de pertinência, de diferença, de tensão, de conflito, enfim, de político.

Para encerrar essa chave de análise, construímos as duas últimas redes enunciativas, na tentativa de elucidar o que viemos dizendo até então. Quando buscamos “noite” + “mulher”, encontramos inúmeras ocorrências nas quais a unidade nominal “medo” aparecia. Ademais, percebemos a grande relação semântico-enunciativa entre “medo” e “noite”. Por isso, resolvemos fazer a busca de “medo” + “mulher” + “noite” (Quadro 19); do mesmo modo, buscamos “medo” + “homem” + “noite” (Quadro 20).

**QUADRO 19** – Rede enunciativa: ocorrências para “noite” + “mulher” + “medo”

(40) **FIGURA 16:** Dia Internacional das Mulheres



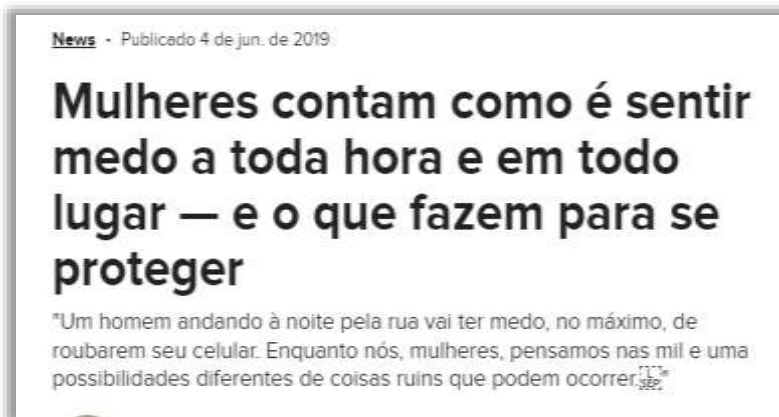
Fonte: Tumblr<sup>38</sup>

(41) Título da pesquisa sobre insegurança noturna das mulheres

68% das mulheres têm muito medo de sair sozinha à noite no bairro onde mora

Fonte: Agência Patrícia Galvão<sup>39</sup>

(42) **FIGURA 17:** A onipotência do medo sentido por mulheres



Fonte: BuzzFeed.News<sup>40</sup>

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.tumblr.com/frasespoesiaseafins/140718861909/via-cartumante>. Acesso em: 10 mar. 2023.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/68-das-mulheres-tem-muito-medo-de-sair-sozinha-a-noite-no-bairro-onde-mora/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/mauroalbano/mulheres-medo-homens-cuidados>. Acesso em: 14 mar. 2023.

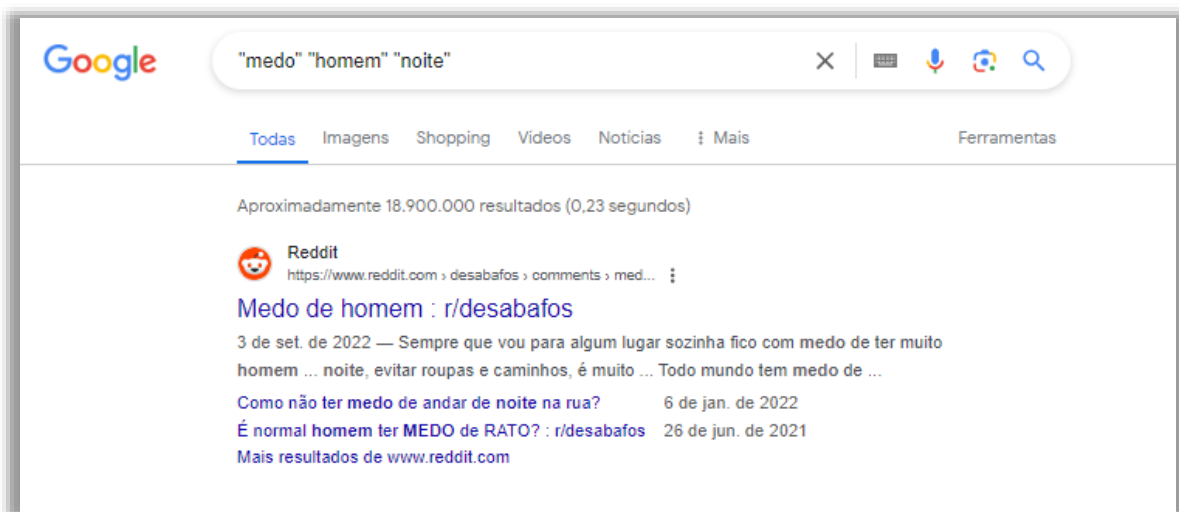
**QUADRO 20** – Rede enunciativa: ocorrências para “noite” + “homem” + “medo”

## (43) Medo do escuro

Quais são as causas do medo do escuro?

O medo do escuro pode ter uma razão atávica, fundada na própria evolução. Nos primórdios da evolução humana, quando ainda não era possível clarear a **noite**, o escuro era realmente perigoso porque o **indivíduo** estava mais vulnerável a acidentes e aos seus predadores. Embora o **homem** não seja capaz de ver no escuro, muitos dos animais ferozes o são e, por isso, ficam em vantagem em relação a ele.

Fonte: AbcMed<sup>41</sup>

(44) **FIGURA 18:** Medo de homem

Fonte: *Google*

Fonte: Elaborado pela autora.

O Dia Internacional das Mulheres teve seu início com o movimento das mulheres operárias, a fim de minimizar a desigualdade de gênero. É, portanto, uma data que presentifica o avanço feminino em relação à luta por direitos que são ou eram somente atribuídos a homens. Por isso, não existe um ‘Dia Internacional dos Homens’.

O enunciado (40), ‘O dia é das mulheres, mas a noite não’, feito para o Dia Internacional das Mulheres — tendo em vista o “8 de março” situado no canto inferior esquerdo —, consegue movimentar a organicidade do que é dito justamente porque existe um plano do enunciável que torna pertinente que ‘Dia das mulheres’ não seja lido apenas como um dia internacional das mulheres ou um dia totalmente dedicado às mulheres. Enunciar, então, que a noite não é das

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.abc.med.br/p/psicologia-e-psiquiatria/1305918/o-medo-do-escuro.htm>. Acesso em: 01 abr. 2024.

mulheres, presentifica o referencial do medo, visto que mais da metade das mulheres sente medo de sair à noite no próprio bairro onde moram (41). É interessante notar que o “medo” não está materializado como nome na ocorrência (40), mas aparece como enunciado visual, tendo em vista a estética da mão com objetos que podem ser usados de maneira violenta, o que perspectiva medo.

Além do mais, se homens correm o risco de serem roubados durante o período noturno, mulheres podem sofrer inúmeras possibilidades de violência (42). Em razão disso, é pertinente que a noite não seja das mulheres, como consta no enunciado (40). Conforme sustenta Guimarães (2017), o real é dividido de maneira desigual por uma normatividade contraditória caracterizada pelo político. Neste caso, a noite é dividida desigualmente entre mulheres e homens.

Por fim, observemos que na busca por “medo” + “homem” + “noite”, outrossim, há o medo do escuro — um dos referenciais temáticos da “noite” —, o qual ocorre com o “homem” enquanto ‘indivíduo’, ou seja, relacionado à humanidade (43). Ademais, na última ocorrência (44), é importante salientar que se trata da primeira ocorrência que aparece no *Google*. Assim, percebemos que quando essas três unidades nominais são associadas, o resultado é: ‘medo de homem’.

Notemos, diante de todo o exposto, que essa materialização política do que nos transcende e nos controla é obra e matéria vívida de nossos discursos. A mitologia fundamenta o mundo e é como o primogênito da enunciação. “Os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do ‘sobrenatural’) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje” (Eliade, 2016, p. 11, grifo do autor).

Entendemos que entre o dia e a noite, a luz e as trevas, assim, há um imenso possível de acontecimentos. Em conformidade com Dias (2021)<sup>42</sup>, postulamos que há um trânsito de perspectivas que se dão sob o dissenso, ou seja, sob o político. As perspectivas são afetadas pelo espaço de enunciação, concomitantemente, contornadas pelo político, de maneira desigual. Isso posto, não há como estabelecer um domínio de origem ou enunciado causal, mas há caminhos nos quais transitam regularidades perspectivadas, pontos de vista.

Essa dualidade, por essa razão, não teve seu começo, nem mesmo terá seu fim, na Bíblia Cristã, pois o signo é o resultado incessante de uma luta estabelecida entre a resistência e a mudança, e vive sob a égide de pontos de vista, como vimos no tópico anterior. Essas

---

<sup>42</sup> Fala do prof. Dr. Luiz Francisco Dias, em reunião do grupo de estudos Enunciar (UFMG), realizada no dia 29 de novembro de 2021.

perspectivas referenciais, então, são repetidas, diferenciadas e atualizadas ao longo da história, da relação entre linguagem e mundo, linguagem e homem, linguagem e linguagem.

Nesta seção, fitamos a análise de como ocorre o político na linguagem e pela linguagem. Mais uma vez, é importante ressaltar que, para nós, o político não se dá apenas nos enunciados desta seção. Buscamos, sobretudo, uma maneira metodológica de demonstrar como o político funciona. Contudo, ressaltamos, o político é inerente à linguagem. No último tópico, **4.4 Sinonímia, antonímia e a vida quimérica de um sentido**, procuraremos desenvolver possíveis caminhos de estudo das categorias de sinônimo e antônimo para uma semântica de bases enunciativas, tendo por base as FNs nas quais temos investido nosso olhar analítico.

#### 4.4 Sinonímia, antonímia e a vida quimérica de um sentido

(45) FIGURA 19: *Las Thraison des Images*



Fonte: ReneMagritte.Org<sup>43</sup>

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.renemagritte.org/the-treachery-of-images.jsp>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Nessa obra, o pintor surrealista, René Magrite, pretende uma contradição: pintar a coisa nomeada e, a um só tempo, dizer que a coisa nomeada não é a coisa que está pintada. A coisa, assim, é significada pelo que ela não é, ainda que, de forma regularizada historicamente e enunciativamente, ela não deixe de ser o que também é. Podemos dizer que se trata de uma atualização, da diferença encontrada na repetição, manifestada pela arte e pelas possibilidades dos sentidos.

Esse paradoxo, de início, expõe a marca intangível e incognoscível da linguagem e do mundo, posto que o objeto que aparece no enunciado visual não é um cachimbo, como afirma o enunciado que está simultaneamente abaixo. Podemos, assim, nos questionar acerca do que é um cachimbo em si, do sentido do cachimbo, do que é dizer a coisa, do que é, no limite, dizer e significar.

Michel Foucault (1999 [1966], p. 12), em uma bela leitura sobre *Las meninas*, de Diego Velázquez, nos diz que “a relação da linguagem com a pintura é uma relação infinita. [...] por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz”. Há algo, então, que sempre escapa, sentidos-outros que, há séculos, tentamos apreender, quer por meio dos dicionários, dos manuais, das hipóteses formais, dos estudos da lógica, quer por intermédio das teorias mentalistas, das abordagens do contexto, dos métodos da Enunciação.

Nesta seção, abordaremos, de forma breve, a diferença no tratamento que a Semântica Histórica da Enunciação pode oferecer aos estudos sobre o sentido ou os efeitos de sentido, ou seja, acerca dos conceitos, neste estudo, de sinonímia e antonímia. Temos ciência de que o caminho semântico-enunciativo nos permite visitar os manuais de semânticos que temos, até então. Mas, tendo em vista uma dissertação de Mestrado, almejamos apresentar apenas uma faísca do que o campo teórico pode propor cientificamente. A investigação que aqui se dá, portanto, não pretende ser o fim de um trabalho dissertativo, mas, para bem da verdade, o início de um projeto de pesquisa.

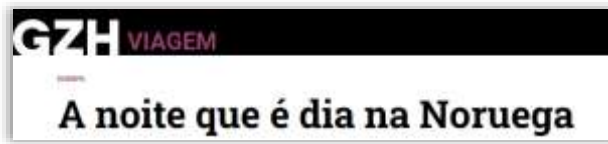
Primeiro, então, comecemos por dizer que a relação com o dia e a noite não está pautada nas definições que os dicionários propõem sobre essas FNs, uma vez que são ‘sentidos’ estabilizados num determinado momento histórico, produzidos por relações de poder (Le Goff, 1990), que advêm de escolha que não é inocente (Barthes, 2001), por uma ação enunciativa, numa tentativa de domesticar o indomesticável.

A relação com a constituição histórica dos sentidos é política e enunciativa, como viemos defendendo desde o início deste estudo. Por isso, as formas significantes da língua — e isso inclui as formas “dia” e “noite” — “significam em articulações com domínios sociais de

mobilidades de sentidos, a partir de referenciais históricos” (Dias, 2018, p. 41). Vejamos a seguinte rede enunciativa na qual aparecem as entradas de busca “dia” + “noite”:

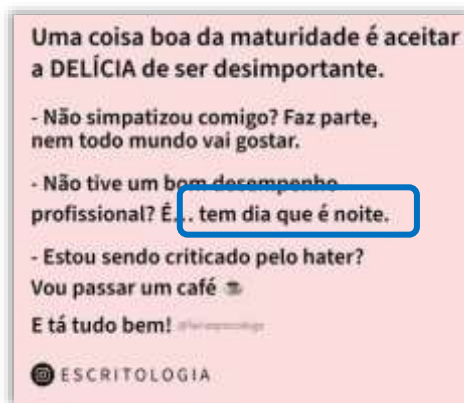
**QUADRO 21** - Rede enunciativa: *Ceci n'est pas* só “dia” ou só “noite”

(46) **FIGURA 20:** Noite que é dia



Fonte: GZH<sup>44</sup>

(47) **FIGURA 21:** Dia que é noite



Fonte: Instagram<sup>45</sup>

(48) **FIGURA 22:** Todo dia é noite



Fonte: Amazon<sup>46</sup>

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>44</sup> Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/viagem/noticia/2017/03/a-noite-que-e-dia-na-noruega-9757815.html>. Acesso em: 18 dez. 2023.

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7EXXN6u0nP/?igsh=eWtxamV0NzY3emp1>. Acesso em: 15 mai. 2024.

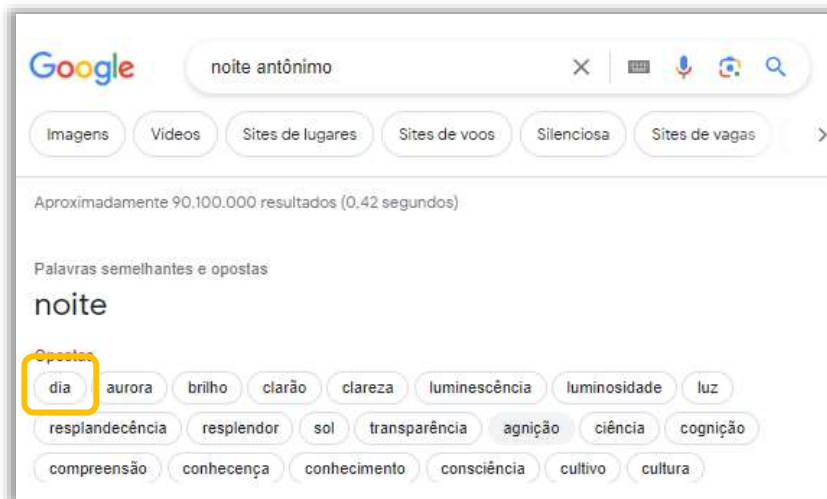
<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.amazon.com/Todo-Noite-George-Frederico-Clark/dp/8541600459>. Acesso em: 15 mai. 2024.



A partir dessa rede enunciativa (Quadro 21), podemos dizer, inicialmente, que não há construção de ‘um’ sentido, mas associações de referenciais históricos. Um dizer sempre se articula com outro dizer, na temporalidade própria do acontecimento da enunciação. Por isso, um dizer sempre aponta para outro dizer. Assim, não existe uma antonímia exata entre as FNs “dia” e “noite”, como nos indicam os estudos tradicionais e os resultados do *Google*, tal qual ilustrado na rede do Quadro 4, o qual retomamos a seguir a fim de garantir a compreensão:

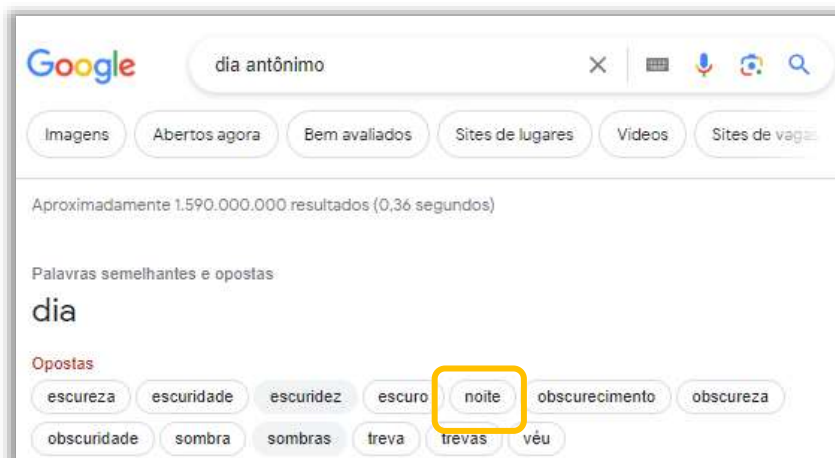
#### QUADRO 4 - Resultado (*Google*) para ‘antônimos’ de “noite” e “dia”

(13) FIGURA 4: Ocorrência de antônimos para “noite”



Fonte: Google, 16 dez. 2023.

(14) FIGURA 5: Ocorrência de antônimos para “dia”



Fonte: Google, 16 dez. 2023.

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim como não podemos falar de antonímia, também não podemos dizer que há sinonímia em si, isso porque não há um sentido literal ou agregado, um sentido primeiro ou puro, posto que as formas de mobilização são qualificadas no acontecimento enunciativo. Em função disso, nenhuma forma linguística entra em enunciação sem se qualificar para isso, pois toda enunciação vem de uma mobilização, de uma rede de sentidos.

Podemos nos questionar sobre o que é qualificar uma forma na enunciação: trata-se de oferecer a ela potência de sentido, porque a forma pela forma não diz, não significa. Assim, o limite do que podemos significar é aquilo que nos mobiliza a significar na interface dos planos orgânico e enunciável. A língua não se faz somente no plano material, tampouco apenas no plano simbólico. A língua não se dá na domesticação dos dicionários de sinônimos e antônimos, os quais, de maneira regularizada, expõem “dia” e “noite” como opostos, os quais não oferecem a possibilidade do “dia” ser “noite”, mas somente do “dia” ser o que a “noite” não é, e vice-versa. Afinal, quanto mais homogeneidade dos sentidos, mais controle argumentativo, mais controle dos nomes, dos referenciais, das perspectivas, no limite, do real.

Para abordar a noção de significados similares, devemos, talvez, tratar de uma sinonímia em rede, que, materializada em formações nominais, não mostra, à primeira vista — isto é, fora de um campo analítico —, o jogo de articulações semântico-enunciativos de que se vale. A similaridade, ou mesmo a distinção — se tomarmos a antonímia —, é, por assim dizer, uma sinonímia articulada que funciona somente enquanto acontecimento enunciativo, ou seja, a partir de referenciais históricos articulados.

Isso nos permite enunciar que há uma noite que é dia (46), que tem dia que vira noite (47), que, finalmente, ‘todo dia é noite’ (48). A “noite” e o “dia”, nesse caso, são significados na configuração de uma sinonímia enunciativa, o que, por conseguinte, equivale a dizer que as FNs “noite” e “dia”, qualificadas na enunciação exposta no Quadro (21), são sinônimas, posto que “é na enunciação que os domínios de mobilidade do sentido alicerçam essa tensão entre o *a significar* e o *já significado*” (Dias, 2018, p.30).

Por fim, tomando como base o caminho enunciativo que realizamos até esta seção, elaboramos um quadro dos sinônimos encontrados em rede com as ocorrências que foram apresentadas nesta pesquisa:

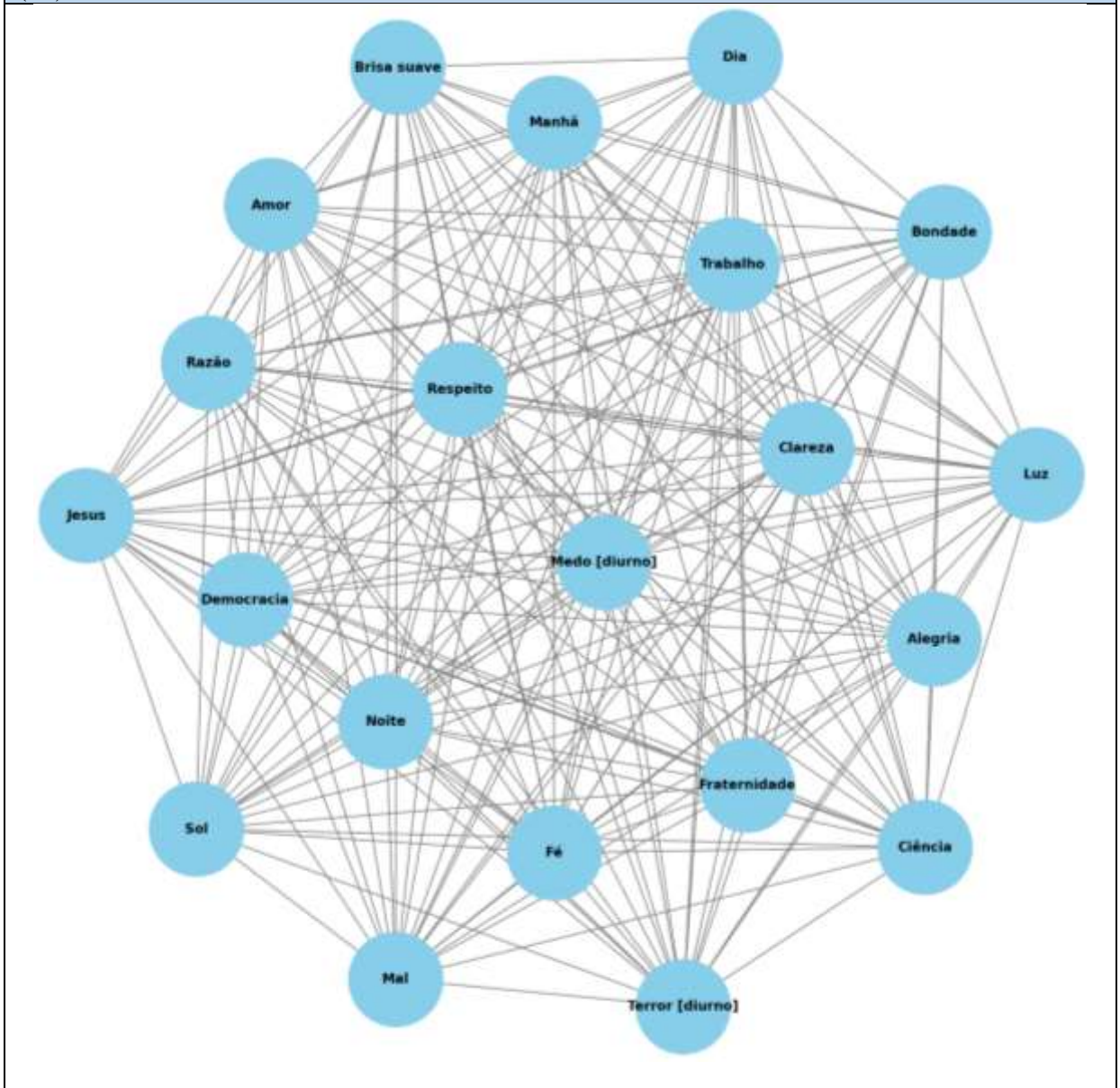
**QUADRO 22 - Sinonímia enunciativa das FNs “dia” e “noite”**

<b>SINONÍMIA ENUNCIATIVA</b>	
Dia	Luz – Jesus – Amor – Bondade – Razão – Ciência – Democracia – Fraternidade – Respeito – Fé – Clareza – Manhã – Sol - Terror [diurno] – Alegria - Brisa suave – Trabalho – Mal - Medo [diurno] - Noite
Noite	Escureidão – Trevas – Ódio - Não-bom - Insanidade – Privilégios – Mentira – Egoísmo - Ausência de fé – Tropeço – Preocupação – Medo – Solidão - Chuvas tempestivas - Grandes ventanias – Amizade - Golpe de Estado – Racismo – Sexo – Choro – Furacão – Manhã – Madrugada - Meio da tarde – Tarde - Trabalho [noturno] – Descanso – Mal – Terror - Dia

Fonte: Elaborado pela autora.

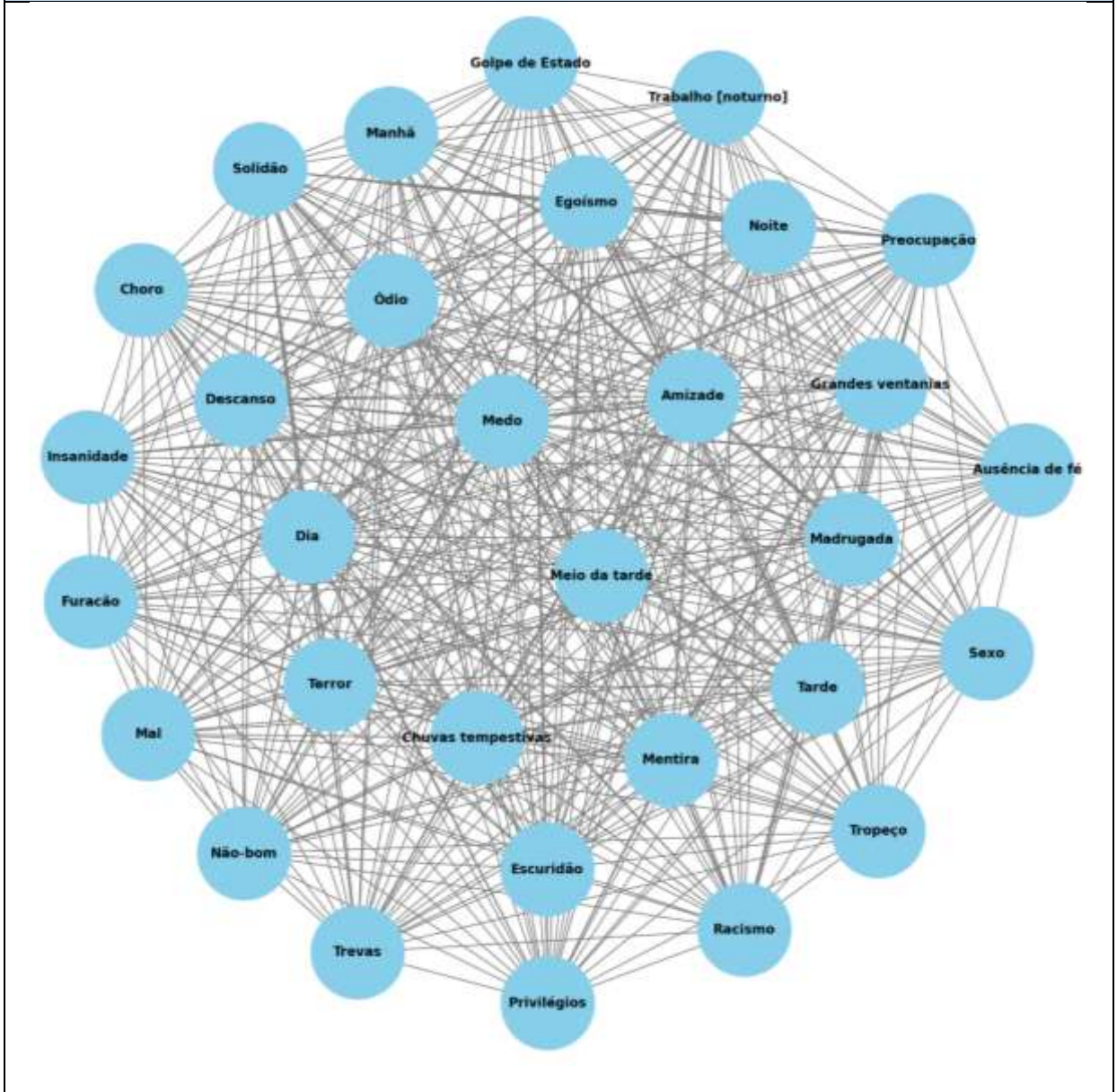
Tal sinonímia enunciativa também pode ser visualizada em rede, nas seguintes figuras:

(48) FIGURA 23: A rede do “dia”



Fonte: Elaborado pela autora.

(49) FIGURA 24: A rede da “noite”



Fonte: Elaborado pela autora.

Notamos que o campo enunciativo tanto de “dia” como de “noite” funciona como um espaço de regularidades e atualizações. A presença do convergente adjetival demonstra como uma atualização na língua depende, às vezes, de se dizer, de modo articulatório, para diferenciar, como podemos ver em:

(50) terror diurno, medo diurno

(51) trabalho noturno

Os sentidos dos nomes-núcleo dessas FNs estão de tal modo assentados sobre o referencial da noite em (50) e do dia em (51) que se faz necessário trazer para o plano da organicidade os convergentes diurno e noturno. É importante dizer que o convergente anuncia o espaço da sinonímia em rede, quando, antes, de maneira estabilizada, terror, medo e descanso funcionavam como referenciais da noite, e trabalho associado ao dia. Em suma, antônimos e sinônimos não são “constituídos pelos significados das palavras”, mas oposição e similaridade são criadas em um campo enunciativo configurado em rede com outros dizeres (Dias, 2018, p. 41).

Além disso, a partir de uma abordagem enunciativa, é possível dizer que “ciência” e “dia” são sinônimos, assim como “noite” possui sinonímia com “egoísmo”, como nos questionamos anteriormente. Isso não impede que numa determinada enunciação, a forma “noite”, quando qualificada enunciativamente, não seja sinônimo de “ciência”, e a forma “dia” sinônima de “egoísmo”, afinal “tem dia que vira noite” e “tem noite que vira dia” (Quadro 21, ocorrências 46 e 47). Quando nasce o sol, pode nascer a fraternidade, como pode nascer também o terror; do mesmo modo, quando o sol se põe, pode vir o tropeço, mas também a amizade.

Em suma, assim como “a primeira noite” (Quadros 9 e 10, ocorrências 23 e 24) pode ser prazer e/ou conquista de direitos, ou seja, pode se distinguir de si mesma a depender do acontecimento enunciativo, o litígio enunciativo não ocorre, como frisamos, entre quem diz “luz” e “escuridão”, mas, sobretudo, entre quem enuncia “luz” e “luz” (Rancière, 1996). A rede enunciativa nos possibilita um procedimento analítico dessa ordem, uma vez que mostra “as forças sociais [não-visíveis] que determinam as diferenças nos domínios de significação” (Dias, 2018, p. 51).

Nessa medida, o estudo da arquitetura das formações nominais nos mostra que os sentidos não estão previstos na natureza. Portanto, entendemos que do ponto de vista semântico-enunciativo, o conhecimento que temos do real é um recorte no referencial histórico, isto é, todo efeito de sentido é um efeito recortado em um movimento de perspectivação. Os sentidos estão filiados institucionalmente, seja pelo mito, seja pela religião, seja pela história ou pelo porvir. Atuamos frente aos instantes dos sentidos, seus movimentos distintos e regulares, sua materialização política, suas possibilidades enunciativas.

Tendo isso em vista, esperamos ter apresentado, nesta seção, um caminho para a elaboração de um projeto que volte um olhar rigoroso para as potências da significação, cuja mobilidade e qualificação se dá na enunciação. Dessa maneira, compreendemos que os sentidos possuem em si a face material, mas também a face enunciável, e, por essa razão, ocorrem numa demanda do enunciar, a qual é política e histórica.

## CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa demonstrou que os estudos semântico-enunciativos propostos por Dias (2013, 2015, 2018) e Guimarães (2017 [2002], 2018) nos fornecem ferramentas conceituais valiosas para investigar como as formações nominais são constituídas histórica e politicamente. Assim, ao examinarmos as FNs que envolvem os nomes-núcleo e os convergentes recortados para este trabalho — **“dia”, “noite”, “luz”, “escuridão/trevas”, “diurno” e “noturno”** —, sob o viés desse escopo teórico-metodológico, pudemos observar a soberania do político na forma como significamos o mundo e a nós mesmos, uma vez que não só as relações entre as FNs estão em rede, mas os papéis sociais também estão.

Tendo em vista a **hipótese de pesquisa**, destacamos a persistência da mitologia judaico-cristã como uma ancoragem seminal de referencial ainda de forma contemporânea, uma vez que somos, também, contemporâneos à temporalidade posta pelo acontecimento enunciativo. Notamos, então, a predominância dicotômica e opositiva entre o “dia” e a “noite”, como o “bom” e o “não-bom”, a “razão” e a “insanidade”, o “amor” e o “ódio”, a “fé” e sua ausência.

Ao falarmos do “dia” e da “noite”, assim, somos agenciados a significá-los, sobretudo, ancorados no referencial histórico da religião, mas não só. Como **objetivo macro**, investigamos, então, **o modo como os referenciais históricos licenciam a constituição das FNs analisadas, assim como os efeitos de sentidos que tais formas linguísticas evocam**, principalmente nas seções **4.1 Os caminhos da formação nominal: um olhar para o referencial histórico cristão do “dia” e da “noite”** e **4.2 Referencial histórico e pontos de vista**.

No quarto capítulo (**4 Em análise: o dia e a noite dos sentidos**), buscamos realizar os quatro **objetivos específicos** delimitados na introdução deste estudo, quais sejam:

1. Examinar os efeitos de sentido das formações nominais estabelecidas e a ancoragem nos referenciais históricos delineados enunciativamente pela mitologia judaico-cristã.
2. Detalhar, a partir das formas linguísticas em análise, duas subcategorias de referencial histórico, quais sejam: referencial temático e perspectiva referencial.
3. Explicitar a participação do viés político nas divisões enunciativas que se configuram no dizer, por meio da observação das FNs aqui elencadas.

4. Revisitar os conceitos de sinonímia e antonímia para uma semântica de bases enunciativas, levando em conta os efeitos de sentidos balizados pelas FNs de que participam os nomes-núcleo “dia” e “noite”, “luz” e “trevas/escuridão” e os convergentes “diurno/noturno”.

No tópico **4.1 Os caminhos da formação nominal: um olhar para o referencial histórico cristão do “dia” e da “noite”**, demonstramos a condensação das articulações subnominais “dia” e “noite” e o referencial cristão, valendo-nos, majoritariamente, da **formação nominal**, do **referencial histórico** e da **pertinência enunciativa**, e do procedimento metodológico **redes enunciativas** (Dias, 2018, 2023).

Na **seção 4.2 Referencial histórico e pontos de vista**, atuamos com as subcategorias de referencial histórico, estabelecidas por Martins (2021), com base em Dias (2018), a fim de compreender os movimentos de sentido perspectivados dentro de um mesmo tema referencial. Para tanto, trabalhamos com o **referencial temático** e a **perspectiva referencial**, tentando discorrer sobre o tensionamento substancial dos sentidos, cuja significação se dá em um *continuum* sem arestas. Demonstramos, também, a atuação da força referencial independentemente de sua ocorrência em um nome-núcleo ou em um convergente, o que sustenta a noção de que a formação nominal ocorre numa articulação enunciativa que se organiza tendo como fio-condutor as relações internas (orgânicas) e externas (enunciáveis).

Em **4.3 Sobre o político da e na linguagem**, por sua vez, explicitamos a constituição do político na divisão do real e da enunciação. Elaboramos nossa análise da materialização política dos sentidos, nessa seção, a partir dos conceitos desenvolvidos por Guimarães (2017[2002], 2018) — espaço de enunciação, cena enunciativa e político —, e Rancière (1996 [1995]).

No tópico **4.4 Sinonímia, antonímia e a vida quimérica de um sentido**, por fim, tentamos revisitar os conceitos de sinônimo e antônimo por intermédio da Semântica da Enunciação, tendo em vista as formas linguísticas de nossa análise. Tratamos da sinonímia e da antonímia de maneira enunciativa, na qual “dia” e “noite” podem se dar, dependendo do acontecimento enunciativo, tanto em um antonímia enunciativa como em um sinonímia enunciativa, mas não podem ser antônimas pela ordem das coisas, porque o dia não é a noite e a noite não é o dia, ou porque os estudos tradicionais assim sugerem; o “dia” e a “noite” são pares opostos e/ou semelhantes enquanto formações nominais mobilizadas enunciativamente.



Em suma, “dia” e “noite”, “luz” e “trevas/escuridão”, são o que a história de suas enunciações significam (Guimarães, 2017 [2002]). Os sentidos, portanto, se movimentam politicamente numa relação entre o plano do enunciável e o plano da organicidade. Quando falamos do “dia” e da “noite”, estamos significando-os tendo em vista uma demanda do enunciar, os referenciais históricos que os ancoram e, simultaneamente, projetamos uma futuridade de suas enunciações. Assim, “tem dia que é noite” (47), tem amor que é ódio, tem razão que é insana, tem noite que não é noite para todos da mesma maneira; enfim, mais do que dia ou noite, pode ser dia e noite.

## REFERÊNCIAS

- ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- BARTHES, Roland. (1957). **Mitologias**. Tradução de Rita Buongermino e Pedro de Souza. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BÍBLIA. Português. **Santa Bíblia**. Tradução de João Ferreira de Almeida. [S. L.]: eBookLibris, 2006. E-Book. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/biblia.html#1>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- BURKERT, Walter. **Mito e Mitologia**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Edições 70, 2001.
- COMMELIN, Pierre. **Mitologia Grega e Romana**. Tradução de Eduardo Brandão. 4 ed. São Paulo: Editora WMP Martins Fontes, 2011, p. 3-4.
- DALMASCHIO, Luciani. **Predicação dirigida x predicação centrada: a (não) ocupação do lugar sintático de objeto na perspectiva da Semântica da Enunciação**. 2013. 170 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- DALMASCHIO, Luciani; MARTINS, Vic Stussi. O processo de reescrituração da formação nominal corpo real e suas direções argumentativas. **Caderno de Letras UFF**, Niterói, v. 33, n. 64, p. 33-54, 2022.
- DIAS, Luiz Francisco. Pertinência enunciativa e sustentação referencial: nos limites do sintático e do semântico. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 389-398, 2013.
- DIAS, Luiz Francisco. Sentido e enunciação: a atualidade do conceito de acontecimento na Semântica. **Revista Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 229-248, junho de 2015.
- DIAS, Luiz Francisco. Enunciar o ininteligível. In: BECK, Maurício; DIAS, Juciele Pereira; MARIANI, Bethania; MOREIRA, Carla Barbosa. **Indizível, ininteligível e imperceptível: o sujeito contemporâneo e seus arquivos**. Niterói: Eduff, 2017a. p. 123-139.
- DIAS, Luiz Francisco; ZATTAR, Neusa. O funcionamento do vocativo: uma abordagem da enunciação. **Domínios de Lingu@gem**. Uberlândia, vol. 11, n. 4, p. 1136-1151, out./dez., 2017b.
- DIAS, Luiz Francisco. **Enunciação e Relações Linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- DIAS, Luiz Francisco. Redes enunciativas. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 26, n. 51, p. 155–172, 2023. DOI: 10.20396/lil.v26i51.8673668. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8673668>. Acesso em: 17 mai. 2024.

DUCROT, Oswald. Enunciação. *In: Enciclopédia Einaudi: linguagem-enunciação*. vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 368-393, 1984.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

ELIADE, Mircea. (1963). **Mito e Realidade**. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FOUCAULT, Michel. (1966). **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. de Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. (1969). **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. (1971). **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

GUIMARÃES, Eduardo. Domínio semântico de determinação. *In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. (Orgs.). A palavra: forma e sentido*. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. (2002). **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 4 ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica**: Enunciação e sentido. Campinas: Pontes, 2018.

GUIMARÃES, Igor Caixeta Trindade. **A formação nominal em português**: um estudo sintático-semântico de bases enunciativas. 2011. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

LE GOFF, Jacques. (1988). **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MARTINS, Vic Stussi. **Um olhar para o corpo feminino**: o movimento enunciativo na construção dos efeitos de sentido. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei. São João del-Rei. 2021, 150p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à Vista**. São Paulo: Cortez/Editora da Unicamp, 1990.

RANCIÈRE, Jacques. (1995). **O desentendimento**: política e filosofia. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996.

SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. “Para que língua se traduz o Ocidente?”. **O que nos faz pensar**, n. 10, v. 1, p. 59-75, out. de 1996.